



Claudemiro Soares

HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

Escolha ou destino?

A atração pelo mesmo sexo e as abordagens
Terapêuticas para a mudança de orientação sexual



Revisão e Composição
Claudemiro Soares
Programação Visual e Arte de Capa
Raul Evaristo
Impressão
Thesaurus Editora

Soares, Claudemiro

Homossexualidade masculina: escolha ou destino?, A atração pelo mesmo sexo e as abordagens terapêuticas para a mudança, a de orientação sexual / Claudemiro Soares. -

Brasília: Thesaurus, 2008. 258 p.

Esse Livro foi digitalizado com permissão e colaboração do autor.
Apoiamos e incentivamos SUA reprodução, utilização e distribuição.
Nossa intenção em lançar o material em arquivo “pdf” é alcançar o maior número de pessoas GRATUITAMENTE.

É PROIBIDO COMERCIALIZAR OU ALTERAR ESSE ARQUIVO.

Maiores informações:

closetbook@hotmail.com / luzesal@gmail.com



In memoriam de Ronnie Antonio Paris,
Menino estadunidense assassinado aos 3 anos de idade
porque aparentava “ser” homossexual. Seu próprio pai o matou.

Agradecimentos

A homossexualidade ainda é um assunto polêmico e desagradável para a maioria da população. Talvez seja esse o motivo pelo qual muitas pessoas que contribuíram para a realização desta obra tenham pedido para que eu não mencionasse seus nomes. Por mais que eu queira agradecê-las publicamente, preciso, acima de tudo, respeitá-las. Ainda assim, tenho certeza de que todas elas sabem da minha gratidão. Espero que a publicação deste livro contribua para a desmistificação desse tema e que um dia todos nós possamos falar abertamente a seu respeito.

Aquele que não sabe repousar no limiar do momento esquecendo todo o passado, aquele que não sabe se soerguer como gênio da vitória, sem vertigens e sem temor, nunca vai saber o que é a felicidade e, o que é pior, nunca vai fazer algo que possa tornar felizes os outros.

Nietzsche, filósofo alemão.

Sumário

Apresentação.....	6
Introdução	7
Parte I	
<i>Mitos e verdades sobre a homossexualidade masculina</i>	
Honra na Grécia antiga?.....	09
Normalidade em outras tribos?.....	14
Natural como a natureza?.....	16
A hipótese do Hipotálamo.....	18
Inversão Cerebral.....	19
Está no sangue?.....	21
O Gene Gay.....	22
Disfunção hormonal?.....	24

O mito da causa multifatorial.....	25
Freud explica!.....	27
<i>As ciências da alma e a homossexualidade</i>	27
<i>Estudos contemporâneos</i>	28
<i>A família</i>	29
<i>Herói ou bandido?</i>	30
O Desenvolvimento psicodinâmico da homossexualidade.....	32
<i>Amigos e rivais</i>	33
<i>A mãe</i>	35
<i>Jogo, perigo e preguiça</i>	36
Traumas e crise de identidade.....	37
<i>A terrível diferença</i>	37
<i>Os abusos homossexuais</i>	38
<i>O desespero</i>	42
Síntese do desenvolvimento da homossexualidade.....	44
A voz da Sociologia.....	45
<i>Alguém nasce gay?</i>	46
<i>Ninguém nasce heterossexual</i>	48
Os dois lados do armário.....	49
<i>Pais e Filhos</i>	49
<i>A iniciação sexual precoce</i>	50
<i>O grande conflito</i>	52
<i>O Ponto “G” (de gay)</i>	54
<i>A vida (gay) como ela é</i>	56

Parte II

Ser ou não ser?

Alguém quer mudar?.....	59
<i>Acho que sou gay, mas não quero ser!</i>	60
<i>Quero ser macho!</i>	60
<i>Não quero ser gay!</i>	60
<i>Não quero mais... ajudem-me!</i>	60
<i>Socorro!</i>	60
<i>Conversa na varanda: Ser gay ainda não é fácil</i>	60
<i>Quero muito ser livre disso</i>	60
<i>Isso é como uma doença incurável</i>	61
É possível?.....	62
<i>Um caminho sem volta</i>	62
<i>A variação do desejo</i>	63
A mudança de orientação sexual na história recente.....	66

Parte III

Abordagens terapêuticas modernas e análises científicas

Conhecimento e ousadia.....	71
Abordagem Direta do Inconsciente.....	72
EMDR – Dessensibilização e Reprocessamento por meio de Movimentos Oculares.....	72
REBT – Terapia Racional Emotiva do Comportamento.....	73
As Constelações de Bert Hellinger.....	74

Terapia de contexto específico.....	75
(Context Specific Therapy-CST).....	75
Logoterapia.....	76
Terapia Reparativa.....	77
Análise Transacional.....	78
Terapia Centrada no Cliente.....	80
Tratamento da Neurose Homossexual.....	81
O Processo de Cura (The Process of Healing)	81
Filosofia Oriental.....	82
O Eneagrama.....	83
Movimento de Apoio.....	84
Mudança espontânea.....	86
Análise Multifocal.....	87
A melhor alternativa para a mudança.....	88
Análises científicas dos casos de mudança.....	89
<i>Pesquisas internacionais</i>	90
<i>Estudos brasileiros</i>	92
<i>Espiritualidade e transformação pessoal</i>	93
Armários revirados.....	94
Uma mudança radical: a experiência do autor.....	98
Ignorância, preconceito e discriminação.....	101
A fé pode ajudar?.....	103
<i>Um mundo de pessoas que crêem</i>	103
<i>A espiritualidade dos homossexuais</i>	103
<i>Sem direito ao paraíso</i>	103
<i>O Papa não abençoa</i>	104
<i>Os evangélicos amaldiçoam</i>	104
<i>O Espiritismo condena</i>	104
Está resolvido?.....	106
<i>Um Conselho contra a Psicologia</i>	107
<i>Por que seria possível mudar o sexo, mas não a orientação sexual?</i>	108
<i>Antígonas do século 21</i>	110
<i>Até os psicólogos mudam!</i>	110
Pense por si mesmo!.....	111
Conclusão.....	112

Apêndice

RESOLUÇÃO CFP N° 001/99.....	113
Nota do autor sobre os Direitos Humanos e a Sexualidade.....	114
Bibliografia.....	117

Apresentação

Recentemente, Ronaldo, um dos melhores jogadores de futebol de todos os tempos, envolveu-se em um escândalo homossexual que repercutiu no mundo inteiro. Embora tenha permanecido por um longo tempo na companhia de três homossexuais em um motel da capital fluminense, o jogador afirmou que tudo não passou de um engano. Algumas pessoas acreditaram na explicação do craque; outras, não!

Algum tempo depois do *fenômeno* no motel carioca, Paulo Coelho, um dos maiores expoentes da literatura brasileira, surpreendeu a opinião pública ao assumir que manteve relacionamentos homossexuais durante algum tempo de sua vida. Apesar disso, há quem afirme que ele “nunca foi gay”.

A *performance* do atleta no motel e a declaração do famoso escritor provocaram sérios questionamentos na mente de muitas pessoas. Afinal, o que é a homossexualidade masculina? É possível que um homem adulto mantenha relações sexuais com outros homens e depois “decida” ser heterossexual? A atração por pessoas do mesmo sexo é uma opção consciente ou um destino inexorável?

Ao contrário do que muitos pensam a homossexualidade é um fenômeno muito comum no mundo dos homens. Pesquisadores constataram que metade da população masculina já se sentiu atraída por pessoas do mesmo sexo e que 3 em cada 10 homens confessam que atingiram o orgasmo em pelo menos uma relação com alguém do mesmo sexo. Assim, aproximadamente **27 milhões de brasileiros do sexo masculino tiveram pelo menos uma experiência homossexual.**

Como milhares de brasileiros, eu tive relações homossexuais e, depois de mais de duas décadas de experiências pessoais e pesquisas em diversas áreas do conhecimento humano, tenho o privilégio de compartilhar com você minha história e o que aprendi sobre a homossexualidade masculina.

Você conhecerá o que os maiores estudiosos do comportamento humano escreveram sobre o desejo homossexual e as abordagens terapêuticas para o tratamento da homossexualidade.

As experiências e teorias apresentadas neste livro aumentarão seu conhecimento a respeito desse tema polêmico que interessa a milhares de pessoas em todo o mundo.

Você encontrará uma abordagem humanista da homossexualidade masculina. Além disso, as alternativas disponíveis para quem deseja mudar a própria orientação sexual serão apresentadas dentro dos padrões do método científico. Livre de moralismo e religiosidade, esse tema será exposto à luz dos fatos, teorias e experiências pessoais daqueles que conhecem bem essa seara.

Acredito que o conhecimento compartilhado nesta obra possa contribuir para a diminuição do preconceito e da discriminação contra os indivíduos que sentem atração pelo mesmo sexo. Além disso, estou certo de que muitas pessoas encontrarão neste livro informações úteis para compreender que todos os homens nascem livres.

Espero que você leia este livro com uma postura verdadeiramente cética, no sentido em que o professor Eduardo Socha entende o *ceticismo*. Ele acredita que o cético busca a verdade, reflete sobre seus próprios conceitos e impressões e depois denuncia a falência de todo sistema que pretenda, de maneira dogmática, se apresentar como a própria expressão da verdade.

Boa leitura!

O autor

Introdução

Em praticamente todos os países do mundo, a homossexualidade é um tema que divide a opinião das pessoas. Há quem afirme que ela é uma prática imoral e contrária à natureza. Por outro lado, muitos acreditam que a atração pelo mesmo sexo seja uma variação natural da sexualidade humana. Independentemente do nível de desenvolvimento social do país em que esse tema é debatido, a opinião das pessoas oscila entre esses dois lados do debate.

No Brasil, a situação não é diferente. Metade da população brasileira acredita que os homossexuais “nascem assim”. Na verdade, até mesmo algumas autoridades governamentais acreditam no caráter natural da homossexualidade. Além disso, a maioria dos brasileiros parece convencida de que é impossível mudar a orientação sexual de uma pessoa.

Geralmente, as pessoas acreditam que a homossexualidade existe desde a Grécia antiga e que esse fenômeno acontece com pessoas de todas as tribos, raças e regiões geográficas deste mundo. Algumas pessoas chegam a afirmar que a homossexualidade pode ser observada até mesmo entre macacos, peixes e insetos.

Será que tudo isso é verdade? Como uma grande parte da população chegou à conclusão de que a homossexualidade é inata e imutável? Existem evidências científicas que comprovem essas idéias?

Em primeiro lugar, para examinarmos racionalmente esse assunto, é preciso que fique claro o que se entende por homossexualidade nos dias de hoje. Atualmente, há consenso entre os especialistas que a homossexualidade não é apenas o ato sexual praticado entre dois homens ou duas mulheres. Os estudiosos acreditam que o homossexual é um indivíduo que sente atração sexual e se envolve emocionalmente com pessoas do mesmo sexo. Desse modo, um homem cujas fantasias sexuais e sentimentos românticos são despertados involuntariamente por outros homens poderia ser definido como “homossexual” - ainda que ele não se envolvesse sexualmente com ninguém.

Depois de definirmos o que é uma pessoa homossexual, precisamos examinar a História para verificar em que medida a homossexualidade - tal como a compreendemos nos dias de hoje - pode ser comparada aos hábitos sexuais e afetivos dos povos da Antiguidade. Nesse mesmo sentido, é preciso analisarmos se todo comportamento praticado por animais e insetos pode ser considerado natural para os seres humanos.

Além de registros históricos e características biológicas, outros aspectos da natureza humana permeiam os estudos sobre a homossexualidade. Um desses aspectos - talvez o mais importante - diz respeito à maneira pela qual um indivíduo vê a si mesmo e se

relaciona com as pessoas à sua volta. Nesse caso, os estudiosos do comportamento humano contribuem decisivamente para que possamos compreender a atração pelo mesmo sexo e o seu impacto na formação da personalidade de cada indivíduo.

Pesquisadores e profissionais de várias áreas do conhecimento investigam há muitos anos os fatores que contribuem para o desenvolvimento da homossexualidade. Psiquiatras, psicanalistas e psicólogos de varias partes do mundo pesquisam exaustivamente esse tema e apresentam à comunidade científica, há pelo menos dois séculos, os resultados de suas pesquisas e experiências no atendimento clínico de pessoas que se declaram homossexuais.

Infelizmente, a experiência clínica e a maior parte da produção intelectual dos cientistas que estudam a atração pelo mesmo sexo não chegam ao conhecimento do público em geral.

Apesar disso, a maioria dos brasileiros está convencida de que algumas pessoas trazem do útero materno a característica “natural” que fará com que elas desenvolvam a atração pelo mesmo sexo em alguma fase da vida.

Este livro visa a contribuir para que a sociedade observe com mais atenção o conteúdo das idéias que dominam o debate sobre a homossexualidade no Brasil e no mundo.

A partir de uma abordagem humanista e não-religiosa, serão expostos neste trabalho os fatos sobre a homossexualidade e os caminhos alternativos para quem deseja mudar a orientação sexual. Além disso, serão apresentadas muitas análises científicas rigorosas da história de pessoas que se declaram “ex-homossexuais”.

Embora este livro não seja uma autobiografia, achei relevante compartilhar com você os aspectos mais importantes da minha história, no que se refere às minhas experiências homossexuais. Apesar disso, não pretendo convencê-lo de que a minha experiência seja “certa” ou “errada”. De igual modo, não me interessa demonstrar se a homossexualidade em si mesma é “boa” ou “ruim”.

A minha intenção ao descrever alguns momentos da minha trajetória antes e depois de assumir a homossexualidade é apenas oferecer um exemplo prático dos aspectos que fazem parte da vida da maioria dos homossexuais e daqueles que decidem mudar o próprio destino.

Você perceberá que não tenho a pretensão de convencê-lo de que a minha história personifica todas as idéias a respeito da homossexualidade ou que a minha experiência esgota as possibilidades para quem deseja mudar a orientação sexual.

Em cada parte deste livro você verá que a homossexualidade é um fenômeno complexo e que a compreensão desse tema requer uma postura humanista e uma visão verdadeiramente científica.

Você conhecerá os fatos e os mitos sobre a origem genética da atração pelo mesmo sexo e saberá o que contribui para o desenvolvimento da homossexualidade.

Você encontrará as explicações científicas sobre a homossexualidade masculina, de acordo com a opinião de muitos especialistas. Além disso, você saberá o que os estudiosos do comportamento humano pensam sobre a possibilidade de mudança da orientação sexual e os fundamentos das idéias sobre o tratamento da homossexualidade.

As abordagens terapêuticas para o tratamento da homossexualidade e os estudos científicos das alternativas para mudança da orientação sexual serão apresentadas de

maneira sucinta e objetiva. Aqueles que desejarem mais informações sobre o assunto poderão obtê-las diretamente dos terapeutas citados neste livro ou por meio da *Internet*.

Alguns comentários sobre a Resolução nº 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) serão apresentados e você conhecerá a opinião dos profissionais da Psicologia e do Direito sobre a decisão do CFP que desestimula a pesquisa, a divulgação e o debate sobre as abordagens terapêuticas para a mudança da orientação sexual.

Você tem em suas mãos o resultado de muitos anos de experiências pessoais e pesquisas nacionais e internacionais sobre a homossexualidade masculina e as alternativas para quem deseja mudar o desejo sexual.

Ao terminar a leitura deste livro, você poderá falar sobre a condição homossexual com base no conhecimento científico e na experiência de muitos homens que vivenciaram esse fenômeno.

PARTE I

Mitos e verdades sobre a homossexualidade masculina

Honra na Grécia antiga?

Usar a razão e falar e agir com prudência, detectando em tudo o que é a verdade, isso tudo é prudência. Pelo contrário, deixar-se enganar, errar, equivocar-se, ser ludibriado, tudo isso é tão indecoroso quanto delirar ou perder o controle mental.

CICERO, 106 A.C

Muitos estudos sobre a homossexualidade começam com uma descrição sobre o comportamento homossexual entre os homens da Grécia antiga. Alguns autores chegam a dizer que a homossexualidade era não apenas tolerada, mas honrada entre os gregos da Antiguidade. Os escritores Barbara e Allan Pease, por exemplo, em seu livro *Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?*, afirmam que os gregos da antiguidade não apenas praticavam a homossexualidade como também respeitavam o comportamento homossexual¹ As declarações a respeito da homossexualidade na Grécia

são contundentes e parecem convencer a maioria dos pesquisadores que investigam as origens do comportamento homossexual. Apesar disso, será que existem evidências históricas que sustentem essas declarações? É possível comparar o que entendemos como *homossexualidade* desde o início do século 20 com o que algumas civilizações da Antiguidade costumavam praticar?

Em primeiro lugar, é necessário definir os termos que serão utilizados em nossa análise histórica da homossexualidade. Assim, é importante que fique claro que entendemos a homossexualidade exatamente como a orientação sexual “cuja atração, tanto afetiva quanto erótica, dirige-se a uma pessoa do seu próprio sexo”.²

Entendemos, também, que a orientação não se restringe ao ato sexual, mas envolve o sexo, o erotismo, o romance e a afetividade. Esse entendimento está de acordo com a opinião do publicitário Julio Wiziack, homossexual assumido, militante gay e autor do livro *Abrindo o Armário*. Ele acredita que ser gay não é apenas fazer sexo com uma pessoa do mesmo sexo, mas envolver-se com ela.³

A partir da definição que adotamos para o termo *homossexualidade*, podemos examinar o que as evidências históricas do comportamento sexual de alguns homens da Grécia antiga nos permitem concluir sobre a maneira pela qual aquela civilização lidava com o desejo e o comportamento homossexual.

O primeiro aspecto que salta à nossa vista quando estudamos a homossexualidade na Grécia antiga consiste exatamente no fato de que essa palavra nem mesmo existia no idioma daquele povo. Desse modo, como podemos afirmar que havia gregos homossexuais na Antiguidade?

Talvez alguém entenda que o fato de os gregos não nomearem especificamente suas práticas homoeróticas não invalida a afirmação de que havia homossexuais entre o povo helênico antigamente. Apesar disso, estudos científicos sobre a história da Grécia mostram que esse entendimento carece de evidências e até mesmo de bom senso.

Os historiadores destacam que alguns homens gregos praticavam a **pederastia**. Esse termo designava a relação afetiva e sexual entre um adulto com mais de 30 anos e um adolescente com idade inferior a 18.

Os maiores pesquisadores da cultura grega descrevem com detalhes os hábitos sexuais dos gregos da Antiguidade. O pesquisador K. J Dover, professor em Oxford e na Stanford University, em seu livro *A Homossexualidade na Grécia Antiga*, apresenta aos seus leitores uma farta documentação sobre as práticas homoeróticas daquela época.

De acordo com as evidências apresentadas pelo Dr. Dover, a relação homossexual entre adultos praticamente não existia entre os gregos clássicos. Além de rara, essa prática era completamente reprovada até mesmo pelos praticantes da pederastia. Na verdade, os pederastas eram casados com mulher e praticavam a pederastia apenas esporadicamente para obter prazer e “contribuir” para a formação do caráter dos jovens atenienses.

Os pesquisadores Neil e Briar Whitehead também examinaram a história dos pederastas e constataram que, na cultura grega, a homossexualidade entre adultos era considerada moralmente repreensível - principalmente para o homem que assumia o papel “passivo” na relação homossexual. Entretanto, Neil e Briar Whitehead ressaltam que os meninos estavam isentos desse juízo tão severo porque o papel de “homossexual” passivo era considerado apropriado ao status social dos adolescentes na Grécia antiga.

Em seu livro *My Genes Made me Do It* (algo como Meus Genes me Fazem Agir Assim), Neil e Briar Whitehead destacam que, na Grécia antiga, os homossexuais passivos eram considerados a classe mais baixa, a escória, e não merecedores nem mesmo da forma mais insignificante de confiança e respeito.⁴

Até mesmo os militantes gays reconhecem o caráter peculiar do comportamento sexual dos *pederastas*. O Dr. Fabrício Viana, psicólogo, defensor da causa homossexual e autor do livro *O Armário*, assume que, para os gregos da Antiguidade, uma relação homossexual entre pessoas de uma mesma idade era vergonhosa e socialmente condenada.⁵

Existe uma vasta coleção de registros históricos que comprovam a “anormalidade” do comportamento homossexual na Grécia antiga. Em *As Leis*, Platão escreveu que cidadãos de boa índole não deveriam *plantar sementes estéreis em homens*. Ele acreditava que isso era contrário à natureza.⁶

Embora não negasse a intensidade do desejo sexual de alguns homens por outros mais jovens, Platão deixou claro que o prazer derivado das relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo não era natural. Ele dizia que a incapacidade de controlar o desejo por prazer é que levava os homens a praticar sexo entre si.

Platão defendia que seria correta a lei que proibisse completamente a cópula entre homens. Ele acreditava que essa lei estaria de acordo com a natureza e faria com que os homens se tornassem genuinamente afetuosos com as mulheres.

Além de Platão, outros pensadores gregos da Antiguidade reprovaram expressamente o comportamento homossexual entre adultos. Em seu livro *Amor, Sexo e Erotismo*, o Dr. Galdino Nunes Vieira destaca que Aristóteles recomendava a pederastia apenas aos homens com mais de cinquenta e quatro anos.⁷

O Dr. Galdino Nunes Vieira afirma que a recomendação aristotélica visava a evitar que indivíduos “idosos” gerassem filhos, pois não poderiam educá-los adequadamente devido à sua idade “avançada”. Além disso, Aristóteles considerava as relações sexuais entre homens adultos uma “anormalidade mórbida”

Para Aristóteles, experiências diversas poderiam desenvolver nos homens adultos o desejo sexual por rapazes. O pensador entendia que a atração sexual por meninos poderia surgir a partir do hábito. Ele dizia que um homem poderia se tornar habituado a atingir o orgasmo nas relações sexuais com rapazes e, dessa forma, o hábito passaria a se confundir com “uma natureza”. Aristóteles observou que essa *natureza* degenerada surgia ainda na puberdade e levava o indivíduo adulto a praticar sexo com meninos. Nesse caso, o adulto se sentiria “fixado” na sensação prazerosa que ele experimentou ao praticar sexo com algum homem na adolescência.

Embora alguns gregos da Antiguidade acreditassem que o desejo sexual por rapazes fosse natural, as pesquisas não demonstraram até o momento nenhum registro histórico que nos permita afirmar que existissem pessoas exclusivamente homossexuais na Grécia antiga.

Embora sejam desconhecidos os registros históricos de homossexualismo entre homens de uma mesma idade e status social, existem muitas evidências de que os *pederastas* recebiam as crianças para educá-las e as enganavam, bem como a seus pais, dizendo-lhes que a penetração anal era o meio mais apropriado para a transmissão e a aquisição da sabedoria. Assim, parece evidente que a prática sexual de muitos gregos da

Antiguidade se assemelha ao que atualmente poderia ser chamada de *pedofilia homossexual*.

Há consenso entre os estudiosos de que, por volta dos dezoito anos, o *eromenos* (menino) perdia a condição de pupilo e se tornava amigo do *erastes* (adulto) com o qual ele manteve relações sexuais até aquele momento. A continuidade de uma relação erótica entre eles era completamente desaprovada pela sociedade.

Ao contrário do que alguns autores desinformados costumam dizer, a homossexualidade - tal como a conhecemos hoje - não era aceita nem honrada na Grécia antiga. Na verdade, houve momentos em que as autoridades vedaram expressamente a prática da *pederastia* e fizeram leis para controlá-la.

Devido ao fato de alguns pais e tutores empregarem seus filhos e pupilos na prostituição, editou-se uma lei estabelecendo que se o pai ou o tutor de algum menino o vendesse para uso homossexual, o pai (ou o tutor) e o cliente estariam sujeitos a uma punição.

A crueldade e a falta de escrúpulos manifestadas pelos pederastas podem ser observadas no trecho de uma poesia escrita naquela época: “como um leão, confiante de sua própria força, agarrei um filhote de cervo, mas não bebi o sangue”.⁸

O verso descrito pelo pederasta grego demonstra claramente o padrão das relações sexuais entre homens e meninos na Grécia antiga: adultos fortes e ávidos por prazer sexual subjugavam meninos indefesos e satisfaziam nesses adolescentes os desejos mais primitivos.

Outro aspecto que merece destaque na interpretação do desejo sexual dos pederastas é o fato de nenhum deles demonstrar a menor preocupação com as conseqüências que a pederastia trazia para os adolescentes que eram estraçalhados como filhotes de cervo pelas garras de leões sanguinários e sucumbiam à tragédia do *amor* entre iguais.

Para os pederastas, o menino não participava do prazer do homem no ato sexual como se fosse uma mulher. Os “amantes de meninos” acreditavam que o adolescente apenas observava passivamente o adulto saciar de maneira egoísta os próprios desejos sexuais.

A idéia de que o adolescente não sente coisa alguma ao ser ferozmente penetrado pelo ânus por um homem adulto demonstra que os “educadores” da Grécia antiga - os pederastas - simplesmente abusavam sexualmente dos meninos e os deixavam pensar que aquilo se tratava de um ato “pedagógico”. Acredito que, isso sim, poderia ser chamado de “pedagogia do oprimido”, mas isso é história para outros livros.

As evidências demonstram que as declarações apaixonadas a respeito da homossexualidade na Grécia antiga não encontram nenhum respaldo nos registros históricos daquela civilização. Ao contrário, essas declarações demonstram na verdade a ignorância de quem as emite.

Muitos especialistas denunciam a arrogância intelectual daqueles que insistem em chamar de “homossexualidade” o comportamento de alguns gregos da Antiguidade. Estudiosos afirmam que até mesmo o termo “homossexualidade” é reconhecidamente vago para referir-se a todas as manifestações da atração sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Muitos homossexuais concordam que os termos *homossexual*, *gay* e *entendido* não denotam nenhuma diferença subjetiva ou objetiva. Há quem entenda que “é a mesma coisa. Tudo transa com homem - entendido, homossexual, veado, andrógino”⁹

O sociólogo e sexólogo estadunidense John Gagnon entende que a nomenclatura empregada para designar as práticas homoeróticas evidencia arrogância intelectual. Ele afirma que a aplicação de conceitos analíticos, sociobiológicos, sociológicos ou biológicos contemporâneos sobre a origem da homossexualidade, das práticas sexuais dos gregos da Antiguidade, dos monges da Idade Média ou dos nativos da Melanésia é um ato de **arrogância teórica**.¹⁰

Os militantes gays mais informados sobre a história da Grécia antiga admitem que as relações sexuais entre os gregos da Antiguidade não se comparam ao que chamamos de *homossexualidade* atualmente. Fabrício Viana, em seu livro *O Armário*, reconhece que na relação sexual entre os homens gregos clássicos sempre cabia apenas ao adulto desempenhar o papel de ativo na cama.

Hoje, sabe-se que, na maioria das vezes, as relações sexuais entre homens e rapazes acontecem de maneira oposta ao padrão dos gregos da Antiguidade, ou seja, cabe aos mais jovens subjugar sexualmente os mais velhos.

Ao longo dos séculos, a prática dos pederastas jamais alcançou status de honra. Para Schopenhauer, o filósofo alemão, a pederastia é uma monstruosidade, contrária à natureza, extremamente repugnante e horrorosa. Para o filósofo Michael Foucault, ela é “um amor ao qual falta a graça”.¹¹

Alguns autores costumam dizer que a homossexualidade era comum, honrada e até mesmo incentivada na Grécia antiga. Eles afirmam que somente após o advento do Cristianismo é que a homossexualidade passou a ser considerada “anormal” entre os gregos da Antiguidade. De acordo com a idéia desses autores, o surgimento de uma suposta moral “judaico-cristã” resultou na marginalização do desejo e do comportamento homossexual. Mais uma vez, estamos diante de uma afirmação que não encontra nenhum respaldo nos estudos dos historiadores mais notáveis de todos os tempos.

Para Michael Foucault, por exemplo, a idéia de uma sexualidade dentro de padrões rígidos não era originária do que alguns chamam de moral *judaico-cristã*. O filósofo francês estava convencido de que desde a antiguidade as relações sexuais entre homens eram vistas como algo nocivo ao equilíbrio das relações sociais predominantes. Além disso, Foucault achava que até mesmo a idéia de uma moral *judaico-cristã* não passa de um *mito*.

Alguns autores dizem que o homossexualismo era tão comum entre os gregos quanto entre os romanos. Apesar disso, as evidências provam que, na verdade, em Roma, a relação sexual entre homens também não poderia ser confundida com o que chamamos de homossexualidade nos dias de hoje.

Conforme destacou o homossexual Pedro Almeida em seu livro *Desclandestinidade*, “assim como os gregos, os romanos desaprovavam quando os homens mais velhos e os líderes assumiam o papel passivo [...] e quando a relação homoerótica denotava afetividade amorosa”.¹²

Pedro Almeida destacou ainda que gregos e romanos discriminavam o lesbianismo, a efeminação e a promiscuidade.

De acordo com os registros históricos mencionados neste livro, percebe-se que jamais existiu entre os gregos da Antiguidade algo que possamos comparar com a homossexualidade dos dias de hoje.

Ao que parece, a idéia de que a homossexualidade era uma condição natural e honrada entre os gregos da Antiguidade sugere que seus defensores ignoram completamente os registros históricos da civilização grega. Além disso, a defesa de um ponto de vista sem nenhum respaldo científico e a despeito das evidências históricas denota uma posição ideológica que não contribui para o entendimento da questão homossexual nos dias atuais.

Nesse contexto, é razoável admitir que o Dr. Dover pode estar certo quando diz que “uma aliança entre ignorância e opiniões tendenciosas é um fundamento fraco para hipóteses históricas”.¹³

Notas

- 1- Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?, pg. 116.
- 2- Papai, Mamãe, Sou Gay!, pg. 33.
- 3- Abrindo o Armário, pg. 7.
- 4- My Genes Made Me Do It, pg. 100.
- 5- O Armário, pg. 65.
- 6- A Homossexualidade na Grécia Antiga, pg. 231. 7- Amor, Sexo e Erotismo, pg. 124.
- 8 - Homossexualidade na Grécia Antiga, pg. 87.
- 9- Os Homossexuais vistos por “Entendido”\ pg. 101.
- 10 - Uma Interpretação do Desejo, pg. 175. 11- História da Sexualidade, Vol. 3, pg. 207.
- 12- Desclandestinidade, pg. 71.
- 13- Homossexualidade na Grécia Antiga, pg. 226.

Normalidade em outras tribos?

A covardia é a mãe da crueldade.

Michel de Montaigne

O comportamento sexual de povos primitivos também costuma ser apontado por alguns estudiosos como uma evidência de que o comportamento homossexual é uma variação normal da sexualidade humana.

Antes de examinarmos mais esse mito sobre a homossexualidade, é preciso manter em nossa mente o fato de que a orientação sexual de um indivíduo não é definida apenas a partir de suas práticas sexuais, mas envolve sentimentos e desejos românticos e apaixonados. Desse modo, devemos comparar o conceito de homossexualidade atualmente aceito pelas pessoas que entendem desse assunto com as práticas sexuais observadas ao redor do mundo.

O antropólogo Gilbert Herdt relatou as práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo no seu livro *The Sambia: Ritual and Gender in New Guinea* (algo como Sambia: Ritual e Gênero na Nova Guiné). Ele destacou que para o povo Sambia, nenhum atributo humano pode ser mais importante do que a masculinidade.

De acordo com a observação do Dr. Herdt, os homens da Sambia acreditam que o sêmen é a fonte de toda a masculinidade e que os meninos devem ingerir sêmen pela boca ou pelo ânus porque não são capazes de produzi-lo naturalmente.

Os estudos do Dr. Herdt são usualmente citados por especialistas que pretendem convencer a opinião pública a respeito da existência do homossexualismo entre os povos da Nova Guiné.

Esses especialistas parecem ignorar o fato de que, entre o povo Sambia, a relação sexual entre homens e meninos, como na Grécia antiga, visa à transmissão de qualidades masculinas, ou seja, não é o prazer nem o sexo que determina o relacionamento entre adultos e crianças, mas a necessidade de transformar os mais jovens em bravos guerreiros. Além disso, como destacou o Dr. Luiz Mott, antropólogo, homossexual assumido, militante gay e fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), os adolescentes Sambia são **obrigados** às práticas homoeróticas da tribo.¹

As evidências demonstram que, tanto para os gregos da antiguidade quanto para o povo da Sambia, a prática homossexual é simplesmente um ritual erótico-pedagógico praticado apenas durante um curto período da vida dos jovens dessas duas culturas.

Há estudiosos que afirmam erroneamente que existem homens adultos entre o povo Sambia que permanecem exclusivamente homossexuais ao longo da vida. Na verdade, de acordo com o pesquisador Gerald Van Den Aardweg, Ph.D, existiu apenas um caso dessa natureza entre aquele povo e, ainda assim, o homossexual encontrado naquela tribo possuía um perfil muito peculiar: era filho ilegítimo de uma mulher abandonada por seu marido e por isso desprezado por toda a tribo. Além disso, esse homem era descrito como “frio”, “sarcástico” e “diferente”. Ele evitava participar das atividades masculinas como a caça e preferia cuidar dos jardins, como sua mãe.²

O Dr. Aardweg reconhece que a prática de atos homossexuais ativos e passivos é um ritual comum entre os homens do povo Sambia, porém, quando se casam, no início dos vinte anos, abandonam completamente o comportamento antigo.³

Para o Dr. Aardweg, o exemplo do povo Sambia é uma prova inequívoca de que as práticas homossexuais não devem ser equiparadas ao que usualmente chamamos de homossexualidade. Ele afirma que raramente é encontrado algum caso de homossexualidade “real”.⁴

De acordo com a análise do Dr. Aardweg, o caso excepcional de homossexualismo adulto entre os nativos do povo Sambia revelou que o homossexual era um rapaz traumatizado pela rejeição dos companheiros de infância. Ele sentiu-se “diferente” e “banido” do grupo dos meninos de sua tribo e, por isso, manteve-se “fixado” nas fantasias homoeróticas da adolescência e manteve na fase adulta um comportamento homossexual.⁵

Ao que parece, a experiência de ser rejeitado realmente tem mais probabilidades de reforçar que eliminar as qualidades que levam alguém a ser rejeitado.

O caso do homossexual da Sambia também foi estudado pelo Dr. Neil Whitehead. Ele constatou que o desenvolvimento da masculinidade entre os homens do povo Sambia é mesmo peculiar.

O Dr. Whitehead observou que os meninos são exclusivamente homossexuais “passivos” até que cheguem à puberdade. Em seguida, eles se tornam jovens homossexuais exclusivamente “ativos” e por último, na fase adulta, se tornam exclusivamente heterossexuais.

Para o Dr. Paulo Roberto Ceccarelli, psicólogo, psicanalista, Ph.D em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela universidade de Paris, a experiência do povo Sambia demonstra que “o trajeto em direção à masculinidade deve ser construído, o que é feito

por meio de rituais próprios a cada cultura, e também que o risco de perder esta masculinidade está sempre presente”. “6

Os estudos antropológicos demonstram que, como os gregos da Antiguidade, o povo Sambia pratica apenas a pederastia, ou seja, uma relação sexual entre homens e meninos com vistas a desenvolver nos mais jovens a bravura e o caráter masculino. Assim, de acordo com as evidências mencionadas neste livro, entende-se que não existe nenhuma razão para acreditar que a homossexualidade - tal como a conhecemos hoje - tenha sido praticada, aceita e muito menos honrada em qualquer civilização durante toda a história da humanidade.

Diante da completa ausência de evidências históricas que comprovem a naturalidade e a aceitação social irrestrita da homossexualidade, muitos estudiosos mencionam “descobertas científicas” sobre o desejo homossexual e declaram que existem “provas” da origem genética e do caráter imutável da atração pelo mesmo sexo.

Embora esses estudiosos tenham convencido a maioria da população do planeta de que algumas pessoas “já nascem homossexuais” uma análise mais atenta dos resultados das pesquisas científicas sobre esse tema permite identificar que estamos, mais uma vez, diante de um mito sobre a origem da homossexualidade.

Notas

1- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 239

2 a 5- A Batalha pela Normalidade Sexual, pg. 11 e 78.

6 — A Construção da masculinidade, disponível em [http://www.ceccarelli.psc.](http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm)

br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm, em 11/06/08.

Natural como a natureza?

Jamais creia que os animais sofrem menos do que os humanos. A dor é a mesma para eles e para nós. Talvez pior, pois eles não podem ajudar a si mesmos.

Louis J. Camuti

Apesar das evidências históricas que não permitem afirmar com racionalidade a existência e a normalidade do comportamento homossexual de algum povo da Antiguidade, muitos estudiosos afirmam que a homossexualidade é tão natural quanto a própria natureza.

O antropólogo Luiz Mott, por exemplo, acredita que existem animais gays. Em seu livro *Crônicas de um Gay Assumido*, ele que os animais também praticam o homossexualismo.¹

Para sustentar a idéia de que a homossexualidade é um fato observado entre as mais diversas espécies de animais, alguns militantes homossexuais costumam citar o fato de que se encontram no mundo animal muitos casos de animais “homossexuais” e diante disso, não poderíamos chamar de “antinatural” algo que acontece com regularidade na natureza.

Outra vez, precisamos examinar os fatos para que possamos concluir se existe “homossexualidade” entre os animais. Antes disso, porém, é importante lembrar que o termo “homossexualidade” denota algo muito mais complexo e profundo do que a simples relação sexual entre dois seres do mesmo sexo.

Se a homossexualidade é algo além do desejo meramente sexual e envolve o sentimento e a paixão romântica entre dois seres do mesmo sexo, podemos afirmar seguramente que esses sentimentos e emoções fazem parte da natureza de alguns animais? Além disso, se a orientação sexual é algo que transcende os instintos, práticas e desejos eróticos, como podemos dizer com a mínima racionalidade que alguns animais têm “orientação homossexual”?

Ao que parece, a simples reflexão sobre o que é a homossexualidade e a comparação dessa orientação sexual com a ausência de racionalidade nos animais permitem que se compreenda o caráter mitológico da idéia segundo a qual existem animais homossexuais.

Para que o leitor não tenha dúvidas quanto à irracionalidade da comparação entre o comportamento de alguns animais e a homossexualidade entre seres humanos, recomendo que se observe atentamente os fatos que serão descritos a seguir.

Um fato curioso está acontecendo na Europa e demonstra que o comportamento sexual dos animais pode servir para que compreendamos melhor a homossexualidade em seres humanos.

Veterinários do zoológico de Bremerhaven, Alemanha, fizeram uma experiência para saber quanto tempo os pingüins seriam capazes de ficar sem relações sexuais. Os machos foram isolados das fêmeas por algum tempo. Apesar de um longo período longe das fêmeas, os pingüins não demonstraram alteração no comportamento e, para surpresa dos veterinários, eles estavam copulando entre si.

Os especialistas devolveram aos pingüins suas fêmeas e, novamente, constataram surpresos que os machos não mais queriam as fêmeas, apenas os outros machos!

A experiência de Bremerhaven mostra que a ocorrência de atos homossexuais entre animais está relacionada a uma condição de deficiência, incapacidade ou limitação. Apenas animais que não conseguem competir com outros machos ou que possuem alguma dificuldade em copular adequadamente com as fêmeas de sua espécie se voltam para os indivíduos do seu próprio sexo. Assim, evidencia-se que a comparação entre o comportamento homossexual em humanos e animais é um raciocínio falso e uma tentativa irracional de “normalizar” a homossexualidade, ignorando-se as pesquisas e até mesmo o bom senso.

O biólogo americano Bruce Bagemihl, da Universidade British Columbia, no Canadá, também pesquisou o comportamento sexual de animais e chegou a conclusões interessantes.

Durante dez anos, o Dr. Bagemihl estudou o comportamento sexual de varias espécies de animais e identificou inúmeros casos de atos sexuais entre bichos de um mesmo sexo. Apesar disso, ele **descartou completamente a idéia de que o homossexualismo em humanos é justificável a partir da constatação de que isso é natural entre os animais**. Afinal, como disse o pesquisador, os animais praticam comportamentos inaceitáveis aos seres humanos, tais como o canibalismo e incesto.²

Para estudiosos do comportamento animal, a comparação entre o comportamento sexual das pessoas e dos animais não faz nenhum sentido. O evolucionista Douglas Futuyama, da Universidade do Estado de Nova York, por exemplo, afirma que “não podemos estabelecer conexões entre animais e seres humanos. Não dá para afirmar que os motivos sejam os mesmos”.³

Em seu livro *Defending a Higher Law: Why We Must Resist Same Sex “Marriage” and the Homosexual Movement?* (algo como *Defendendo uma Lei Superior: Por que Devemos Resistir ao Casamento Gay e ao Movimento Homossexual?*), o filósofo brasileiro radicado nos Estados Unidos, Luiz Sergio Solimeo, examinou cuidadosamente o mito a respeito da homossexualidade entre animais e concluiu que “a teoria da homossexualidade entre animais... está baseada mais em **crenças mitológicas** e **erros filosóficos** do que na ciência”.⁴

As evidências comprovam que não existe a menor razão para que se compare o comportamento homossexual dos seres humanos aos atos sexuais praticados por animais. Além disso, se a sociedade tivesse que admitir, aceitar e defender todas as praticas “naturais” que são observadas entre os seres irracionais, seríamos obrigados a legitimar o incesto, o canibalismo, o assassinato e muitas outras praticas que fazem parte da vida de leões, macacos, ursos, golfinhos etc.

Durante muitos anos eu acreditei que a homossexualidade entre seres humanos não era diferente das relações sexuais entre macacos e golfinhos do mesmo sexo. Eu estava convencido de que a atraco pelo mesmo sexo era um fenômeno natural que poderia ser facilmente observado na natureza. Hoje, embora reconheça que existam leões e pingüins que “preferem” copular com indivíduos do mesmo sexo, eu compreendo que os animais são guiados apenas pelo instinto e reagem aos estímulos sensoriais de maneira impetuosa. O homem, ao contrário, tem a faculdade de agir de acordo com a razão e assim domar seus apetites primitivos para não ser dominado por eles. Agora, eu entendo que a idéia de que existem “animais gays” pode ser *politicamente correta*, mas demonstra apenas irracionalidade e insensatez.

Embora as evidências históricas e antropológicas sejam insuficientes para sustentar a idéia de que a homossexualidade é uma variação natural da sexualidade humana, muitos recorrem à Biologia para afirmar que algumas pessoas já nascem homossexuais. Você verá a seguir que as evidências biológicas sobre a origem da atração pelo mesmo sexo podem destoar desse discurso.

Notas

1- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 239.

2 e 3 - Revista Superinteressante nº 234 - dezembro de 2006.

4 - Disponível em <http://www.narth.com/docs/animalmyth.html>, em 15/07/08.

A hipótese do Hipotálamo

Na confirmação de hipóteses científicas, assim como em outros tipos de argumentos indutivos, o melhor meio de evitar os erros mais comuns é tomar providências no sentido de afastar conclusões que dependam de evidência insuficiente ou de evidência tendenciosa.¹

Wesley C. Salmon, Ph.D.

Os meios de comunicação de grande parte do mundo ocidental noticiaram em 1991 um estudo realizado pelo neurocientista Simon LeVay. Jornais e revistas de vários países informaram que o Dr. LeVay havia encontrado um grupo de neurônios no

hipotálamo que parecia ser duas vezes maior em homens homossexuais do que em homens heterossexuais.

Para que não percam tempo com a análise de uma pesquisa que não trouxe nenhum esclarecimento a respeito da homossexualidade basta-nos atentar para a declaração do próprio Dr. Le Vay:

É importante deixar claro o que não encontrei. Eu não provei que a homossexualidade é genética, nem encontrei uma causa genética para a homossexualidade. Eu não demonstrei que homens nascem gays; esse é o erro mais comum que as pessoas comentem ao interpretar minha pesquisa. Eu também não localizei um núcleo gay no cérebro... eu examinei cérebros adultos, logo, não sabemos se as diferenças que eu encontrei são de nascença ou se apareceram depois.²

Apesar da negação do próprio autor da pesquisa, diversos livros publicados no Brasil e no exterior insistem em afirmar que o Dr. LeVay descobriu uma causa natural ou genética para a homossexualidade.

Infelizmente, eu acreditava no que alguns autores dizem a respeito das pesquisas do Dr. Le Vay e do *status* da “homossexualidade” na Grécia antiga e entre os nativos da Nova Guiné. Essa crença irracional quase arruinou a minha vida, mas hoje tenho a satisfação de denunciar o caráter fraudulento dessas idéias.

Acredito que a partir de agora muitas pessoas não mais se deixarão enganar por ideologias nefastas que manipulam os resultados de pesquisas científicas para ludibriar as mentes mais ingênuas. Apesar disso, existem outros mitos sobre a homossexualidade que precisam ser identificados e rechaçados por toda a sociedade.

Notas

1-<http://www.sitequente.com/frases/erros.html>, em 15/06/2008.

2- “Sex and the Brain” Discover, março de 1994, Vol. 15, No. 3, p. 64.

Inversão Cerebral

Misterioso e intimidante para contemplar, o cérebro humano é a coisa mais complexa que existe, e a tarefa mais difícil em que ele pode se empenhar é entender a si mesmo.

David Noonan, escritor australiano.

A procura por uma causa “natural” para a homossexualidade é constante. Assim que uma pesquisa sobre esse tema perde a credibilidade, outra surge com muito ímpeto. De igual modo, há constância na atitude da mídia em divulgar notícias a respeito dessas pesquisas sem a menor atenção quanto ao que de fato é descoberto pelos pesquisadores. Felizmente, há estudiosos que não se deixam levar por ideologias e argumentos falaciosos. Por isso, podemos examinar com atenção a diferença entre as notícias e os resultados dos estudos científicos sobre a origem da atração pelo mesmo sexo.

Recentemente, um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Karolinska, Suécia, causou alvoroço no mundo inteiro. Por meio de exames de ressonância magnética, a Dr^a Ivanka Savic e sua equipe descobriram que o cérebro de um homem gay é similar ao de uma mulher heterossexual. Os pesquisadores avaliaram imagens do cérebro de 90 pessoas, homossexuais e heterossexuais.

Para alguns “especialistas” e militantes homossexuais, o estudo sueco é uma “prova” consistente de que a homossexualidade é um fato biológico, não uma opção. Sempre ávidos por “evidências” em favor da origem genética da atração pelo mesmo sexo, eles não se dispõem a analisar cientificamente os resultados das pesquisas nessa área e chegam a conclusões equivocadas sobre a homossexualidade. Um exemplo dessa tendência dogmatizante pode ser observado na declaração do Dr. Qazi Raham, da Universidade de Queen Mary, em Londres. Conforme noticiou a rede BBC Brasil, ele acredita que “não há mais argumentos, se você é gay é porque você nasceu gay”.¹

Ao que parece, há especialistas que adotam facilmente um discurso dogmático sobre as causas da homossexualidade. Na verdade, são as “crenças” desses especialistas que fomentam a polêmica sobre o desejo homossexual, afinal, os resultados das pesquisas e até mesmo as declarações de seus autores não deixam dúvidas de que ninguém encontrou nenhuma causa genética ou biológica para a homossexualidade.

Conforme noticiou o *The New York Times*, a própria Dr^a Ivanka Savic declara que não é possível afirmar se a diferença que ela encontrou entre os cérebros de indivíduos homossexuais e heterossexuais é a causa ou o efeito do comportamento homossexual. Ela deixou bem claro que seu estudo não oferece nenhuma resposta para essa questão crucial.²

Embora muitos cientistas sejam adeptos da corrente “politicamente correta” no que se refere às pesquisas sobre a atração pelo mesmo sexo, alguns pesquisadores não se deixam enganar pelos resultados parciais dos estudos realizados nessa área.

Pra o Dr. Sander Breiner, psicanalista e professor de psiquiatria da Universidade de Michigan, Estados Unidos, o estudo da Dr^a Savic é interessante e oferece algumas explicações sobre o funcionamento do cérebro humano, porém, não apresenta nenhuma conclusão sobre a homossexualidade.³

O Dr. Warren Throckmorton, Ph.D, professor de psicologia e Diretor do College Counseling Service, Grove City, Pennsylvania, EUA, acredita que o cérebro dos participantes do estudo da Dr^a Savic pode haver desenvolvido um padrão homossexual de resposta aos estímulos sensoriais a partir de experiências eróticas do passado.⁴ Essa mesma tese é defendida pelo Dr. Jeffrey Satino-ver, psicólogo clínico de Harvard. Ele afirma que a repetição de experiências homossexuais pode provocar mudanças no cérebro e produzir os efeitos identificados pelos pesquisadores suecos.⁵

A idéia de que as experiências homossexuais produzem alterações cerebrais é mais do que uma hipótese razoável. Recentemente, pesquisadores estadunidenses descobriram que a simples mudança de hábitos alimentares e a prática de exercícios físicos moderados também produzem alterações genéticas. De acordo com esse estudo, a alteração no estilo de vida pode modificar o funcionamento de centenas de genes. Isso não quer dizer que ninguém deva se culpar pelos sentimentos inadequados que traz dentro de si. Como diz o Dr. Irvin Yalom, “culpar-se é querer se castigar. Responsabilizar-se é querer mudar”.⁶

Para o Dr. Dean Ornish, Diretor do Instituto de Pesquisa de Medicina Preventiva, em Sausalito, California, EUA, a descoberta de que o comportamento modifica o funcionamento dos genes acaba com a idéia de que uma pessoa pode se esquivar da responsabilidade por seus atos dizendo: “está nos meus genes, o que eu posso fazer?”⁷

De acordo com as evidências, a idéia de que as estruturas cerebrais são rígidas e inalteráveis é um mito. Além disso, acreditar que o desejo sexual esteja ligado a padrões cerebrais imutáveis não parece uma postura intelectualmente adequada para quem

valoriza o conhecimento científico. Assim, dizer que o cérebro dos gays é diferente da massa encefálica da população em geral não passa de uma crença irracional travestida de um discurso pseudocientífico.

Notas

1- Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/bbc/2008/06/17/estudo_ve_semelhanca_entre_cerebro_de_gays_e_dosexo_oposto_1366845.html, em 23/06/08.

2- New York Times http://www.nytimes.com/2005/05/10/science/10smell.html?_r=1&pagewanted=print&oref=slogin em 23/06/08.

3,4 e 5 - <http://www.narth.com/docs/scrutinized.html> em 23/06/08.

6- Revista Superinteressante nº 254, de julho 2008, pg. 63-64.

7-<http://www.reuters.com/articlePrint?articleId=USN1628897920080618>, em 23/06/2008

Está no sangue?

O sangue se herda, o vício se afeiçoa.
Mateo AlemAn, novelista espanhol.

Ainda no início dos anos 90, a mídia de vários países publicou com grande destaque uma pesquisa que parecia comprovar que a homossexualidade era causada por fatores genéticos e hereditários. Estudos realizados por John M. Bailey, Ph.D em psicologia, e Richard Pillard, professor de Psiquiatria, sugeriam que a homossexualidade era mesmo uma característica herdada por algumas pessoas a partir do código genético de seus ancestrais. Bailey e Pillard haviam estudado pares de gêmeos idênticos e acreditavam que seu estudo demonstraria a origem genética da homossexualidade.

O estudo com gêmeos parecia realmente haver encontrado razões convincentes para que se acreditasse na origem genética da homossexualidade, porém, conforme destacou o jornalista brasileiro Humberto Rodrigues no livro *O Amor entre Iguais*, “a conclusão do Dr. Bailey começou a desabar quando se verificaram, no curso de suas investigações, mais casos de irmãos gays entre adotivos do que entre irmãos de sangue”.¹

Apesar da aparente “descoberta do século” após as primeiras críticas ao seu estudo, o próprio Dr. Bailey reconheceu: “deve haver alguma coisa no ambiente que faz com que gêmeos idênticos não tenham a mesma orientação sexual”.² O cientista inglês Robert Winston concorda com essa tese. Ele acredita que “a homossexualidade pode ser um fenômeno cultural aprendido”.²

Para o Dr. Bruce H. Lipton, biólogo celular da universidade de Stanford, EUA, existem determinados genes que estão relacionados ao comportamento dos seres humanos. No entanto, esses genes “permanecem em estado passivo a menos que uma força externa aja sobre eles”.³

Apesar da declaração do próprio autor da pesquisa contra a idéia de que seus estudos comprovariam a origem genética da homossexualidade, muitos autores manter em seus livros a afirmação de que ele realmente comprovou que o desejo homossexual é inato. Entre outras coisas, esses autores demonstram que não se interessam pelos fatos sobre a homossexualidade nem se importam com as conseqüências nefastas que seus livros produzem na vida dos leitores.

O Dr. Francis Collins, Ph.D, Diretor do *Projeto Genoma*, discorda do discurso ideológico em favor da origem genética da homossexualidade e, depois de analisar as pesquisas que usualmente são mencionadas por aqueles que defendem essa ideologia, concluiu que as evidências dos estudos com gêmeos não sustentam a conclusão de que fatores hereditários influenciam na homossexualidade masculina.⁴

Para o Dr. Bruce H. Lipton, a idéia de que os genes controlam a Biologia não passa de uma “suposição jamais comprovada”. Ele destaca que, na verdade, essa idéia é até questionada pelas descobertas científicas mais recentes.⁵ Apesar disso, ele reconhece que, se uma pessoa acredita que a vida é controlada pelos genes, ela encontra uma boa desculpa para se considerar uma vítima de fatores biológicos hereditários.

De acordo com as declarações dos especialistas e até mesmo dos autores das pesquisas com gêmeos, irmãos que compartilham o mesmo DNA podem desenvolver orientações sexuais diferentes, logo, parece absurdo concluir que a atração pelo mesmo sexo faça parte do código genético de algumas pessoas.

Notas

1- O Amor entre Iguais, pg. 202.

2- Instinto Humano: Como os nossos Impulsos Primitivos Moldam o que Somos Hoje, pg. 121.

3- A Biologia da Crença, pg. 64.

4- <http://www.narth.com/docs/nothardwired.html>, em 17/07/2008. 5-A Biologia da Crença> pg. 64.

O Gene Gay

É preciso lembrar que a análise genética não é infalível e seus dados são com freqüência mal interpretados em virtude de uma tendência ideológica da qual os pesquisadores participam mais ou menos inconscientemente.¹

Josfi Roberto Goldim, biólogo e ph.d em medicina.

Existem pessoas que preferem acreditar que são vítimas do “gene da obesidade” ao invés de mudar seus hábitos alimentares e praticar exercícios físicos regularmente para eliminarem o excesso de gordura corporal.

Enquanto muitos crêem que os *quilinhos* a mais são causados por algum fator genético ou hormonal, alguns obesos se sentem livres para comer além da conta e culpam apenas a genética quando a balança indica que eles estão cada vez mais pesados.

Da mesma forma que muitos obesos transferem a responsabilidade de seus hábitos alimentares para algum gene misterioso, muitos homossexuais acreditam que a atração pelo mesmo sexo seja causada por fatores genéticos e que não há nada que se possa fazer para evitar o desejo homossexual e por isso assumem a homossexualidade como uma condição natural e imutável.

Ainda que as pesquisas tenham falhado sucessivamente em descobrir causas genéticas para a homossexualidade, em 1993, os jornais estadunidenses *The New York Times* e *The Wall Street Journal* noticiaram que uma equipe de geneticistas do Instituto Nacional do Câncer dos Estados Unidos parecia haver descoberto o que a imprensa americana chamou de “o gene gay”.

Os geneticistas mencionados pela imprensa dos Estados Unidos foram liderados pelo Dr. Dean Hamer, um pesquisador de renome internacional que, apesar de todo o assédio

da mídia, jamais declarou publicamente a descoberta de algum gene que comprove a origem da homossexualidade.

Diante da repercussão mundial de suas pesquisas, diversos membros da equipe do Dr. Hamer têm declarado que **não descobriram nenhum gene gay** ou qualquer outro indício de que a homossexualidade seja uma condição genética.

A Dr^a. Pattatucci, por exemplo, é homossexual assumida e faz parte da equipe de especialistas coordenada pelo Dr. Hamer. Segundo a Dr^a. Pattatucci, sua equipe poderia ser punida por não haver repudiado a idéia de que a experiência sexual de um indivíduo pode ser reduzida ao funcionamento de uma molécula. Ela lamentou que seja isso que muitas pessoas acreditam que a equipe do Dr. Hamer esteja tentando fazer.

A declaração da Dr^a. Pattatucci demonstra que até mesmo defensores dos direitos dos homossexuais não confirmam a idéia de que exista qualquer indício da origem genética da atração pelo mesmo sexo.

Assim como o Dr. Simon Le Vay, a Dr^a. Pattatucci se ressentiu do fato de que a mídia divulga informações equivocadas e tendenciosas sobre as pesquisas científicas que têm sido realizadas a respeito da homossexualidade.

É grande o número de geneticistas que se pronunciam contra a idéia de que a genética tenha comprovado a origem do desejo homossexual. Além do Dr. Francis Collins, Diretor do projeto Genoma, o próprio Dr. Hamer declarou que os genes que ele e sua equipe encontraram *não causam a homossexualidade*.

Master e Johnson, dois dos maiores estudiosos da sexualidade humana em todo o mundo, afirmaram que “a teoria genética da homossexualidade está descartada atualmente [...] nenhum cientista sugere que a simples relação causa-efeito seja aplicável nesse assunto”.²

Embora todas as evidências comprovem o contrário, o casal Barbara e Allan Pease, em seu livro *Por que os Homens fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?*, declaram com convicção: “a homossexualidade é genética”.³

Conforme destacou a Dr^a. Rinna Riesenfeld em seu livro *Papai, Mamãe, Sou Gay!*, a revista Newsweek publicou recentemente uma reportagem na qual os especialistas declaram: “é ingênuo pensar que um gene possa determinar uma vivência tão complexa quanto a orientação sexual de uma pessoa”.⁴

Felizmente, nem todos os meios de comunicação se renderam ao discurso ideológico em defesa dos mitos sobre a homossexualidade. A revista Veja, por exemplo, noticiou recentemente que “vários cientistas já tentaram, sem provas conclusivas, demonstrar a origem genética do homossexualismo”.⁵

A revista *Superinteressante* também noticiou que há especialistas contrários à idéia de que a atração pelo mesmo sexo seja causada por fatores genéticos. A revista citou a opinião do geneticista Oswaldo Frota-Pessoa.

O Dr. Frota-Pessoa acredita que é um erro primário pensar que a atração pelo mesmo sexo e outras características da personalidade decorram exclusivamente dos genes. Ele entende que a genética não é fatal ou inalterável. Além disso, o geneticista destaca que, no caso da homossexualidade, “está claramente demonstrada a influência do modo de vida e do ambiente”.⁶

Para o Dr. Paulo Roberto Ceccarelli, psicólogo, psicanalista, Doutor em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise pela Universidade de Paris, “seria ilusório

pensar que a identidade sexuada poderia ser definida a partir do biológico”. Ele entende que “isso seria ignorar que o essencial da sexualidade humana reside em sua dimensão inconsciente”.⁷

O Dr. Bruce H. Lipton, biólogo celular da Universidade de Stanford, EUA, concorda com a tese do Dr. Ceccarelli. Em seu livro *A Biologia da Crença*, o Dr. Lipton afirma que a mente consegue ser mais forte que a programação genética. Ele entende que os pensamentos exercem uma influência direta sobre a maneira como o cérebro físico controla a fisiologia do corpo.⁸

As declarações dos especialistas permitem-nos concluir que a atração pelo mesmo sexo está diretamente relacionada aos pensamentos recorrentes de algumas pessoas. Assim, de acordo com os estudos e as experiências dos estudiosos da genética humana, a crença na origem biológica da homossexualidade é irracional e completamente alheia às evidências científicas. Desse modo, parece cada vez mais difícil ignorar a ingenuidade daqueles que insistem na idéia de que o desejo homossexual é genético.

Notas

- 1- Disponível em <http://www.ufrgs.br/bioetica/genoma.htm>, em 13/06/08.
- 2- *Coming Out Straight*, pg. 24.
- 3- *For que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?*, pg. 117.
- 4- *Papai, Mamãe, Sou Gay?*, pg.49.
- 5- Disponível em http://veja.abril.com.br/160501/p_122.html em 06/06/08.
- 6- *Revista Superinteressante*, dezembro de 1993.
- 7- “A Construção da masculinidade” disponível em 11/06/08 em <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm>.
- 8- *A Biologia da Crença*, pg. 146-147.

Disfunção hormonal?

Se todos estão sob a influência de hormônios, não se pode utilizá-los como desculpas para comportamentos indesejados.¹

Adriana Natali, jornalista.

Alguns autores afirmam que a geneticista britânica Anne Moir “descobriu” evidências científicas de que a homossexualidade é causada por doses hormonais “desajustadas” que o cérebro do bebê recebe enquanto ainda esta no útero.

A tese das doses hormonais é aceita por muitos especialistas como se fosse um fato cientificamente comprovado. Apesar disso, uma leitura atenciosa do trabalho da Dr^a. Anne Moir revela que a verdade está muito longe disso.

Em seu livro *Brain Sex: The Real Difference Between Men and Women* (algo como *O Sexo do Cérebro: a Verdadeira Diferença entre Homens e Mulheres*), a Dr^a. Moir sugere que o comportamento homossexual poderia ser causado por alterações hormonais que ocorreriam durante os primeiros meses de gestação do feto.

A Dr^a. Moir realizou experimentos em laboratório apenas com camundongos, mas não concluiu que a formação da libido nos seres humanos apresente uma relação precisa e equivalente ao que ela observou no cérebro dos ratos.

No que se refere à homossexualidade humana, a geneticista não identificou absolutamente nada e, além disso, sua pesquisa com ratos de laboratório foi severamente questionada pela comunidade científica internacional. Na verdade, tanto os resultados quanto os métodos de pesquisa utilizados pela Dr^a. Moir foram contestados por especialistas de vários países.

Ao contrário da Dr^a. Moir, o Dr. Willian H. Perloff realizou experimentos hormonais com seres humanos e constatou que “nenhum paciente, homem ou mulher, mostrou qualquer inversão coerente de padrão endócrino para explicar tendências homossexuais”.²

A equipe de pesquisadores liderada pelo Dr. Perloff não observou nenhuma correlação entre a escolha do objeto sexual e o nível de excreção hormonal.³

Para o Dr. Perloff, está comprovado que “os hormônios esteróides dos tipos estrógeno e andrógeno nada têm a ver com a escolha do objeto sexual e, dessa maneira, com a determinação da homossexualidade”.⁴ O médico Roberto Wisthof concorda com essa idéia. Em seu livro *Descobrir o Sexo*, ele afirma que “os hormônios são capazes de aumentar a libido, a vontade de fazer sexo, mas não interferem na escolha do objeto da atração”.⁵

Até mesmo os defensores dos direitos dos homossexuais rechaçam a idéia de que existe qualquer diferença hormonal entre pessoas com orientação sexual diferente. A Dr^a. Rinna Riesenfeld, por exemplo, destaca que “ao analisar homens heterossexuais comprova-se que alguns deles têm baixa produção de hormônios masculinos (testosterona) e não são homossexuais, e que existem gays que não têm baixa hormonal nenhuma”.⁶ Além disso, sabemos que a injeção de hormônios masculinos não muda a orientação sexual dos gays.

Apesar de todas as evidências mostrarem que não há nenhuma razão para se acreditar que a atração pelo mesmo sexo seja causada por variações hormonais, o escritor Steve Biddulph, em seu livro *Criando Meninos*, afirma: “cada vez há mais evidências de que alguns bebês trazem do útero uma estrutura hormonal que determina se o cérebro é homo, bi ou heterossexual”.

Notas

1 -Disponível em <http://revistavidaexecutiva.uol.com.br/edicoes/25/artigo20254-3>. asp em 13/06/08.

2, 3 e 4 —A. Inversão Sexual, pg. 54 e 55.

5- *Descobrir o Sexo*, pg. 106.

6- *Papai, Mamãe, Sou Gay!*,pg 49.

7-*Criando Meninos*, pg. 124.

O mito da causa multifatorial

Todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento.

Rubens Alves, filósofo brasileiro.

Diante da impossibilidade de identificar uma causa natural para a homossexualidade, muitos especialistas encontram uma explicação pseudocientífica que mascara sua ignorância e confere a eles alguma credibilidade acadêmica.

A explicação preferida dos “estudiosos” que desconhecem a origem da atração pelo mesmo sexo é que a homossexualidade é causada por uma combinação de fatores genéticos, hormonais, psicológicos e sociais.

Essa explicação certamente convence a maioria das pessoas, afinal, tudo o que ocorre na vida de uma pessoa necessariamente tem sua origem em alguma ou muitas dessas dimensões. Outra vez, percebe-se que estamos diante da construção de um mito a respeito das origens da homossexualidade, afinal, como o escritor alemão Alfred Rosenberg já sabia em 1930, um mito só se torna “verdadeiro” quando ele apanha o homem por inteiro.¹

A idéia de que a homossexualidade seja causada por um conjunto de fatores não subsiste diante da “navalha de Occam”, um princípio básico da Ciência. De acordo com esse princípio, “quando várias hipóteses são apresentadas para explicar um fenômeno, a mais simples é que deve ser considerada primeiro”.²

Aqueles que acreditam na causa multifatorial da homossexualidade desconhecem ou ignoram as teorias da Psicologia e da Psicanálise, bem como a experiência clínica de milhares de terapeutas ao redor do mundo. Assim, descartando as hipóteses mais simples a respeito da origem da atração pelo mesmo sexo, eles preferem acreditar em teorias mirabolantes que tentam explicar a existência de pessoas homossexuais.

Para o Dr. Viktor Frankl, Ph.D, criador da Logoterapia, é errôneo e perigoso dizer que o ser humano é apenas “o resultado de condicionantes biológicos, psicológicos e sociológicos, ou produto da hereditariedade e do meio ambiente”.³

Segundo o Dr. Frankl, essa visão do ser humano faz com que um neurótico se convença de que seja “um fantoche, vítima de influências externas ou circunstâncias internas”.⁴

O criador da Logoterapia chamou essa visão do ser humano de *fatalismo neurótico*. Ele denunciou que essa atitude fatalista é fomentada e reforçada por “uma psicoterapia que nega a liberdade à pessoa humana”⁵

Em suma, podemos concluir que as idéias a respeito da origem genética da homossexualidade não passam de mitos que se espalham ao redor do mundo e conquistam corações e mentes da maioria da população. Além disso, ainda que se prove algum dia que a atração pelo mesmo sexo seja determinada por algum gene ou hormônio, vale ressaltar que é um erro acreditar que uma condição biológica seja implacável e imutável. Nesse sentido, quem afirma que a homossexualidade é causada por um conjunto de fatores biológicos, psicológicos e sociais desconhece o que a Biologia, a Psicologia e a Sociologia revelam sobre a sexualidade humana.

Apesar das crenças mitológicas sobre o desejo homossexual, existe uma farta literatura científica a respeito das causas mais prováveis do desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo entre os seres humanos. Você verá a seguir o que os verdadeiros *entendidos* pensam sobre a homossexualidade.

Notas

1- O Mito Nazista, pg. 50

2- A Biologia da Crença, pg. 220.

3,4 e 5 - Em Busca de Sentido, pg. 111.

Freud explica!

O maior erro que cometi foi não dar a devida atenção à ação do ambiente sobre os seres.

Charles Darwin

Você viu até agora que não existe nenhuma evidência que sustente a idéia de que a homossexualidade seja causada por fatores genéticos ou hormonais. Além disso, você percebeu que o comportamento homossexual não era comum nem honrado na Grécia antiga. Da mesma forma, você compreendeu que os povos primitivos da África e os animais não praticam algo que possamos chamar de “homossexualidade”.

Se os estudos históricos, antropológicos, genéticos, hormonais e neurológicos não confirmam a origem inata da homossexualidade, onde poderíamos encontrar explicações para o surgimento do desejo homossexual? Haveria alguma instância em que os indivíduos fossem analisados apenas com base em suas próprias idéias, crenças, atitudes e comportamentos? Sim: as chamadas “ciências da alma”.

Aqui, você conhecerá as idéias dos maiores estudiosos do comportamento humano e o que eles disseram sobre a homossexualidade. Você verá que a atração pelo mesmo sexo não é um fenômeno desconhecido para aqueles que realmente estudaram a sexualidade humana em profundidade e com racionalidade.

As ciências da alma e a homossexualidade

Ao discorrer sobre a origem da homossexualidade, Sigmund Freud afirmava que algumas experiências poderiam deter o processo evolutivo do indivíduo e fazê-lo permanecer “fixado” num nível homossexual. Ele chegou a chamar a homossexualidade de “uma variante da função sexual produzida por uma **retenção do desenvolvimento sexual**”.¹

Freud estava convencido de que a maneira pela qual meninos e meninas interagem com a figura paterna é essencial na definição da sexualidade da pessoa. Nesse mesmo sentido, o terapeuta Guy Corneau, em seu livro *Pai Ausente, Filho Carente*, afirma que “a presença efetiva do pai permite ao jovem experimentar seu corpo como alguma coisa bela, que ele pode carregar com orgulho”.²

Especialistas afirmam que Freud abordou de maneira pioneira o problema da homossexualidade, porém foram seus discípulos que chegaram mais longe na compreensão desse fenômeno.

Alfred Adler - um dos mais proeminentes discípulos de Freud - foi o primeiro a estabelecer uma relação entre a homossexualidade e os complexos de inferioridade. Ele observou que alguns rapazes se sentiam inferiores aos demais e por isso desenvolveram um complexo de falta de virilidade.³

Além de Freud e Adler, outros estudiosos do comportamento humano interpretaram a homossexualidade como uma condição “anormal” no desenvolvimento da personalidade.

Carl Gustav Jung, por exemplo, acreditava que o homossexual masculino está aprisionado por um “complexo materno”. Jung dizia que, nesse caso, a masculinidade é vivenciada projetivamente em outro homem, com quem passa a ter uma relação erótica. Desse modo, Jung entendia que o homossexual desenvolvia uma personalidade imatura.

Na verdade, Jung declarou expressamente que a homossexualidade é “um mal a ser tratado”.

Os discípulos de Jung também acreditam que a homossexualidade deva ser tratada. A psicóloga Vanilde Gerolim Portillo, por exemplo, afirma que os efeitos do complexo materno podem resultar em “distúrbios psíquicos”. Entre esses distúrbios, ela destaca o homossexualismo e a impotência sexual.⁴

Para a Dr^a. Vanilde Gerolim, a condição homossexual é uma forma de aprisionamento psíquico. Ela entende que “no homossexualismo, a heterossexualidade do filho fica presa à mãe de forma inconsciente”.⁵

Ainda de acordo com a Dr^a. Vanilde Gerolim, a homossexualidade masculina pode causar diversos transtornos aos indivíduos que não recebem o tratamento adequado para lidar com seus complexos. Ela adverte explicitamente: “a constelação de um complexo materno no homem poderá trazer-lhe **problemas** que, se não observados e trabalhados adequadamente, **destruirão sua vida** ou pelo menos **atrapalharão de forma impiedosa seu desenvolvimento e sua maturidade psicológica**”.⁶

Assim como Freud, Adler e Jung, Jacques Lacan também entendia que a homossexualidade seria uma condição “pervertida”. Especialistas afirmam que, sob a ótica lacaniana, a homossexualidade masculina é um “disfuncionamento”. Ainda de acordo com o pensamento de Lacan, algumas características da personalidade são facilmente identificáveis na maioria dos homossexuais do sexo masculino, entre elas, uma relação profunda e “perpétua” com a mãe. Essa característica pode ser identificada com facilidade na biografia de celebridades do mundo gay.

Estudos contemporâneos

O Dr. Judd Marmor reuniu artigos científicos dos maiores especialistas de Psiquiatria e Psicologia e compôs um estudo amplo e rigoroso a respeito das possíveis causas e tratamentos da homossexualidade.

Em *A Inversão Sexual: As Raízes do Homossexualismo*, o Dr. Marmor apresentou muitos estudos científicos sobre a homossexualidade. Ele mostrou também o tratamento do desejo homossexual, de acordo com a experiência clínica dos maiores profissionais da Medicina, Psicologia, Psiquiatria e áreas afins.

Os estudos reunidos pelo Dr. Marmor abordaram com muita profundidade as teorias a respeito da origem biológica da homossexualidade, bem como as idéias a respeito da bissexualidade como condição natural da raça humana. Os aspectos psicológicos, culturais e sociais também foram examinados rigorosamente e as teorias a respeito da homossexualidade em animais foram estudadas com bastante rigor científico. Os tratamentos para a homossexualidade foram apresentados e os resultados alcançados nesses tratamentos estão evidenciados de maneira simples e precisa.

Para o Dr. Marmor, o *homossexual clínico* é aquele que é motivado, na vida adulta, por uma atração erótica por pessoas do mesmo sexo e que, de modo geral, mas não necessariamente, entrega-se a relações sexuais com elas.⁷

Os estudos reunidos por Marmor permitiram ao pesquisador identificar pelo menos **três condições necessárias que devem ser combinadas para que uma pessoa se adapte ao comportamento homossexual**.

A primeira condição está na criação de uma **identidade de gênero prejudicada**. Em seguida, é necessário que se desenvolva **o temor de contato íntimo com pessoas do**

sexo oposto. Por último, é preciso haver a **oportunidade de alívio sexual com pessoas do mesmo sexo.**⁸

É importante destacar que o Dr. Marmor utiliza o termo “adaptar-se” à condição homossexual. Diante disso, o especialista demonstra que a homossexualidade não é uma condição natural do indivíduo, mas um comportamento adaptativo. Nesse sentido, também é importante ressaltar que a adaptação é um processo que decorre da interação de um indivíduo com o meio. Assim, pode-se concluir que a homossexualidade é um fenômeno decorrente da relação entre a pessoa e o ambiente.

A Dr^a. Matilde Sutter, em sua tese *Determinação e Mudança de Sexo*, destaca que o **senso de identidade e condição fundamental para que uma pessoa possa desenvolver-se adequadamente.**⁹

A afirmação da Dr^a. Sutter nos leva à conclusão inevitável de que uma *identidade de gênero prejudicada* causará necessariamente um desenvolvimento pessoal inadequado. Nesse caso, é preciso que se atente para a importância das experiências que alguns homossexuais viveram ainda na primeira infância e que, necessariamente, prejudicaram-lhes no desenvolvimento da identidade de gênero.

O Dr. Luiz Mott, por exemplo, declarou que durante a infância tornou-se uma “boneca viva” nas mãos de suas irmãs mais velhas e, antes dos 7 anos de idade, já estava habituado a usar maquiagem.¹⁰

Márcio, um dos entrevistados da Dr^a. Carmem Dora Guimarães, declarou que aos três anos de idade já possuía um sapato feminino e teve seu rosto maquiado por uma vizinha.¹¹

De volta à citação da Dr^a. Sutter, é importante destacar que ela não fundamentou seu argumento em Freud, Adler, Jung ou Lacan. Ela se refere ao pensamento do psicólogo John Money, da Johns Hopkins University. Assim, torna-se cada vez mais evidente que, na opinião dos maiores estudiosos do comportamento humano, as causas da homossexualidade podem ser encontradas nos fatores ambientais. Na verdade, até mesmo especialistas mais modernos reconhecem esse fato. O psiquiatra Ronaldo Pamplona, por exemplo, acredita que a orientação sexual é realmente determinada na infância.¹²

O urologista Mario Pedro dos Santos concorda com essa idéia. Em seu livro *Sexualidade Masculina*, ele garante que não há dúvida de que “o que o homem adulto é sexualmente deve-se às suas experiências mais remotas, ocorridas na infância”.¹³

A família

A maioria dos especialistas concorda que a identidade de gênero é formada a partir das interações sociais da criança. Os maiores expoentes da Psicologia e da psicanálise, Carl Rogers e Frederic Skinner, por exemplo, costumavam discordar um do outro em vários aspectos. Apesar disso, Rogers reconhece que Skinner estava certo ao afirmar que o ambiente é o único determinante do comportamento individual.

Os aspectos familiares e sociais que influenciam no desenvolvimento da personalidade e da sexualidade têm sido reconhecidos por especialistas em todo o mundo, e minha experiência, bem como as centenas de casos reais que eu tenho acompanhado, evidenciam que esses aspectos estão presentes na vida de quase todos os homossexuais.

Para o psiquiatra Frank S. Caprio, a homossexualidade é um *sintoma-consequência* de uma neurose profunda que pode se desenvolver a partir do relacionamento do indivíduo com os familiares. O psicólogo Fabrício Viana concorda com essa tese. Em seu livro *O Armário*, ele diz que “parece que, quando você começa a ter desejos por pessoas do mesmo sexo, você tem várias atitudes, vários medos e várias neuroses”.¹⁴

Conforme destacou a Dr^a. Lucia Facco, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, UERJ, em sua tese *Era uma Vez um Casal Diferente*:

*Aquele que encobre seu estigma vive em um estado de tensão constante, pois teme ser descoberto a qualquer momento e, a partir do seu desmascaramento, sua vida desabar. Além disso, ele se sente covarde e desleal para com seus iguais, pois para manter o seu disfarce não poderá reagir diante de comentários pejorativos que pessoas com as quais convive poderão fazer a respeito daqueles que possuem o seu estigma.*¹⁵

A relevância dos aspectos ambientais na determinação do comportamento individual nem sempre é reconhecida pelo próprio indivíduo, pois, como diz Skinner, “o homem age quando é forçado a agir, mas age como se não o fosse”.

A constatação de Skinner explica o fato de alguns indivíduos dizerem que são homossexuais por “opção”. Eles não reconhecem que esse comportamento é condicionado por forças históricas inconscientes.

Em minhas pesquisas, observei que até mesmo alguns grupos que defendem os direitos dos homossexuais reconhecem que desajustes familiares podem causar a homossexualidade.

Herói ou bandido?

Especialistas afirmam que a figura do pai é indispensável na formação da personalidade de qualquer indivíduo. Nesse sentido, vale destacar que ela está ausente da vida de muitos homossexuais. Na história da maioria dos homossexuais, observa-se casos de pais alcoólatras, presidiários, violentos, ausentes e desconhecidos. Em geral, não se encontra casos em que o homossexual tenha desenvolvido uma relação profunda, amistosa e saudável com o próprio pai.

Os relatos autobiográficos de muitos homossexuais assumidos evidenciam a relação fragilizada do homossexual com seu pai. A autobiografia de Pedro Almeida, por exemplo, sugere que o autor teve sérios problemas no relacionamento com seu pai. Em seu livro *Desclandestinidade*, Pedro Almeida declara que seu pai serviu como voluntário na Segunda Guerra e, algum tempo depois desse conflito mundial, o ex-combatente passou a sofrer distúrbios psicológicos. De acordo com o autor, seu pai “acordava no meio da madrugada e subia no telhado como se estivesse em campo de batalha”. Ainda de acordo com Pedro Almeida, seus irmãos mais velhos cresceram em um clima de insegurança e nervosismo.

Em alguns casos, parece que o pai é mesmo o causador da confusão no desenvolvimento da personalidade do filho. No caso de Mike Jones, um ex-homossexual estadunidense de 44 anos, a atitude do seu pai foi determinante no desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo. De acordo com um artigo da revista *Psychology Today*, a primeira experiência sexual de Mike aconteceu ainda na adolescência: seu pai o masturbou!

A relevância do relacionamento entre pais e filhos no desenvolvimento da homossexualidade pode ser observada no completíssimo Relatório *Hite* Sobre a

Sexualidade Masculina, no qual a historiadora Shere Hite entrevistou 7.239 homens de 13 a 97 anos de idade. O *Relatório Hite* comprova que os pais desempenham um papel fundamental na afirmação da identidade de gênero e até mesmo no desempenho sexual de seus filhos.

Alguns especialistas afirmam que “a identificação com o pai também serve para funções sociais: normas culturais são passadas de geração em geração, e o filho aprende **o papel sexual masculino** que é aceito”¹⁶

Em uma reportagem sobre o *Desenvolvimento da personalidade*, a revista *Superinteressante* confirmou a importância da relação entre pai e filho no desenvolvimento do senso de masculinidade. De acordo com a revista, “um filho que imita seu pai se barbeando também aprende com ele a maneira de se relacionar com as mulheres, modos de regular o tom de voz e até mesmo preferências intelectuais”¹⁷

É pouco provável que se encontrem explicações racionais que neguem a importância da figura paterna no desenvolvimento da personalidade de um homem. Freud, por exemplo, posicionava-se de maneira radical sobre esse assunto. Em certa ocasião, ele afirmou que não conseguia pensar “em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai”¹⁸.

A maneira pela qual pai e filho se relacionam é fundamental para o desenvolvimento da identidade de gênero do menino. Quando o pai não está presente na vida do homenzinho, algum desajuste acaba acontecendo. Muitos especialistas reconhecem esse fato.

Aberastury & Salas, por exemplo, em seu livro *A Paternidade: Um Enfoque Psicanalítico*, afirmam que muitas vezes o pai ausente obriga o filho a ocupar seu lugar na família. Para os especialistas, essa obrigação de assumir o papel do pai, acompanhada da nostalgia da figura paterna, aparece com frequência na história de muitos homossexuais.¹⁹

Para Aberastury & Salas, o homem que teve que substituir o genitor do mesmo sexo ainda na infância acaba por desenvolver uma estrutura mental na qual se vê como um menino que, submetido à mãe, recusa a idéia de formar um casal com alguém do sexo oposto e permanece preso a um destino aparentemente implacável.²⁰

Assim, está cada vez mais evidente que a homossexualidade é um fenômeno dinâmico e complexo. Você compreenderá melhor o dinamismo e a complexidade do desejo homossexual a seguir.

Notas

1- Papai, Mamãe, Sou Gay!, pg. 50.

2- Pai Ausente, Filho Carente , pg.79.

3- Informações obtidas com a pesquisadora portuguesa Maria Fernanda Bar-roca, por e-mail.

4, 5 e 6 - Disponível em http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos_Psico-logia/Complexo_Materno.htm.

7- A Inversão Sexual, pg. 13.

8- Idem, pg. 14.

9- Determinação e Mudança de Sexo, pg. 46.

10- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 119.

11- Os Homossexuais Vistos Por “Entendidos”, pg. 41.

12- Revista IstoÉ, 15 de outubro de 1997.

13- Sexualidade Masculina: verdades e mentiras. Thesaurus, pg. 15.

14- O Armário, pg. 54

15- Era uma Vez um Casal Diferente, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 2007.

16-As Três Psicologias, pg. 24.

17- Revista Superinteressante, edição n° 248 de Janeiro de 2008. 18-Idem.

O Desenvolvimento psicodinâmico da homossexualidade

Todas as paixões têm um tempo certo em que começam e em que acabam: algumas são incompatíveis entre si, por isso para nascerem umas é preciso que acabem outras.

Mathias Aires, filósofo brasileiro.

Você já sabe que ninguém nasce gay e que a atração pelo mesmo sexo não é uma doença que atinge as crianças logo após o nascimento. Ainda assim, você pode estar se perguntando: como surge a homossexualidade? O que faz alguém se tornar homossexual?

O psicólogo Flavio Gikovate dedicou um capítulo inteiro do seu livro *Homem: sexo frágil?* ao estudo da evolução psicodinâmica da homossexualidade. Ele descreveu com muita objetividade os fenômenos que ocorrem durante a infância e a adolescência dos indivíduos do sexo masculino e a maneira pela qual esses fenômenos contribuem para o desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo. A maneira pela qual o psicólogo abordou a homossexualidade corresponde à experiência de muitos homossexuais que eu conheço.

A opinião do Dr. Gikovate a respeito da homossexualidade é clara e inequívoca. Em entrevista à revista *Época*, ele declarou que o homossexual masculino costuma ser “aquele garoto delicado que foi objeto de chacota de outros meninos, às vezes do próprio pai”. Para o Dr. Gikovate, esse garoto “não preenche os requisitos do macho, cresce com raiva daquele que, mais tarde, e não por acaso, passará a desejar sexualmente”.¹

O Dr. Gikovate disse à revista que sabe que sua tese é polêmica mas insistiu: “ao contrário do que se pensa, o homossexual masculino não tem nada contra a mulher. O acerto de contas dele é com os homens”.²

Ao contrário do que muitos podem pensar o Dr. Gikovate não é uma pessoa machista, conservadora ou “homofóbica”. Na verdade, até mesmo os militantes gays admiram o profissionalismo do Dr. Gikovate. O psicólogo Fabrício Viana, por exemplo, é um homossexual assumido e exímio defensor dos direitos dos gays. Em sua opinião, o Dr. Gikovate é “um escritor brilhante”.

Muito antes do Dr. Gikovate estudar as raízes da homossexualidade, outros estudiosos já haviam identificado os fatores que contribuem para o surgimento da atração pelo mesmo sexo.

Aristóteles, o filósofo grego, sabia que alguns comportamentos se tornam agradáveis ao indivíduo, ainda que não façam parte da natureza humana. Nesses casos, Aristóteles acreditava que deficiências emocionais e hábitos regulares fazem com que muitas pessoas se agradem da prática de atos antinaturais.

As histórias de muitos homossexuais comprovam a tese aristotélica. As experiências da infância e da adolescência é que convencem muitos gays de que a homossexualidade é uma força “natural” e “irresistível”.

Além da força do desejo homossexual, sabemos que muitos adolescentes enfrentam um conflito permanente com os pais, irmãos e colegas do mesmo sexo e, por isso, acabam habituando-se aos relacionamentos homossexuais ainda na adolescência porque dessa forma conseguem a atenção e o afeto de outro indivíduo que sente a mesma carência afetiva.

As experiências da infância e da adolescência são marcantes para a maioria das pessoas. Em seu livro *Travestis, Entre o Espelho e a Rua*, o escritor Helio Silva afirma que *Roberta Close* relatou várias vezes seus encontros “seminais” com travestis durante a infância.³ De modo parecido, o escritor Pedro Almeida, homossexual assumido, declarou em sua autobiografia *Desclandestinidade* que aos setes anos, seu melhor amigo era um garoto afeminado. O escritor afirmou que em pouco tempo ele também passou a ser chamado de “mariquinha” por seus colegas durante as brigas ou brincadeiras infantis.⁴

Ao que parece, os encontros do transexual *Roberta Close* com travestis e a amizade de Pedro Almeida com seu colega afeminado demonstram que o filósofo estava certo ao dizer que “imitamos aqueles que nos servem de modelos e somos impulsionados para suas preferências e propósitos”.⁵

Amigos e rivais

Alguns estudiosos reconhecem que a pior maneira de tratar um jovem do sexo masculino é exatamente questionando sua masculinidade. Pierre Bourdieu, por exemplo, em seu clássico *A Dominação Masculina*, afirmou que a pior maneira de ridicularizar um homem ou questionar sua masculinidade é desdenhar de sua virilidade, chamando-o de homossexual ou tratando-o como se fosse mulher.

O leitor pôde perceber que a história de muitos homossexuais famosos demonstram que os rótulos de “bicha”, “veado” e “maricas” fazem com que o jovem homossexual se sinta um *alienígena* no meio dos outros rapazes. A sensação que experimentamos nesses casos é terrivelmente humilhante e profundamente desesperadora.

Dados oficiais comprovam que o sentimento de rejeição e a revolta em relação aos pares é a principal causa de suicídio entre adolescentes homossexuais. Além disso, os especialistas acreditam que uma criança profundamente preocupada com os próprios problemas se torna desinteressante para os outros.

A autobiografia do francês André Guide, homossexual assumido, demonstra que é mesmo durante os primeiros anos da infância que a homossexualidade se desenvolve a partir de uma identidade de gênero prejudicada e, desse modo, a criança se torna “estranha” para os outros meninos. Em suas próprias palavras, André Guide declarou: “numa idade em que se deseja ter uma alma transparente e pura, na minha só havia sombra, vilania e dissimulação”⁶

Em seu livro *Corydon: Tratado de Homossexualismo*, André Guide revelou que aos cinco anos de idade ele já estava acostumado aos “maus hábitos” A masturbação e outras brincadeiras sexuais com meninos contribuíram para que ele fosse expulso do colégio aos 8 anos. Depois disso, ele mesmo disse que se tornou um menino doentio e desagradável.⁷

Muitos especialistas afirmam que o relacionamento entre o adolescente e seus colegas da mesma idade são ainda mais determinantes na formação da sua personalidade do que seu relacionamento com os próprios pais. A experiência que o publicitário Julio Wiziack descreve no seu livro *Abrindo o Armário* demonstra que os especialistas podem estar certos sobre esse assunto.

Julio Wiziack disse que recebeu da avó que o criou o apelido de “ossinho” porque ele era magro e feio como “um filhote de cruz-credo”. Além disso, ele declarou que sofreu profundamente quando a anciã o constrangeu na frente de um dos seus colegas de escola. Em suas próprias palavras: “nada foi pior do que ela ter dito a um amigo de classe que eu era feio por fora, mas lindo por dentro”.⁸

Uma análise da atenção que Julio Wiziack dispensou ao comentário da sua avó, enquanto o seu colega de classe estava presente, é importante para quem deseja compreender o impacto das relações entre pares na formação da personalidade.

O escritor Nelson Luiz de Carvalho, em seu livro *O Terceiro Travesseiro*, conta a história de dois rapazes que se envolvem em um relacionamento homossexual, Renato e Marcus.

Em uma conversa com seu pai, Marcus confessa os dramas vividos durante a adolescência:

*Pai, eu estava com treze anos quando tudo isso começou. O senhor não pode imaginar o que foi a minha cabeça dos treze aos quatorze anos, pai. Tudo foi muito difícil... Lembra quando eu me cortei fazendo pipa e fui parar em estado grave no hospital? Não foi por acidente... que a gilete cortou meu pulso... naquela época, as coisas estavam muito confusas na minha cabeça. O medo, a insegurança e a humilhação viviam comigo todos os dias.*⁹

Atônito, o pai de Marcus se pergunta: “meu Deus! Onde eu estava... quando... tudo isso aconteceu?”¹⁰

O que teria levado Marcus a tentar o suicídio? O seu relacionamento frágil com o próprio pai? Não, mas sua convivência difícil com os amigos da escola.

Ainda na conversa com seu pai, Marcus desabafa:

*Tenho até vergonha de contar ao senhor o que me levou a fazer aquela besteira... Se não bastasse toda a confusão que já rolava na minha cabeça, ainda fui cometer um erro gravíssimo no colégio. Estava assistindo a aula... quando alguém me passou a mão. Era o cara da carteira de trás. O líder da turma. Com certeza, ele fez isso de brincadeira e eu muito burro... e eu muito burro, pai, em vez de reagir, fiquei quieto, fingindo que não era comigo. Eu tinha muito medo dele, pai... daí para frente, a minha vida se transformou num inferno.*¹¹

Depois daquele dia, a vida de Marcus realmente se complicou no colégio. Ele era xingado, surrado, humilhado de várias maneiras em todos os lugares da escola, apesar disso, ele disse ao seu pai: “... o senhor não teve culpa de nada. Eu é que sou uma droga de filho”.¹²

Embora tenha procurado inocentar seu pai, Marcus lamentou o fato de que jamais recebera dele a atenção necessária. Aos quinze anos, seu pai entregou-lhe uma caixa de preservativos mas, apesar das dúvidas do filho quanto à sexualidade, ele “não deu abertura, virou as costas e foi embora”.¹³

Para a psicóloga Judith Harris, formada em Harvard, “a identificação com um grupo e a aceitação ou rejeição por parte do grupo é que deixam marcas permanentes na personalidade”.¹⁴

A tese da Dr^a. Judith Harris encontra respaldo no pensamento de Umberto Eco. Para o pensador, as mais laicas entre as ciências humanas nos ensinam que “é o outro, é seu olhar, que nos define e nos forma”

No que se refere à homossexualidade, a juventude do Brasil está longe de aceitar essa orientação sexual como “natural” ou “saudável”. Uma pesquisa da Unesco revelou que aproximadamente a metade dos jovens entre 16 e 19 anos não gostaria de ter um amigo ou vizinho homossexual. Para essa parcela da população brasileira, a atração pelo mesmo sexo é uma “doença” ou “falta de vergonha”.

Ainda que os jovens brasileiros estejam enganados quanto à origem da homossexualidade, é evidente que suas opiniões a respeito desse tema explicam o motivo pelo qual eles atribuem aos homossexuais um estigma ruim. Esse fato constitui o objeto de estudo de muitos pesquisadores.

A Dr^a. Lucia Facco, formada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é homossexual assumida e pesquisou a condição homossexual. Em sua tese *Era Uma Vez Um Casal Diferente*, ela afirma que “a vigilância sobre o indivíduo e a comparação dele com cada um dos outros exacerbam cruelmente o estigma que porventura ele carregue consigo”.¹⁵ Para a Dr^a Lucia Facco, é “por isso, [que] muitas vezes, os estigmatizados preferem evitar contatos com os não-estigmatizados, isolando-se ou procurando contato apenas com portadores do mesmo estigma que ele”.¹⁶

A observação da Dr^a. Lucia Facco pode ser constatada na história de muitos homossexuais. O escritor Pedro Almeida, em seu livro *Desclandestinidade*, declarou que durante toda a adolescência e início da maioridade mantinha-se “o mais afastado possível de amizade com rapazes”. Ele disse que essa atitude visava a capacitá-lo a “resistir” aos seus fantasmas.¹⁷

Tenho observado que os dramas pessoais vividos na adolescência e as pressões sociais a que estão sujeitos os jovens que desde cedo apresentam uma identidade de gênero prejudicada acabam por convencê-los de que são “realmente” diferentes dos seus pares no que se refere à sexualidade e, conseqüentemente, contribuem para que mais tarde eles assumam a identidade gay - como se eles não pudessem fazer coisa alguma para evitar um destino indesejado.

A mãe

Após mais de uma década de pesquisas e conversas com especialistas de várias áreas do conhecimento humano, compreendi que minha história exemplifica o que as teorias do desenvolvimento da personalidade descrevem com precisão: a importância do ambiente na construção da identidade de gênero.

Em seu artigo *Psicologia e Homossexualidade*, o Dr. Jose M. F. Martos afirma que tem encontrado “características maternas significativas” no atendimento a homens homossexuais. Dentre essas características, o Dr. Martos destaca que “mães que procuram intimidade exagerada com o filho; que o desmasculinizam através de vestuário ou jogos”. Ele entende que a possessividade dessas mães anula a autonomia natural do filho e, em alguns casos, elas tentam compensar no filho as relações difíceis que tiveram com homens adultos.¹⁸

A biografia do escritor Oscar Wilde e o caso relatado pela Dr^a. Solange Cigagna¹⁹ correspondem ao modelo descrito pelo Dr. Martos. O escritor irlandês e o paciente da Dr^a. Solange Cigagna foram criados como meninas durante uma parte considerável de suas vidas.

Jogo, perigo e preguiça

Alguns especialistas são radicais em suas análises a respeito do desejo homossexual. Para Jean-Jacques Rassial, professor titular de psicopatologia clínica na Universidade de Aix-Marseille, França, “a homossexualidade é uma posição preguiçosa e passiva!”²⁰

O Dr. Rassial explica seu ponto de vista da seguinte maneira:

*É muito fácil encontrar o outro do mesmo sexo, é muito mais fácil do que encontrar o outro do outro sexo. Com o outro do outro sexo é o fracasso de nossa identidade que encontramos, não funciona com o outro sexo. Trata-se da guerra, uma guerra interessante, aliás. Com o mesmo sexo estamos no narcisismo triunfante. Consegue-se pensar o gozo do outro e é uma maneira notável de economizar a castração. Economiza-se o risco e também a beleza da castração, ou seja, a diferença sexual - uma vez que a castração afeta os dois sexos.*²¹

A tese do Dr. Rassial é exemplificada no relato da paixão de Eduardo por Alexandre, personagens do livro *Um Estranho em Mim*, de Marcos Lacerda. Em suas palavras, Eduardo declarou:

*A princípio, o corpo jovem de Alexandre era uma espécie de espelho em que eu imaginava estar me vendo, e isso fazia com que eu não sentisse a diferença de idade que existia entre nós. Trincado o espelho, víamos, face a face, nossas diferenças. Não havia como reconstituir a unidade imaginada. (...) Ele era, em minha fantasia, meu menino, e eu precisava que se mantivesse nesta condição para sempre.*²²

O Dr. Guy Corneau, terapeuta junguiano, em seu livro *Pai Ausente, Filho Carente*, defende a idéia de que a origem dos problemas vividos pelo homem adulto está na ausência física e afetiva do pai durante a infância e a adolescência.

Ao comentar sobre a homossexualidade, o Dr. Corneau parece concordar com a opinião do Dr. Rassail. Segundo o Dr. Corneau, o homossexual utiliza seu homossexualismo para tentar suprir a realidade do outro, a fim de permanecer no “mesmo”, ou seja, no que se assemelha. Ele afirma que “a maior parte dos homossexuais teve experiências terríveis com o pai e é no homossexualismo que eles se deram o direito de amar o corpo dos homens e, por conseguinte, seu próprio corpo”.²³

A opinião do Dr. Rassial e do Dr. Corneau é a mesma do Dr. Frank S. Caprio. Este acreditava que muitos homens se engajam em relacionamentos homossexuais porque ficam ansiosos e inseguros quanto à habilidade que possuem para se envolver em um relacionamento heterossexual satisfatório.

O ponto de vista do Dr. Rassial encontra respaldo também no pensamento de Friederich Nietzsche. Para o filósofo alemão, “o verdadeiro homem quer duas coisas: perigo e jogo. Por isso quer a mulher, o jogo mais perigoso”.²⁴

Após muitos anos vividos na homossexualidade, eu não tenho dúvidas de que é muito mais fácil e prático conviver socialmente e obter prazer sexual com alguém do mesmo sexo do que se aventurar pelo terreno desconhecido dos relacionamentos com o sexo oposto. Apesar disso, sabemos que ninguém escolhe livremente e de modo consciente o comportamento homossexual. Na verdade, as evidências comprovam que algumas

experiências traumáticas e uma permanente crise de identidade é que desencadeiam o surgimento da atração pelo mesmo sexo.

Notas

- 1e 2 - Revista Época, edição nº165, de 16/07/2001.
- 3- Travestis, Entre o Espelho e a Rua, pg. 162.
- 4- Desclandestinidade, pg. 21.
- 5- Dos Deveres, pg. 124.
- 6e7 - Corydon : Tratado de Homossexualismo, pg. 11. 8 - Abrindo o Armário, pg. 86.
- 9,10,11 e 12 - O Terceiro Travesseiro, pg. 156 e 157.
- 13-Idem,pg. 49.
- 14- Revista Superinteressante, nº 248 - Janeiro de 2008.
- 15e 16 - Era Uma Vez Um Casal Diferente, tese defendida na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- 17- Desclandestinidade, pg. 42.
- 18- Disponível em <http://istoe.terra.com.br/planetadinamica/site/reportagem.asp?id=147>, em 23/07/2008.
- 19- Homossexualidade: A Terapia de Vidas Passadas... explica?, pg. 53 a 94.
- 20e 21 - Disponível em <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs3132/3132Entrevista.htm> em 15/06/08.
- 22- Disponível em http://www.revistapsicologia.com.br/materias/abordagens/insustentavel_dureza.htm, em 18/07/2008.
- 23- Pai Ausente, Filho Carente, pg. 77 a 79.
- 24- <http://www.pensador.info/autor/FriedrichNietzsche>, em 17/07/2008.

Traumas e crise de identidade

O homem que a dor não educou será sempre uma criança.

NICCOLO TOMMASEO, ESCRITOR ITALIANO.

A terrível diferença

Eu passei por momentos dramáticos na minha infância e adolescência. Esses momentos contribuíram significativamente para que eu desenvolvesse uma identidade de gênero prejudicada.

Além da minha própria experiência, os relatos biográficos de celebridades do mundo gay demonstram que a puberdade da maioria dos homossexuais é uma fase de angústia, humilhação e solidão.

Parece pouco razoável negar que as experiências de tantos homossexuais sirvam de parâmetro para que se avalie a homossexualidade em sua amplitude e diversidade. Além disso, os maiores especialistas nesse assunto afirmam que a **homossexualidade não é uma condição natural do desenvolvimento da personalidade**.

De acordo com as minhas pesquisas, o comportamento homossexual parece decorrer de um desajuste cognitivo e comportamental da criança ou do adolescente quanto à sua identidade de gênero. No meu caso, por exemplo, eu não me sentia “doente” quando não conseguia resistir à atração pelo mesmo sexo.

Embora não acreditasse que a homossexualidade fosse uma doença, eu sabia que alguma coisa estava “fora do lugar” na minha vida. Ainda que tentasse fazer parte do universo masculino, eu sentia que não era como os outros rapazes. Além disso, eu não me sentia completamente à vontade entre as meninas, embora a convivência com elas fosse mais confortável e segura para mim.

Durante a maior parte da minha vida, eu tive a sensação de não pertencer ao mundo dos homens nem ao das mulheres. Assim, eu vivia uma condição de “coisa” e não compreendia o motivo pelo qual eu me sentia daquela maneira. Eu simplesmente não sabia o que fazer com meus impulsos sexuais nem qual o papel de gênero que eu deveria assumir.

O drama que eu vivi durante a adolescência já havia sido identificado há muito tempo por especialistas que estudam o comportamento humano. O psiquiatra Erik Erikson, por exemplo, deixou claro que a construção da identidade sexual é uma das dimensões requeridas para o desenvolvimento adequado da identidade pessoal.¹

Em seu livro *Desenvolvimento da Personalidade*, o psiquiatra Flávio Fortes D’Andrea destaca que a crise de identidade afeta também o comportamento sexual. Ele entende que “a identidade é, em última análise, a capacidade de o indivíduo se colocar em oposição e de conseguir o reconhecimento desta oposição pelos outros”.²

A minha adolescência foi marcada por muitas crises. Eu temia os outros meninos e não me sentia confiante em fazer amor com nenhuma menina. Apesar disso, acredito que a pior crise da minha vida era exatamente não saber se algum dia eu seria uma pessoa feliz. Eu observava os outros meninos e percebia que eles estavam “virando homem”. Da mesma forma, eu entendia que as meninas estavam amadurecendo e se tornando “mulher”. No meu caso, eu não sabia o que eu seria quando crescesse. Isso me deixava profundamente angustiado. Assim, durante toda a minha juventude eu não assumi uma identidade sexual.

Ao assumir a homossexualidade aos 19 anos, tornei-me uma pessoa ainda mais confusa e essa confusão se refletia nos relacionamentos afetivos que eu mantinha com outros homens. Eu não sabia qual era meu papel na relação sexual e isso prejudicava meu envolvimento emocional com os parceiros. Dessa forma, eu não me sentia plenamente satisfeito com nenhum relacionamento homossexual. Apesar disso, o prazer sexual compensava a ausência de afeto e comprometimento.

Embora eu tivesse assumido a homossexualidade como uma forma “natural” e saudável de expressão da minha sexualidade, eu não me sentia completamente à vontade em meus relacionamentos. Isso certamente prejudicou até mesmo a formação da minha *identidade gay*.

Da mesma forma que eu não consegui afirmar a minha identidade junto aos colegas na adolescência, não fui capaz de impor minhas preferências nos relacionamentos homossexuais em que me envolvi na fase adulta. Desse modo, eu jamais havia experimentado a sensação de “ser” quem eu realmente gostaria.

Em sua experiência clínica, o Dr. D’Andrea observou que muitos jovens não conseguem afirmar sua identidade no final da adolescência. Ele constatou que, em geral, esses jovens não conseguiram sintetizar e integrar as diversas identificações que seu ego realizou no decorrer do desenvolvimento.³

Para o Dr. D’Andrea, essa incapacidade do adolescente redundará na formação de uma pessoa que vive em crise permanente e que “representa papéis difusos e contraditórios” ou “uma mistura de pedaços de papéis sociais mal assimilados”.⁴

O Dr. D’Andrea entende que se o adolescente perde o “sentido da identidade pessoal” e sua “continuidade histórica” ele se torna “incapaz de delimitar seus comportamentos na configuração de um papel que supõe ser esperado de si mesmo”.⁵

As histórias de muitos homossexuais famosos confirmam que o desenvolvimento da personalidade de um homem pode ser dramaticamente afetado pelas experiências que ele vivenciou durante os anos críticos da adolescência. Essas experiências são ainda mais dramáticas se envolverem algum tipo de abuso sexual.

Os abusos homossexuais.

Especialistas afirmam que mais de 80% dos homossexuais que procuram ajuda de terapeutas confessam haver sofrido alguma forma de abuso sexual na infância ou na adolescência. Esse percentual é confirmado com a minha experiência e centenas de relatos de outros homens que conheci nos últimos anos. Esse fato demonstra que o abuso sexual está presente na vida da imensa maioria dos homossexuais.

Muitos homossexuais assumidos escrevem suas biografias e evidenciam que o abuso sexual faz parte da história de muitos gays.

O escritor Pedro Almeida, em seu livro *Desclandestinidade*, descreve a história trágica de um jovem de 29 anos, chamado Wesley, que teve sua primeira experiência homossexual à força, aos 12 anos. Ele foi estuprado por seu primo, de 25 anos.

De acordo com o relato de Pedro Almeida, o menino havia sido violentado na casa em que vivia com seus parentes. Ele não teve coragem de falar nada para sua família sobre o estupro porque temia sofrer ainda mais discriminação, afinal, desde a infância, seu pai o humilhava com xingamentos que sugeriam que ele fosse gay.

Ainda de acordo com Pedro Almeida, o jovem Wesley tentou viver segundo o padrão heterossexual durante a adolescência e casou-se com uma mulher aos 19 anos. Ainda assim, ele se tornou uma pessoa emocionalmente instável e acreditava ser o culpado pelo abuso sexual sofrido na infância. Além disso, ele mantinha relações extraconjugais e tentou o suicídio por duas vezes. Nesse contexto, seu casamento fracassou.

A experiência traumática vivida pelo jovem Wesley está longe de ser uma exceção na história da maioria dos homossexuais. Entretanto, é importante compreender que o termo “abuso sexual” não se confunde com estupro, apenas.

Especialistas afirmam que existem inúmeras maneiras de praticar ou sofrer um abuso sexual. Além dos abusos sexuais propriamente ditos, existem os abusos físicos e emocionais, que podem ocorrer a partir de atos de violência física, críticas e humilhações diversas. Qualquer um desses atos abusivos pode traumatizar uma criança ou adolescente e prejudicar o desenvolvimento de sua identidade de gênero.

Existe uma vasta documentação científica a respeito da crise de identidade que crianças e adolescentes vivenciam a partir do momento em que sofrem o abuso sexual. Na verdade, há entre os especialistas e terapeutas uma certeza de que as conseqüências dessa violência são realmente devastadoras para a mente de um jovem que ainda está na fase de desenvolvimento da personalidade.

Em seu livro *O Estupro e o Assédio Sexual*, Isaac Charam destaca que, no caso específico do estupro homossexual, “a reação inicial da vítima é de choque, humilhação e ansiedade... seu trauma muitas vezes inclui confusão sobre a identidade sexual”.⁶

Isaac Charam afirma que, nesses casos, “homens podem tornar-se retraídos, emocionalmente frios, evitar contatos esportivos, ter medo de homens, **baixa auto-estima** e podem também julgar que tem uma **aparência feminina**”.⁷

Os mesmos efeitos mencionados por Isaac Charam são mencionados pelo Dr. Arthur T. Jersild em seu livro *Psicologia da Criança* e encontram respaldo até mesmo em experimentos científicos realizados com animais em laboratório.

O Dr. Jersild destacou que “quando ratos novos são atacados e derrotados por um camundongo previamente treinado para lutar, quanto menores forem os ratos na época da primeira derrota, mais probabilidade terão de, quando adultos, tornarem-se arredios e fugirem à luta”.⁸

Alguns homens realmente se tornam retraídos depois de sofrer um abuso sexual. Esse fato é comprovado pelo Dr. Vicente Faleiros, psicólogo e pesquisador da Universidade de Brasília-UnB. Ele afirma que um dos sinais do abuso sexual em crianças é a “falta de espontaneidade em relação ao desenvolvimento sexual com pessoas da mesma idade”.⁹

Assim como o abuso sexual, a baixa auto-estima também faz parte da vida da maioria dos homossexuais. Esse fato é reconhecido até mesmo por militantes que defendem os direitos dos gays. O psicólogo Fabrício Viana, por exemplo, em seu livro *O Armário*, afirma que os homossexuais têm uma auto-estima “tão baixa que eles não têm forças para lutar ou mesmo entender o mundo que esta a sua volta”.¹⁰

As biografias de inúmeros homossexuais e ex-homossexuais comprovam que as constatações do Dr. Isaac Charam e do terapeuta Vicente Faleiros são verdadeiras e merecem a atenção das pessoas que desejam realmente compreender os fatores que contribuem para o desenvolvimento da homossexualidade. De igual modo, a afirmação do Dr. Fabrício Viana pode ser facilmente verificada junto ao público homossexual.

Para o terapeuta junguiano Guy Corneau, autor do livro *Pai Ausente, Filho Carente*, muitas vezes um filho que não recebe a devida atenção do próprio pai se torna gay porque outro homem o acha bonito, deseja seu corpo e o seduz.¹¹

Ainda na infância, eu experimentei a sedução de que fala o Dr. Corneau e desenvolvi a sensação de corpo morto¹² mencionada por Marceline Gabel em seu livro *Crianças Vítimas de Abuso Sexual*.

Eu namorei uma menina por muitos anos, mas não sentia nenhuma excitação sexual no contato físico com mulheres. Na minha cabeça havia a idéia de um amor romântico com uma mulher, mas meu corpo não reagia a essa idéia. Enquanto isso, minhas fantasias e desejos sexuais eram completamente direcionados para os indivíduos do mesmo sexo.

Embora alguns intelectuais minimizem as conseqüências trágicas do abuso sexual no desenvolvimento da personalidade e insistam em afirmar que essa anomalia não influencia no desenvolvimento da identidade de gênero de um adolescente, minha experiência prova exatamente o contrario.

Eu experimentei no meu próprio corpo a violência e a crueldade do abuso sexual e conheço muito bem a sensação de ter as vísceras e a alma atravessadas por um psicopata. Assim, eu sou uma testemunha das conseqüências nefastas que esse ato insano provoca em suas vítimas. Além disso, posso garantir que as marcas desse abuso não desaparecem facilmente da mente de quem teve o infortúnio de experimentá-lo.

As conseqüências do abuso sexual são conhecidas dos especialistas há muitos anos. Freud sabia que crianças molestadas sexualmente desenvolviam vários tipos de neuroses. Apesar disso, esse tema ainda não recebe a atenção que deveria receber. Por quê? Parece que a resposta é tão antiga quanto a consciência sobre o problema.

O Dr. Robert Nye, da Universidade de Nova Iorque, suspeita que Freud não quis causar desconforto a seus contemporâneos e por isso silenciou-se sobre as conseqüências do abuso sexual de crianças e adolescentes.¹³

Felizmente, alguns especialistas rompem com o **silêncio criminoso** sobre esse tema e assumem uma postura desafiadora a respeito da violência sexual de crianças e adolescentes.

Para o Dr. Jeffrey Masson, Ph.D pela Universidade de Harvard, “o abuso sexual de crianças é muito mais comum do que o reconhecido”. Ele denuncia que essa forma de abuso é ignorada deliberadamente por “**analistas que convencem os pacientes de que memórias de tais experiências são fantasias**”.¹⁴

A pesquisadora Marceline Gabel também acha que as conseqüências do abuso sexual são devastadoras. Ela analisou as reações imediatas das vítimas desse abuso e as seqüelas que ficam na mente dessas pessoas. Marceline Gabel constatou que, em geral, os jovens que sofreram um abuso homossexual procuram os terapeutas em busca de ajuda para não se tornarem homossexuais.

A pesquisadora afirma que é nessa fase que alguns jovens querem manter relações sexuais com alguém do sexo oposto, mas se vêem invadidos por imagens do passado que acabam por paralisar cada um dos gestos amorosos da parceira. Nesses casos, Marceline Gabel destaca o que ela chama de *corpo morto*, que representa “um descompasso entre o desejo que sente no nível mental e a ausência de prazer ou repulsa que experimenta simultaneamente”.¹⁵

Apesar da constatação do índice de abuso sexual na história de vida de indivíduos homossexuais, merece destaque o fato de que nem todo menino que sofre uma violência sexual desenvolve uma identidade gênero conflituosa ou, em último caso, a homossexualidade. Esse fato não é desprezado pelos especialistas que estudam esse assunto.

O psiquiatra Flavio D’Andrea, por exemplo, reconhece que “os conflitos só aparecerão se houver perturbações nas relações interpessoais, prejudicando o processo de identificação masculina ou feminina”.¹⁶

Minha experiência pessoal e as pesquisas que realizei demonstram que a maioria dos homossexuais experimenta uma forte crise depressiva na puberdade. Geralmente, essa crise se acentua à medida que o indivíduo percebe sua incapacidade de se relacionar adequadamente com seus companheiros do mesmo sexo e consigo mesmo. Assim, o futuro dessa pessoa se torna algo incerto e, muitas vezes, assustador.

No meu caso, por exemplo, os abusos que eu sofri não provocaram apenas traumas e conflitos quanto ao meu passado. Eu passei a acreditar que meu futuro seria ainda mais tenebroso e, dessa maneira, minha vida pareceria uma seqüência interminável de aflição e desespero.

A experiência de muitos homossexuais mostra que o Dr. Wilson, autor do livro *Psicologia Quântica*, está certo quando afirma que “como e quando a sexualidade na puberdade recebeu sua impressão parece determinar os programas vitalícios de heterossexualidade ou homossexualidade”.¹⁷

O psicanalista Contardo Calligaris concorda que a infância é realmente o período determinante do desenvolvimento da personalidade. Conforme destacou a revista *Superinteressante*, o Dr. Calligaris acredita que os eventos da infância não são mais marcantes do que as situações cotidianas do presente. Apesar disso, ele entende que “os

eventos de hoje tomam relevância e sentido a partir de nosso passado e, portanto, de nossa infância”.¹⁸

Muitos estudiosos do comportamento humano destacam os efeitos psicológicos (e biológicos) devastadores dos eventos traumáticos sobre a mente humana.

O Dr. Daniel Goleman, Ph.D, em seu livro *Inteligência Emocional*, destaca que os abusos e os maus tratos que algumas crianças sofrem na mão dos adultos são ainda mais devastadores do que eventos catastróficos provocados pela natureza.

De acordo com a experiência do Dr. Goleman, os “atos de violência são mais perniciosos que catástrofes naturais como furacões porque, ao contrário das vítimas de um desastre natural, as vítimas de uma violência se sentem como se tivessem sido escolhidas como alvo de uma maldade”.

Para o Dr. Goleman, os abusos físicos, emocionais e sexuais destroem “todo um sistema de confiança no ser humano e nas pessoas com quem se relacionam”.

Apesar de algumas pessoas minimizarem as conseqüências de um abuso sexual sofrido na infância ou adolescência, o Dr. Dennis Charney, psiquiatra da Universidade de Yale, constatou que uma vítima de um *trauma devastador* pode sofrer alterações biológicas irreversíveis.

As evidências permitem concluir que a dificuldade que algumas pessoas experimentam na tentativa de mudarem a orientação sexual esteja completamente relacionada às alterações biológicas que o abuso sexual sofrido na infância deixa em suas vítimas. Apesar disso, acredito que Nietzsche estava certo quando identificou que existe uma força plástica no homem que lhe permite “desenvolver-se fora de si mesmo” transformando e incorporando as coisas do passado, de modo que consiga “curar e cicatrizar feridas, substituir o que foi perdido, refazer por si mesmo formas rompidas”.¹⁹

O desespero

Eu sei por experiência própria que as situações traumáticas da infância e da adolescência deixam marcas profundas na personalidade. Minha experiência e as histórias de muitos homossexuais e ex-homossexuais comprovam que os traumas da infância provocam na maioria dos jovens uma crise de identidade que os deixa com a sensação de que eles são incapazes de mudar seu modo de pensar, sentir e agir. Esse senso de impotência permanece até mesmo quando esses jovens atingem a fase adulta e contribui decisivamente para que muitos deles assumam a homossexualidade como uma condição natural e imutável.

A Dr^a. Renate Jost atendeu a um paciente que demonstrou essa incapacidade de mudar o rumo da própria vida. Ele disse à psicóloga que muitas vezes sentia atração por mulheres, mas tinha medo do fracasso ao iniciar uma relação heterossexual. Como dizem os especialistas, esse paciente é uma pessoa neurótica, afinal, ele sabia do seu problema, sofria com isso, mas se sentia incapaz de solucioná-lo.

De acordo com a experiência clínica da Dr^a. Jost, a sensação de impotência é comum na vida de muitos homossexuais que, apesar de não conseguirem se livrar dessa condição, dificilmente se aceitam como tais.

O drama mencionado pela Dr^a Jost é o mesmo vivido por Eduardo, o personagem do livro *Um Estranho em Mim*, de Marcos Lacerda. Antes de se render ao instinto sexual que o dominava, Eduardo declarou:

*Sentia como se durante todos os anos de minha vida eu tivesse fugido daquele momento; mas ele sempre estivera ali, a me cercar, e agora eu não era nada além de uma presa fácil nas mãos de um predador interno e feroz que me perseguia exaustivamente, finalmente me acuava, arremessando-me contra as muralhas do meu desejo.*²⁰

Para a Dr^a. Jost, o conflito na vida dos homossexuais é praticamente inevitável. Ela garante que um homem não pode desenvolver uma estrutura psíquica equivalente à da mulher. A psicóloga afirma que “sobre uma estrutura fisiologicamente masculina, não há condições de se estruturar um psiquismo feminino”

Recentemente, um programa brasileiro da televisão demonstrou que a Dr^a. Jost pode estar certa sobre o psiquismo de cada pessoa.

Em entrevista ao programa *Nada Além da Verdade*²¹ o transexual Nany People foi questionado se seria capaz de satisfazer sexualmente uma mulher. O transexual disse que “não”, porém, o Polígrafo (detector de mentiras) revelou que ele estava mentindo.

O resultado do teste do Polígrafo deixou Nany People em uma situação constrangedora. Afinal, até mesmo ativistas gays como Wayne R. Besen afirmam que o detector de mentiras é um mecanismo apropriado para se verificar **a verdadeira orientação** sexual de uma pessoa.²²

Ao que parece, um pensador estava certo quando disse que “de nada adianta opor-se à natureza e andar na busca daquilo que não pode ser alcançado”.²³

De volta às considerações da Dr^a. Jost, ela entende que o comportamento homossexual é incompatível com a natureza humana. Para a Dr^a Jost, o homem é um *todo psicossomático* coerente e o homossexualismo é uma *divisão interna* que agride o organismo psicofísico e provoca processos violentos de angústia que conduzem o indivíduo “ao desespero, ao desrespeito de si, ao ódio contra a humanidade (crime) e, finalmente, ao suicídio”.

A maioria dos aspectos de insanidade mental que a Dr^a. Jost observa em seus pacientes está presente nas histórias dos homossexuais que a imprensa brasileira divulga regularmente.

A revista *Época*, por exemplo, noticiou recentemente alguns casos de homossexualismo nas Forças Armadas. Um sargento do Exército, que vive “maritalmente” com outro militar, disse a revista que é portador de uma doença que os médicos não conseguem diagnosticar. Em suas palavras, o sargento declara: “Já diagnosticaram várias coisas, como lesão medular, esclerose múltipla, disfunção labiríntica, depressão... Mas até hoje não sei ao certo o que é”.²⁴

Na mesma edição, *Época* revelou o drama de Fabiano de Barros Portela, outro homossexual que também é sargento do Exército e sofre transtornos psicológicos. De acordo com a revista, Portela é portador de “transtorno de personalidade, com instabilidade emocional, e de transtorno de identidade sexual”. A revista destacou ainda que, embora tenha sido casado com uma mulher, o militar fez cirurgia para mudança de sexo.

Ao que parece, a depressão não atinge os homossexuais apenas durante os anos conturbados da adolescência ou enquanto eles estão “no armário”, ou seja, antes de se assumirem como gays.

Em pesquisa recente, o militante *gay* Spencer Cox, fundador do Medius Institute for *Gay Men's Health*, de Nova Iorque, analisou mais de 300 estudos sobre o *estilo de vida gay* e a depressão. Spencer constatou que os casos de depressão são duas vezes mais freqüentes entre os gays do que no resto da população.

Seriam o preconceito e a discriminação as causas da depressão entre os gays? A pesquisa realizada por Spencer demonstrou que a verdade está longe dessa idéia. Ele constatou que os homossexuais sentem “um profundo senso de solidão” e que esse sentimento é uma das causas principais da depressão entre os gays.²⁵

A Dr^a. Lucia Facco, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, homossexual assumida, destaca em sua tese *Era uma vez um casal diferente* que, muitas vezes, o homossexual estigmatizado “procura não ter relações de amizade mais profundas para evitar que, num deslize, seu estigma passe a ser conhecido”. Ela garante que “o medo de ser desmascarado faz com que suas amizades sejam sempre superficiais”. De acordo com a experiência pessoal da autora, essa situação “é muito frustrante”.

Os especialistas estão certos ao dizer que o homossexual dificilmente tem consciência de que seu sofrimento seja causado pelo conflito entre seus desejos e princípios morais. Eu mesmo não sabia a origem dos meus conflitos e sofria a angústia de não compreender a relação entre os fatos que me levavam a tamanho sofrimento. Ao que parece, a maioria dos homossexuais realmente não entende o funcionamento psicodinâmico do inconsciente. As evidências comprovam que essa é a origem do processo neurótico de que muitos homossexuais se queixam.

No meu caso, a angústia mental era profunda e o desespero parecia não ter fim. Além de não saber o que era, de fato, a homossexualidade, eu não sabia por que eu havia “nascido” gay, nem o que fazer para deixar de sê-lo ou como viver a homossexualidade com equilíbrio e sensatez. Tudo isso era muito desesperador.

Notas

- 1- Dicionário Técnico de Psicologia, pg. 311.
- 2, 3,4 e 5 - Desenvolvimento da Personalidade, pg. 106 e 107. 6 e7 -O Estupro e o Assedio Sexual, pg. 197.
- 8- Psicologia da Criança, pg. 34
- 9- Revista Carta Capital n° 488, de 26/03/2008.
- 10- O Armário, pg. 127.
- 11- Pai Ausente, Filho Carente, pg. 80.
- 12- Crianças Vítimas de Abuso Sexual, pg. 69.
- 13e 14 - As Três Psicologias, pg. 40.
- 15- Crianças Vítimas de Abuso Sexual, pg. 69.
- 16- Desenvolvimento da Personalidade, pg. 54.
- 17- Psicologia Quântica, pg. 95.
- 18- Revista Superinteressante n° 254, julho 2008, pg. 63.
- 19- Da utilidade e do Inconveniente da Historia para a Vida, pg. 22.
- 20- Fonte: <http://www.glsite.net/colunistas/silva/psi02.htm>., citado por Sergio Gomes da Silva.
- 21-O programa foi ao ar em 4 de maio de 2008, no SBT.
- 22- Anything but Straight, pg. 230.
- 23- Dos Deveres, pg. 119.
- 24- Revista Época n° 524 de 2/06/2008, pg. 114.
- 25- Disponível em: <http://www.washblade.com/2006/9-15/news/national/re-portxfm>, em 17/07/2008.

Síntese do desenvolvimento da homossexualidade

Nenhum homem escolhe o mal por ser o mal; mas apenas por confundi-lo com felicidade.

Mary Wollstonecraft

As teorias sobre a origem da homossexualidade são diversas e cada uma delas aborda poucos aspectos do desenvolvimento dinâmico da atração pelo mesmo sexo. Apesar disso, alguns estudiosos conseguem resumir as características principais dessa orientação sexual.

Para a pesquisadora portuguesa Maria Fernanda Barroca, dentro do homossexual vive uma pobre criança que se absorve em desejos insatisfeitos. Ela acredita que exista no homossexual muita coisa que não chegou a amadurecer e que ficou na fase do infantilismo.¹

A pesquisadora cita alguns aspectos da personalidade homossexual que comprovariam sua tese, tais como: “o egocentrismo, os receios infundados, os sentimentos de inferioridade, as manifestações egoístas na amizade e nas relações sociais, a procura de compensações infantis, a auto-compaixão, o procurar ser vítima [...] de tragédia e sofrimento”.²

Minha história e a biografia de muitos gays comprovam que os aspectos mencionados por Maria Fernanda Barroca correspondem a experiência de vida da maioria dos homossexuais.

Embora existam muitas teorias a respeito da homossexualidade, alguns especialistas conseguem sintetizá-las de acordo com sua experiência clínica. O Dr. Galdino Nunes Vieira é um deles. Em seu livro *Amor, Sexo e Erotismo*, o Dr. Galdino Vieira sintetizou de modo simples e completo os fatores³ que conduzem ao hábito homossexual.

O Dr. Galdino Vieira entende que em primeiro lugar está “a capacidade fisiológica de todo mamífero para reagir a qualquer estímulo suficiente”. Em seguida, acontece “o acidente que conduz o indivíduo a fazer a primeira experiência com pessoa do mesmo sexo”. Em terceiro lugar estão “as influências adaptadoras dessa experiência”. Por último, surgem “a adaptação indireta, mais poderosa que as opiniões de outras pessoas, e os códigos sociais que podem influenciar na decisão de o indivíduo aceitar ou rejeitar esse tipo de conduta sexual”.

Podemos supor que seja improvável que homossexuais esclarecidos ou terapeutas competentes discordem radicalmente da síntese que o Dr. Galdino Vieira elaborou para descrever o desenvolvimento dinâmico da homossexualidade. Na verdade, a maioria dos médicos, psicólogos, psicanalistas e sexólogos reconhecem as raízes da homossexualidade. Ele apenas não chegaram a um consenso quanto à eficácia das abordagens terapêuticas para o tratamento do desejo homossexual. Além disso, estudiosos de outras áreas do conhecimento humano abordam a homossexualidade e deixam claro que a atração pelo mesmo sexo não é inata nem imutável. Os sociólogos, por exemplo, expõem esse ponto de vista com precisão.

Notas

1 e 2 - recebido por e-mail.

3 - Amor, Sexo e Erotismo, pg. 126.

A voz da Sociologia

O homem não nasce. Ele é o efeito de uma modelagem.

Erasmus de Roterdã.

Quando são confrontadas com os fatos sobre a homossexualidade, algumas pessoas afirmam que não é necessária nenhuma evidência científica para aceitar o comportamento homossexual como uma condição normal e saudável para os seres humanos.

Muitas pessoas realmente acreditam que a vida em sociedade requeira apenas que cada indivíduo possa “ser” livremente o que desejar e que ninguém tem o direito de estudar as causas de seus comportamentos e preferências sexuais.

Os defensores da idéia de que cada um pode ser o que quiser parecem ignorar completamente os fatos sobre a homossexualidade e acreditam que os seres humanos não estão de maneira alguma vinculados a condições biológicas pré-determinadas.

Além disso, ao mesmo tempo em que alguns defendem o direito de qualquer um “ser o que quiser” negam que alguém possa usufruir desse mesmo direito para “deixar de ser o que não quer”

Ao que parece, os militantes da liberdade sexual defendem o direito de as pessoas serem *gays*, *lésbicas*, *bissexuais*, *transexuais* ou *travestis*, porém, nenhuma delas pode deixar de ser gay, lésbica, bissexual, transexual ou travesti. Isso é justo?

O Dr. Luiz Mott esta com a razão quando ele sugere que a ignorância e o preconceito convencem muitas pessoas de que a homossexualidade é um “caminho sem volta”. Além disso, o Dr. Jersild também acertou quando disse que o preconceito é “uma forma de cólera transferida, por meio da qual uma pessoa atormentada procura resolver seus próprios ressentimentos ou dar-lhes um fim, atribuindo a culpa a um bode expiatório”¹

O *bode expiatório* das pessoas que, por mero preconceito, não admitem o fato de alguns indivíduos efetivamente mudarem a preferência sexual, é a existência de uma suposta “homofobia internalizada”², um neologismo que carece completamente de respaldo científico.

Embora algumas pessoas ignorem completamente a História e as descobertas recentes da Biologia e da Neurociência elas não encontram nenhuma evidência em qualquer outra área do conhecimento humano para sustentar racionalmente a idéia de que a atração pelo mesmo sexo seja uma variação “normal” da sexualidade humana.

Existem outros estudiosos do comportamento humano que também não acreditam na origem genética e na condição imutável da homossexualidade. Sociólogos, antropólogos e filósofos afirmam que a homossexualidade não é inata e pode ser eliminada da vida de uma pessoa, se ela assim o desejar. Alguns desses estudiosos são declaradamente homossexuais, mas se mantêm fieis à Ciência e não cedem à ideologia do *politicamente correto*, no que se refere à origem e mutabilidade do desejo homossexual.

Alguém nasce gay?

O estadunidense John Gagnon, sociólogo que estuda a sexualidade dos seres humanos há mais de 40 anos, declarou em entrevista à revista *Época* que **ninguém nasce gay**. O Dr. Gagnon afirmou à revista que “o desejo sexual, ao contrário do que se imagina, **não** tem origem nos instintos naturais do ser humano”.³

O Dr. Gagnon foi um dos mestres do filósofo francês Michael Foucault. Em seu livro *Uma Interpretação do Desejo*, ele afirma que a **preferência sexual é instável e mutável**. O sociólogo concluiu que “podemos vir a desejar pessoas do outro gênero, assim como pessoas do mesmo gênero”⁴

Em seu artigo *Da Amizade Como Modo de Vida*, Michael Foucault declarou que “na medida em que cavamos a história, descobrimos como as coisas foram historicamente contingentes, mas não necessárias”⁵.

Foucault refutava completamente a idéia de que a homossexualidade seja uma condição inata e imutável. Ele afirmou que “**Qualquer coisa que seja estabelecida como uma necessidade homossexual deve ser peremptoriamente negada**, pois o que existe (ou o que já existiu) está longe, muito longe de preencher todos os espaços possíveis”⁶.

Foucault recusava-se a aceitar a idéia de que uma pessoa pudesse ser identificada a partir da sexualidade. Reiteradamente, o filósofo dizia que a sexualidade não é algo como um dado da natureza. Ele entendia que a sexualidade é um processo histórico-cultural dinâmico e maleável.

O escritor Jeffrey Escoffier reconhece que para Foucault, “o eu” é socialmente construído e... **a sexualidade é moldada** por meio da coordenação corporal e da interação simbólica de sujeitos sociais”⁷.

A experiência de Jeffrey Escoffier em temas relacionados à homossexualidade o habilita a escrever com legitimidade sobre esse assunto. Além de escrever sobre o *estilo de vida gay* desde os anos 1970, ele é um dos fundadores do jornal *The Gay Alternative*.

A compreensão *foucaultiana* da sexualidade está presente no pensamento de muitos pesquisadores. Juarez Avelar, por exemplo, acredita que as experiências sensoriais de uma pessoa e sua interação com o meio social *constituem a noção que cada um tem a respeito do próprio corpo*. Ele entende que essa interação “é formada a partir do nascimento e... é um fenômeno complexo e subjetivo que envolve aspectos fisiológicos e psicológicos”⁸.

Michel Pollak, em seu livro *A Homossexualidade Masculina ou A felicidade no Gueto?* também afirma que não se nasce homossexual, mas que se aprende a sê-lo em decorrência das descobertas efetivadas no decorrer da vida.⁹

É importante destacar que esse “aprender” de que nos fala Pollak não é o mesmo que se entende pelo aprendizado escolar, por exemplo. O aprendizado da homossexualidade ao qual Pollak se refere decorre de experiências e descobertas pessoais, não da assimilação de um improvável “ensino homossexualizante”

A professora canadense Débora Britzman, em um artigo para a *Revista Educação e Realidade*, destacou que toda identidade sexual é um constructo **instável, mutável e volátil**, uma relação social contraditória e não-finalizada. Ela entende que “a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida”¹⁰.

O caráter dinâmico da identidade sexual também é destacado pelo filósofo e psicanalista Alexey Dodsworth Magnavita. Em seu artigo *Identidade Gay e os Preconceitos que Cerceiam a Tolerância*, ele afirma que, ao contrário do que pregam alguns militantes gays, o sexo não nasce feito. O filósofo entende que, de acordo com a obra de Michel Foucault e Gilles Deleuze, **ninguém nasce gay** e que “a singularidade

homossexual, como toda e qualquer singularidade, demanda continua construção, desconstrução, reconstrução”.¹¹

A publicação recente da biografia do escritor Paulo Coelho demonstra que o desejo sexual realmente não é estático, nem imutável. O jornalista Fernando Morais, em seu livro *O Mago*, revelou que Paulo Coelho viveu “dilemas sexuais” na adolescência e depois de adulto manteve relações homossexuais com amigos seus até “decidir” que não era homossexual.¹²

Embora tenha destacado que Paulo Coelho manteve relações sexuais com outro homem, “penetrando-o e se deixando penetrar”, o biógrafo afirma que o escritor “nunca foi gay”. Fernando Morais garante que Paulo Coelho apenas “foi, viu e saiu da experiência [homossexual] convencido de que não queria nada daquilo”.¹³

Ora, se Paulo Coelho *nunca foi gay*, apesar de assumir publicamente suas experiências sexuais com vários homens, como se pode afirmar que Alexandre, o Grande, Julio Cesar, Tchaikovsky, Leonardo da Vinci e outros personagens famosos da História eram homossexuais? Por outro lado, se o Mago foi ou ainda é gay, como ele pode estar casado e sexualmente satisfeito ao lado de uma mulher há tanto tempo?

Embora possam existir dúvidas quanto à flexibilidade do desejo sexual, no que se refere ao universo masculino, as experiências homossexuais não fazem parte apenas da adolescência de algumas pessoas. O Dr. Mario Pedro dos Santos, urologista com especialização em Andrologia pela Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, constatou que 13 em cada 100 homens tiveram ao menos uma experiência homossexual **depois de adultos**.¹⁴

Como você pôde ver até agora, quem pretende entender o que é a homossexualidade e qual a possibilidade de alguém mudar o desejo sexual precisa se dispor a pesquisar esse tema com racionalidade e perseverança. Acredito que as experiências pessoais, as análises dos especialistas e os estudos científicos apresentados neste livro ajudarão você a entender que a homossexualidade pode não ser uma doença, mas também pode não ser um caminho sem volta. Além disso, a medida que as pessoas compreenderem esse assunto, menor será a parcela da população que, mal informada, acredita na origem inata e no caráter imutável da atração pelo mesmo sexo.

Ninguém nasce heterossexual

Como ficou demonstrado até aqui, a idéia de que alguém nasce gay é apenas um mito, uma crença irracional sem nenhum embasamento científico. Apesar disso, as pesquisas científicas jamais comprovaram que heterossexualidade é inata.

Em 1998, o cientista Graig Venter fundou a Cetera Genomics, uma empresa privada cuja missão era mapear o genoma humano. Após cumprir sua empolgante missão, o Dr. Venter parece convencido de que **nossos genes não determinam nosso comportamento**.

Em entrevista ao jornal inglês *London Observer*, o Dr. Venter declarou: “nós simplesmente não temos genes suficientes para esta idéia de o determinismo biológico ser correto”.¹⁵

O Dr. Neil Whitehead, Ph.D, pesquisou de modo específico a orientação sexual à luz do mapeamento do genoma humano e das novas descobertas da Genética. Ele afirma que **a orientação heterossexual não é geneticamente determinada**. Para o Dr. Whitehead, tanto a heterossexualidade quanto a homossexualidade se desenvolvem a partir das experiências do indivíduo. Ele concluiu que **não importa se a experiência do**

indivíduo tenha sido **homossexual ou heterossexual**, uma vez iniciado o comportamento, a tendência é de que ele continue e gradualmente se torne um hábito.¹⁶

Acredito que a constatação do Dr. Whitehead se aplique a qualquer fase da vida de uma pessoa. Estou convencido de que da mesma forma que a homossexualidade se desenvolve, ela pode ser extinta. É isso que você verá a seguir.

Notas

- 1- Psicologia da Criação, pg. 247.
- 2- Nota: esse termo não consta no Dicionário Técnico de Psicologia, 14ª Ed. Editora Cultrix - São Paulo - 2006.nem nos melhores dicionários de Sociologia, Filosofia e Ciência Política.
- 3-<http://revistaepoca.globom.com/Revista/Epoca/0,,EDR74060-6060,00.html> em 17/07/2008.
- 4- Uma Interpretação do Desejo, pg. 162.
- 5e 6 - jornal Gai Pied, p.38-39, <http://devir.wordpress.com/2007/11/06/militancia-e-ativismo-a-problematiza-homossexual-em-foucault-deleuze-e-veya/> ne/, em 17/07/2008.
- Uma interpretação do Desejo, pg. 25.
- Determinação e Mudança de Sexo, pg. 46.
- A homossexualidade masculina ou A felicidade no gueto? pg. 58.
- 10-Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100004&lng=e&nrm=iso8ctlng=e, em 17/07/2008.
- 11- Revista Ciência e Vida: Filosofia nº 22, pg. 15.
- 12- O Mago, pg. 192 a 213 e Revista Época nº 524, de 2 de junho de 2008, pg. 144e145.
- 13- Folhaonline-<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u406565.shtml>, em 04/06/2008.
- 14- Sexualidade Masculina: Verdades e mentiras, pg. 86.
- 15- Disponível em <http://ruix.vilabol.uolxom.br/oquetorna.html>, em 28/02/2008.
- 16- My Genes Made me Do It, pg. 72.

Os dois lados do armário

É indispensável conhecermo-nos a nós próprios; mesmo se isso não bastasse para encontrarmos a verdade, seria útil, ao menos para regularmos a vida, e nada há de mais justo.

Blaise Pascal

A maioria das pessoas sabe que a família desempenha um papel importante na maneira pela qual a criança se desenvolve psicológica e sexualmente. Em muitos casos, as atitudes e comportamentos dos adultos influenciam decisivamente no desenvolvimento da personalidade da criança e do adolescente. Apesar disso, talvez você se pergunte: o que isso tem a ver com a homossexualidade?

Você verá que existe uma relação específica entre a dinâmica familiar e o desenvolvimento sexual da criança. Portanto, observe atentamente os fatores que fazem parte da história de muitos homossexuais famosos e a opinião dos especialistas. Você compreenderá que a homossexualidade não é um fenômeno desconhecido nem misterioso.

Pais e Filhos

A Antropóloga Carmem Dora Guimarães, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), realizou uma pesquisa pioneira a respeito da homossexualidade no início dos anos 70. Os homossexuais entrevistados por Dora Guimarães estavam certos de que suas respostas não seriam tratadas de maneira que pudessem prejudicar os

interesses do “recém-nascido” Movimento Homossexual e por isso estavam dispostos a revelar os aspectos mais íntimos de suas vidas. A pesquisa resultou em uma dissertação de mestrado e posteriormente se transformou no livro *Os Homossexuais Vistos por “Entendidos”*.

A Dr^a. Dora Guimarães constatou que seus entrevistados tiveram sérios problemas de relacionamento com os genitores do mesmo sexo.

Miguel, um dos entrevistados por Dora Guimarães, disse à pesquisadora que seu pai era “uma imagem distante”. Além disso, ele reconheceu que sua busca por um amor homossexual era “uma procura por pai, significava carinho masculino. Gostava de homens mais velhos ou meninos mais velhos”.¹

Para Steve Biddulph, autor do livro *Criando Meninos*, alguns homossexuais podem realmente estar procurando em um amante o que não receberam do próprio pai. O escritor está convencido de que “certamente, alguns homossexuais tiveram pais severos ou distantes e procuram afeto de pai no amante”.²

Aproximadamente trinta anos depois do estudo realizado por Dora Guimarães, a professora Edith Modesto realizou uma pesquisa sobre o universo homossexual e também constatou que o relacionamento entre os homossexuais e seus pais é marcado por conflitos e dramas.

Jair, um dos homossexuais que responderam à pesquisa da Dr^a. Edith Modesto, disse-lhe que não se importava com o fato de os colegas de escola o chamarem de “veadinho”, porém ficava magoado quando o seu pai o chamava desse mesmo nome. Nas palavras de Jair, “quando [meu pai] brigava comigo, sempre dava um jeito de me chamar de veado, maricas e coisas do gênero”.³

Yuri, outro entrevistado da professora Edith Modesto, emocionou-se ao dizer-lhe que sua sexualidade incomodou muito a seu pai. Comovido, ele lamentou: “Meu pai não me beijava... Meu pai não me abraçava...”.⁴

A Dr^a. Edith Modesto constatou que a maioria dos entrevistados não era próxima ao pai. Ela destacou que alguns externaram a mágoa pelo descaso paterno.

O psicólogo clínico e Doutor em Sociologia Marcos Larceda, em seu livro *Um Estranho em Mim*⁵, conta a história de Eduardo, um médico de meia-idade que se apaixonou por Alexandre, um rapaz de dezessete anos.

Eduardo teve uma infância pobre, mãe prostituta e pai ignorado, e viveu a maior parte da adolescência na companhia de três mulheres que marcaram profundamente sua vida. Uma dessas mulheres, sua avó, o chamava de “filho bastardo”.

A autobiografia do francês André Guide mostra que, depois que seu pai morreu, ele passou a conviver com três mulheres: sua mãe e duas tias solteironas. O lar do escritor era perturbado e sem amor. Em suas próprias palavras, ele confessa: “quase sempre eu precisava adular para agradar, atormentado pelo desejo de ser amado!”⁶

Para o Dr. Paulo Roberto Ceccarelli, “a relação do sujeito com seu próprio pai, ou com aquele que assume este papel, será decisiva para o modo como ele terá acesso às representações simbólicas do masculino”. O Dr. Ceccarelli acredita que “a identificação ao pai nos dá a chave para a compreensão da masculinidade”.⁷

Certamente, é pouco provável que alguém menospreze a importância do relacionamento entre pais e filhos no desenvolvimento da identidade de gênero dos meninos. Apesar disso, ninguém pode afirmar que apenas os problemas de

relacionamento entre um jovem e seu pai sejam suficientes para determinar a sexualidade de um homem. Sabemos que existem outros fatores que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da personalidade.

A iniciação sexual precoce

Estou ciente de que muitos homossexuais não têm nenhum tipo de experiência sexual até que atingem a maioridade. Apesar disso, minha experiência e os relatos biográficos de muitos gays evidenciam que esses casos são exceções. A regra parece ser mesmo o início prematuro com alguém do mesmo sexo. Além disso, na maioria dos casos essa iniciação acontece a partir de um contato homossexual com algum adolescente mais velho ou até mesmo com adultos.

O Dr. Luiz Mott, por exemplo, declarou que por volta dos seis ou sete anos dormiu no apartamento do seu tio e este o assediou sexualmente durante a noite. Nas palavras do próprio Dr. Mott: “senti seu pênis enorme e quente que se encostava no meu corpinho inocente”.⁸

Ainda de acordo com o relato do Dr. Mott, seu tio era um “pedófilo contumaz”. Mott afirma que suas irmãs e primas também foram abusadas sexualmente pelo tio pedófilo.⁹

Outros episódios marcaram a infância e adolescência do Dr. Mott. Na mesma época em que seu tio tentou violentá-lo, ele teve uma experiência homoerótica com um garoto da sua idade que consistiu na troca de carícias mútuas nos órgãos genitais. Nas palavras do próprio autor, a experiência com seu coleguinha provocou uma “fixação” na sua libido até os dias de hoje.

Por volta dos treze anos, o Dr. Luiz Mott cedeu ao assédio de um seminarista mais velho do que ele. Aos 16 anos, ele se masturbou pela primeira vez e manteve uma “paixão platônica por outro seminarista de 20 anos.

Márcio, um dos entrevistados da Dr^a. Dora Guimarães, vivenciou uma experiência semelhante à que o Dr. Mott viveu nos primeiros anos da adolescência. Márcio disse à pesquisadora que por volta dos 6 anos de idade um dos seus primos, de 12 anos, tentava violentá-lo sistematicamente.¹⁰

Miguel, outro homossexual que participou da pesquisa da Dr^a. Dora Guimarães, confessou que aos 8 anos de idade manteve relações sexuais com seu primo de 20. Além disso, aos 12 anos seu pai descobriu que ele mantinha relações sexuais exclusivamente “passivas” com oito colegas da vizinhança. Ele afirmou ainda que seu pai o matriculou em aulas de Judô na tentativa de fazê-lo “virar homem”, mas isso não resolveu o problema: o professor de artes marciais também mantinha relações sexuais com ele e ainda; convidava outros homens para as orgias.

Miguel disse ainda que “não tinha sentido aquilo como uma coisa errada... achava que todos faziam... o sexo era a forma de me aproximar dos outros”.¹²

Sabemos que uma parte considerável dos meninos experimenta alguma forma de relação homossexual durante a infância e/ou adolescência e, apesar disso, nem todos se tornam homossexuais. Esse fato não invalida a tese de que as experiências homossexuais da infância e da adolescência podem determinar a orientação sexual do indivíduo na fase adulta. Nesse sentido, um pensamento do sexólogo John Gagnon parece descrever a realidade de muitos adolescentes que experimentam suas primeiras relações homossexuais enquanto vivenciam conflitos e crises de identidade. O Dr. John Gagnon afirma que aquilo que aprendemos é importante, mas o contexto no qual o comportamento é aprendido é ainda mais importante. Essa tese é defendida também

pelos especialistas Charles G. Morris e Albert A. Maisto. No livro *Introdução à Psicologia*, eles afirmam que a experiência e a aprendizagem são mais importantes na definição da motivação sexual do que a Biologia.¹³

Ainda assim, considerando que as evidências comprovam que a maioria dos homossexuais adultos foram iniciados na homossexualidade ainda durante a infância ou nos primeiros anos da puberdade e que na maioria das vezes essa iniciação se dá com uma pessoa mais velha, parece razoável admitir que esses fatores poderiam influenciar decisivamente no desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo.

Enquanto alguns rapazes conseguem superar as “brincadeiras” homossexuais vividas nos anos da puberdade, muitos indivíduos permanecem “fixados” nesse tipo de experiência e não conseguem interagir adequadamente com as pessoas de ambos os sexos.

A “fixação” de alguns adolescentes em hábitos infantis é um assunto abordado por diversos autores que estudam o desenvolvimento da personalidade. O Dr. Jersild, por exemplo, em seu livro *Psicologia da Criança*, afirma que em muitos casos “a criança, em vez de reformular seu comportamento, conserva um velho hábito, mesmo que um mais novo lhe possa ser mais apropriado”.¹⁴ O Dr. Jersild chama esse fenômeno de *persistência de tendências arcaicas de comportamento*.

O Dr. Jersild acredita que essas tendências podem conturbar toda a personalidade da criança. Além disso, ele afirma que “no nível adulto, a conduta estranha, excêntrica ou irracional muitas vezes ilustra o princípio de que uma forma infantil de comportamento pode persistir além do seu tempo próprio”.¹⁵

O fato apontado pelo Dr. Jersild pode ser observado na declaração de um homossexual que participou da pesquisa da Dr^a. Dora Guimarães. Ele disse o seguinte à pesquisadora: “sinto que sou bitolado. O homossexual é um adolescente que está prolongando essa adolescência”.¹⁶

Para o Dr. Mario Pedro dos Santos, a adolescência é um período muito importante no desenvolvimento da sexualidade humana. Em seu livro *Sexualidade Masculina*, ele defende que todos deveriam ter ciência de que as conseqüências do exercício da sexualidade por adolescentes são sérias. O Dr. Santos entende que, pelas próprias características associadas a faixa etária, os adolescentes ainda não são capazes de avaliar, e principalmente de assumir o ônus de uma vida sexual ativa.¹⁷

As evidências apresentadas neste livro mostram que os rapazes que não conseguem se desvencilhar dos hábitos homossexuais passam a evitar o contato com os outros rapazes e se isolam ou procuram a companhia de outros indivíduos igualmente “debilitados” quanto ao senso de masculinidade. Eu sei por experiência própria que isso desencadeia um enorme conflito psicológico que costuma atormentar o indivíduo por muitos anos e, na maioria das vezes, empurra-o ao comportamento homossexual na fase adulta e o induz a assumir uma *identidade gay*.

Eu vivi em conflito durante as duas primeiras décadas da minha vida e conheço os sofrimentos terríveis que esse conflito provoca na mente de um menino. Ainda assim, alguém pode perguntar se isso também acontece na vida de outros homossexuais. Pensando nisso, compartilharei o que alguns dos nomes mais badalados do chamado mundo gay sofreram durante a infância e a adolescência.

O grande conflito

Biografias de homossexuais famosos comprovam que, desde a adolescência, os gays vivem em grande conflito. Na maioria dos casos, há muito choro, desespero, solidão, depressão e suicídio.

O apresentador de televisão Bruno Weismann, por exemplo, confessou à revista *Veja* que desde os 6 anos de idade sabia que havia algo “diferente” em sua vida. Bruno declarou que nessa mesma época ele era xingado pelos companheiros da escola e precisava correr para o banheiro, onde, trancado, chorava. Nas palavras do próprio Bruno: “eu morria de medo de ir à aula. Era sempre muita humilhação”.¹⁸

Miguel, um dos entrevistados da Dr^a. Carmem Dora Guimarães, declarou que durante a infância ele sofreu muito nas mãos de seus colegas da mesma idade. Em suas próprias palavras: “no pequeno grupo escolar comecei a ser taxado de ‘bicha’. Fui solicitado para participar das brincadeiras do sexo... ‘troca-troca’... ‘chupação’... no ginásio, fui formalmente tachado de homossexual. Tinha 12 anos”.¹⁹

De volta à entrevista de Bruno Weismann à revista *Veja*, embora tenha declarado que desde os 6 anos soubesse que não era igual aos outros meninos, ele afirmou que insistiu em namorar meninas e aos 16 anos iniciou um namoro sério com uma colega de escola com a qual mantinha relações sexuais satisfatórias. Apesar disso, ele declarou à revista que sabia que aquela não era sua “essência” e por isso escondia de si mesmo a atração por pessoas do mesmo sexo.

O drama de Bruno retrata o que a Dr^a. Lucia Facco revelou em sua tese *Era Uma Vez Um Casal Diferente*. Ela constatou que “por ter consciência das prováveis situações de discriminação que teria de enfrentar, geralmente o indivíduo estigmatizado prefere se afastar das relações sociais e até de si mesmo”.

Bruno Weismann declarou ainda que se desesperava e entrava no seu quarto e pensava: “eu não posso ser isso, meu Deus! Tenho de gostar de mulher!”²⁰.

Quando a repórter lhe perguntou até quando durou seu “tormento” Bruno disse que até mesmo na faculdade ouviu comentários e piadinhas sobre sua sexualidade. Ele disse que esses comentários o desafiavam a provar para si mesmo que aquilo não era verdade.

André, um homossexual entrevistado pela Dr^a. Rinna Riesenfeld, autora do livro *Papai, Mamãe, Sou Gay!*, declarou que também viveu o mesmo conflito descrito por Bruno Weismann. Nas palavras do próprio André: “durante anos, vivi atormentado, envergonhado, porém não me livrei da minha homossexualidade. Por mais que tenha rezado e tentado gostar de uma mulher, não funcionou”.²¹

Recentemente, de acordo com a revista *Época*, o nadador australiano Matthew Mitcham assumiu a homossexualidade e declarou que “quase se aposentou das piscinas quando era adolescente por causa de uma profunda depressão”.²²

O Dr. Luiz Mott também passou por uma época de intenso conflito com seus sentimentos homossexuais. Em suas Crônicas de um Gay Assumido, ele confessa: “chorei muito, rezei insistentemente pedindo a Deus que me livrasse deste maldito desejo, pensei em suicídio”²³

Em sua crítica ao livro *Um Estranho em Mim*, Sérgio Gomes da Silva diz que o personagem Eduardo “desejava a morte para si. Desejava a morte como se ela fosse mulher. A única mulher a quem ele poderia entregar-se de fato e que saberia cuidar dele, que saberia fazer a dor passar”.²⁴

No que se refere à vontade de acabar com a própria vida, a história real de muitos homossexuais imita a ficção. Estima-se que um em cada três homossexuais tente o suicídio pelo menos uma vez.

Além dessas biografias, a experiência clínica de médicos e terapeutas comprovam que a adolescência é uma fase de tormento para muitos meninos. O Dr. Mario Pedro dos Santos, urologista com especialização na Espanha, afirma que alguns adolescentes desenvolvem sentimentos de ambivalência quanto à orientação sexual como resultado de um único episódio homossexual. Ele afirma que é comum que esses adolescentes sofram perturbações emocionais em decorrência dessa experiência.

Diante das experiências vividas por inúmeros homossexuais, percebe-se que a maioria deles tenta evitar um destino cruel e implacável. Pode-se perceber ainda que o sofrimento psicológico experimentado por esses indivíduos durante a adolescência não decorre de pressões externas, preconceitos ou discriminação, mas de um desejo que durante essa fase da vida eles guardam dentro de si: a vontade de ser “normal”, ou seja, heterossexual.

Eu sei por experiência própria que chega a hora em que não somos mais capazes de controlar nossos impulsos sexuais, e nesse momento enfrentamos tudo e todos para finalmente conquistar o direito de sentir e expressar livremente nossos desejos e emoções mais intensos. Isso acontece porque acreditamos no mito de que a atração por pessoas do mesmo sexo faz parte da própria natureza.

O Ponto “G”(de gay)

O psicólogo Fabrício Viana, em seu livro *O Armário*, encoraja seus leitores a assumir a homossexualidade. Sua recomendação é enfática: “assuma a homossexualidade e passe a viver seu verdadeiro eu 24 horas por dia”. Ele acredita que “vale a pena, e muito, assumir seus desejos para si e para os outros. Sem exceção”.²⁵

Embora o Dr. Fabrício Viana pareça saber do que está falando, a minha experiência, a história de muitos homossexuais e até mesmo o bom senso provam que assumir a homossexualidade pode não valer a pena para todas as pessoas.

O momento em que um homem decide assumir-se como gay costuma ser dramático. Na maioria das vezes, ele precisa desistir “definitivamente” do sonho de se casar e ter filhos. Além disso, ele sabe que essa decisão não será apoiada por sua família ou amigos, ainda que eles o aceitem como pessoa. Para piorar, ele também sabe que será motivo de chacotas no local de trabalho, na escola e em outros ambientes sociais que costuma freqüentar. De fato, isso não é fácil para ninguém.

Para Pedro Almeida, homossexual assumido e autor do livro *Desclandestinidade*, algumas pessoas assumem a homossexualidade “quando a anulação do potencial erótico homossexual, que lhes é evidentemente predominante, causa tamanha frustração a ponto de desejarem morrer”.²⁶ Pedro Almeida acredita que “isso acaba por encorajar a opção por uma vida que, ainda que discriminada pela sociedade, tenha ao menos, por poucos que sejam, momentos de felicidade e prazer sexual”.²⁷

Apesar de todas as dificuldades que um homem pode enfrentar ao assumir-se como homossexual, depois de tomar essa decisão, ele encontra um mundo de prazeres fáceis e abundantes no seu novo estilo de vida. Tudo isso o fará pensar que realmente valeu a pena assumir a homossexualidade para si e para todos à sua volta.

Bruno Weismann, por exemplo, declarou à revista *Veja* que sua “primeira vez” com um homem aconteceu aos 21 anos. Um amigo o levou a uma boate gay e, nas palavras

do próprio Bruno: “não demorou muito, um homem veio conversar comigo. Ao contrário do que acontece entre casais heterossexuais, com os gays tudo é mais rápido. Não teve muito papo, paquera, nada. Ele me deu um beijo na boca e eu fiquei ali, besta”.²⁸

As primeiras experiências homossexuais “fora do armário” podem não ser muito agradáveis e muitos indivíduos ainda experimentam conflitos e tormentos psicológicos depois de se assumirem *gays*.

Em sua entrevista à revista *Veja*, Bruno Weismann declarou que depois daquela experiência com um homem na boate ele correu para casa, tomou um banho demorado, lavou a boca com sabão e escovou os dentes várias vezes para “tirar o cheiro daquele homem” e para tentar se livrar de uma “sensação de sujeira”.²⁹

Assim como Bruno Weismann, o Dr. Luiz Mott também se sentiu “sujo” em sua primeira experiência homossexual consciente. Ele assumiu que depois de se envolver sexualmente com um rapaz, tomou um banho demorado para “destruir qualquer cheiro ou marca daquela transa proibida”.³⁰

Eu sei por experiência própria que, apesar de algum desconforto que o gay iniciante possa experimentar em seus primeiros encontros homossexuais depois de “sair do armário”, ele acostuma-se em pouquíssimo tempo aos meandros do *mundo gay* e encontra seu espaço no grupo da “*diversidade sexual*”. Muitas vezes, esse grupo substitui a família que o homossexual deixou para trás ao assumir-se gay. Esse fato é reconhecido por Pedro Almeida, homossexual assumido. Em sua autobiografia, ele declara: “Como aconteceu comigo na fase inicial, um novo círculo de amizades surge para ocupar o lugar dos parentes”.³¹

Os primeiros meses são sempre um deslumbramento. Pela primeira vez na vida, o jovem homossexual começa a se relacionar com pessoas que o aceitam da maneira como ele é. Durante essa fase, quase ninguém o censura pelo seu jeito de pensar, andar ou falar.

As pessoas, os lugares e as práticas homossexuais permanecem disponíveis o tempo todo para que o homossexual “iniciante” desfrute de tudo o que a *subcultura gay* desenvolveu desde o início dos anos 70.

O “recém-saído do armário” encontra parceiros que o apresentam a outros homossexuais e assim, em pouco tempo, todos estão inseridos no que se pode chamar de rede, o grupo de homossexuais que recebe o “iniciante” e o faz compreender que “a homossexualidade é justificada por ser um destino sobre o qual não se tem controle ou mesmo escolha”.³²

Conforme destacou Renata Costa Ferreira em sua dissertação *O Gay no ambiente de trabalho*:

*Na medida em que o homossexual consegue efetuar contatos e descobre que existem outras pessoas na sociedade... semelhantes a ele, também excluídas do grupo majoritário, ele tende a encarar de outra forma a opção, que passa a significar sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria.*³³

A minha experiência comprovou que a vida do homossexual assumido gira em torno de seus contatos pessoais com pessoas “descoladas” que conhecem outras pessoas igualmente *descoladas*. As festas e *badalações* são constantes nos primeiros anos “fora do armário”. Todo homossexual assumido conhece alguém que está à procura de um

namorado e, dessa forma, a alta rotatividade entre os parceiros é uma condição natural do estilo de *vida gay*.

Os chamados “pontos de pegação” - lugares onde os homossexuais podem expressar livremente suas idéias, desejos e emoções - são formados por bares, boates, saunas, cinemas eróticos, casas de massagem, banheiros de *shopping centers*, parques e praças de cidades grandes. Nesses lugares, o homossexual pode agir como quiser e até mesmo fazer sexo em algum canto minimamente discreto. Tudo é permitido nesses ambientes e as pessoas que os freqüentam aproveitam a liberdade de que dispõem nesse território “exclusivo”.

Apesar de todo o esplendor e da liberdade que se encontram no *estilo de vida gay*, nem tudo são flores para os homossexuais assumidos. O mundo gay é cheio de perigos e muitas pessoas pagam um preço muito alto por ignorar os riscos nele existentes. Esse fato é reconhecido até mesmo por militantes homossexuais. Pedro Almeida, por exemplo, reconhece que “um jovem que se descobre gay... Se encontrar bons amigos, não terá maiores problemas, mas, caso contrário, a inexperiência e a falta de apoio verdadeiro poderão levá-lo a um fim trágico”.³⁴

Se considerarmos que o Dr. Fabrício Viana, psicólogo, homossexual assumido e militante gay, está certo ao dizer que “gays não são solidários”³⁵, podemos concluir que é improvável que um jovem gay encontre o que Pedro Almeida chama de “bons amigos”.

Para que o leitor conheça *o mundo gay* exatamente como ele é, nada melhor do que conhecer as impressões que muitos homossexuais famosos têm dos espaços de convivência e dos códigos, regras e comportamentos próprios do mundo dos entendidos.

A vida (gay) como ela é

Há consenso entre os homossexuais e estudiosos da homossexualidade que a principal característica do *estilo de vida gay* é a troca freqüente de parceiros. Em segundo lugar, aparece a oferta abundante e permanente de sexo em todos os lugares freqüentados pelo público gay.

A promiscuidade entre os gays é apontada até mesmo por estudos realizados por defensores da causa homossexual.

Os pesquisadores estadunidenses David Mcwhirter, psiquiatra, e seu “marido” Andrew Mattison, psicólogo, constataram que **95% dos gays que vivem uniões estáveis não mantêm a fidelidade sexual**.³⁶

A imensa disponibilidade de contatos homossexuais também é reconhecida por simpatizantes da diversidade sexual. Uma pesquisa realizada na cidade de São Francisco, Califórnia, EUA, constatou que aproximadamente a metade dos homossexuais adultos havia tido mais de **500 parceiros**. Nessa mesma pesquisa, um terço dos entrevistados disse que já havia mantido relações sexuais com mais de 1.000 homens.

As explicações para o comportamento promíscuo dos homossexuais variam de acordo com a especialidade de cada pesquisador. Para Perry Garfinkel, jornalista do *New York Times*, “a promiscuidade sexual dos homens gays reflete a abordagem masculina desimpedida”.³⁷ Ele destaca que, ao contrário das relações heterossexuais, que envolvem cerca de quinze passos entre o primeiro flerte e a sedução completa, numa relação homossexual a conjunção carnal é imediata, “é luz verde o tempo todo”.³⁸

Para Perry Garfinkel, a sexualidade desimpedida entre os homossexuais massacra a possibilidade de se estabelecer intimidade entre os parceiros e, desse modo, eles não expressam afeto, fantasias, vulnerabilidades.³⁹

Os especialistas classificam a maneira pela qual a maioria dos homossexuais se relaciona sexualmente como *sexualidade defensiva*. Para o Dr. Herb Goldberg, um dos maiores especialistas em relação de gênero nos Estados Unidos, esse tipo de relação “produz comportamento compulsivo e preocupação obsessiva com sexo, que é, então, usado para evitar conexão e como forma principal de se sentir vivo”.⁴⁰

Se alguém acha que a frenética troca de parceiros não prejudica a manutenção do amor verdadeiro, é importante observar o que Carl Gustav Jung pensava sobre esse tema. Para Jung, o amor deve ser profundo e leal. Ele acreditava que sem isso, não se poderia falar em amor, mas de capricho.

Jung acreditava que o amor verdadeiro gera comprometimento e durabilidade e requer sacrifícios. Ele entendia que “aquele que ama sacrifica todas as demais possibilidades, ou melhor, a ilusão de que tais possibilidades existem”

Ainda de acordo com o pensamento junguiano, quando esse sacrifício não é feito, as ilusões impedem o desenvolvimento de qualquer sentimento amoroso e até mesmo a própria possibilidade de experimentar o amor verdadeiro se torna impossível.

Ainda que todos esses dados sobre o *estilo de vida gay* possam causar algum desconforto para quem não está acostumado à verdade dos fatos, é pouco provável que qualquer pessoa ouse contestá-los, afinal, não existe nada de fantasioso nas estatísticas nem nas análises de Perry Garfinkel e Jung.

Quem conhece o *ritmo psicodélico* do mundo gay sabe que em qualquer lugar freqüentado exclusivamente por homossexuais é possível “transar sem fazer força”. Em todas as grandes capitais do Brasil e até mesmo em cidades menores, é possível encontrar homossexuais disponíveis para fazer sexo gratuitamente, sem necessidade de sequer saber o nome do parceiro.

Até mesmo entre as pessoas que vivem da exploração do público homossexual existe quem entenda a atração pelo mesmo sexo como algo patológico. O sócio de uma boate *gay* da cidade do Rio de Janeiro fez a seguinte declaração para uma renomada pesquisadora brasileira:

*O homossexualismo é um vício. Começa pela falta de carinho. [O homem] procura e encontra nos rapazes mais jovens este carinho e aos poucos vai se viciando. Com o tempo, não larga. Quanto mais velho ele for, se tiver dinheiro, nunca fica só. Senão, ninguém mais liga para ele. A solidão acaba com ele.*⁴¹

Acredito que a promiscuidade e a solidão entre os gays contribuam decisivamente para que muitos homossexuais decidam mudar a orientação sexual. Além disso, os riscos aliados ao convívio com *garotos de programa* e a constante exposição a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) também influenciam na decisão daqueles que abandonam o *mundo gay*.

Como você pôde ver, o comportamento promíscuo da maioria dos homossexuais é destacado até mesmo por militantes gays. O psicólogo Fabrício Viana, por exemplo, reconhece que o discurso entre os homossexuais é sempre o mesmo: “dizem que o “mundo gay” é podre (promíscuo marginalizado, etc.). Que ninguém quer saber de namorar. Ninguém quer algo sério ou, quando quer, trai na primeira oportunidade que aparece”⁴²

A constatação do Dr. Fabrício Viana é idêntica ao que o psicólogo Klecius Borges escuta em seu consultório diariamente. Ele afirma que ouve seus clientes homossexuais dizerem que “ninguém quer nada com nada, que os gays não têm seriedade suficiente para bancar um namoro sério”.⁴³

Se você quiser conhecer mais sobre as “especificidades” do *mundo gay*, acesse qualquer site ou *blog* dedicado ao público homossexual e constate por si mesmo o que está disponível para quem deseja assumir a homossexualidade e viver intensamente o *estilo de vida gay*. Você poderá encontrar facilmente textos, fotos, experiências, pensamentos, desejos, interesses e práticas exclusivas do universo homossexual. Assim, você saberá o que é o mundo gay e de que maneira ele corresponde ou diverge da pequena descrição que eu fiz neste livro.

Recomendo ainda que você conheça os contos de Moa Cipriano, um escritor fantástico que consegue retratar com perfeição e de maneira profundamente realista o *mundo gay*, sem “maquiagem” e sem discursos ideológicos. Alguns livros de Moa Cipriano estão disponíveis gratuitamente na *Internet*.

Embora sejam evidentes as desvantagens do estilo de vida gay, não se pode duvidar que muita gente simplesmente prefere desfrutar dos prazeres fáceis, abundantes, diversificados e disponíveis gratuitamente durante 24 horas por dia, todos os dias da semana em qualquer um dos *pontos de pegação* espalhados pelos grandes centros urbanos do nosso país. Isso mostra que o pensador Bertrand Russell estava certo ao dizer que **muitos homens erram ao substituírem o conhecimento pela afirmação de que é verdade aquilo que desejam.**

Apesar de todos os fatores que compõem a história de vida da maioria dos homossexuais e das facilidades e prazeres disponíveis no *mundo gay*, existem pessoas que renunciam a tudo isso e buscam um novo estilo de vida. Você saberá mais sobre a experiência dessas pessoas mais adiante.

Notas

- 1- Os Homossexuais Vistos por “Entendidos”, pg. 53.
- 2- Criando Meninos, pg. 124.
- 3e 4 - Vida em Arco-íris, pg. 75.
- 5- Nesse livro, e possível conhecer a angustia e o desespero de uma relação homossexual entre um adulto e um adolescente.
- 6- Cory don: Tratado de Homossexualismo, pg. 11.
- 7 -A Construção da masculinidade disponível em <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/aconstrucao.htm>, em 1/06/08.
- 8 e 9 - Crônicas de um Gay Assumido, pg. 120.
- 10 - Os Homossexuais Vistos por “Entendidos*” pg. 43.
- 12-Idem, pg.41.
- 13- Introdução a Psicologia, pg. 272.
- 14- Psicologia da Criança, pg. 38. 15-Idem, pg. 39.
- 16- Os Homossexuais Vistos por “Entendidos” pg. 97.
- 17- Sexualidade Masculina, pg. 25.
- 18- Revista Veja n° 2045, de 30/01/2008.
- 19- Os Homossexuais Vistos por “Entendidos” pg. 49.
- 20- Revista Veja n° 2045, de 30/01/2008.
- 21- Papai, Mamãe, Sou Gay!> pg. 76.
- 22- Revista Época n° 524, de junho de 2008.
- 23- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 123.
- 24- Disponível em <http://www.glssite.net/colonistas/silva/psi02.htm>
- 25- O Armário, pg. 85.
- 26e 27 - Desclandestinidade, pg. 85.
- 28 e 29 - Revista Veja n° 2045, de 30/01/2008.

- 30- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 129
31- Desclandestinidade, pg. 86.
32- Os Homossexuais Vistos por “Entendidos\” pg. 53.
33- O Gay no ambiente de trabalho: análises dos efeitos de ser gay nas organizações contemporâneas - junho de 2007
- Universidade de Brasília.
34-Desclandestinidade, pg. 87
- 35- O Armário, pg. 30.
36-The Male Couple.
37, 38 e 39 - No Mundo dos Homens, pg. 224.
- 40- O Macho Secreto, pg. 272.
41- Os Homossexuais Vistos por “Entendidos” pg.
42- O Armário, pg. 76.
43 - Abrindo o Armário, pg. 55.

PARTE II

Ser ou não ser?

Alguém quer mudar?

As pessoas somente mudarão quando a dor de não estar vivendo for maior do que o medo da mudança.

Roberto Shinyashiki, escritor.

Apesar da crescente aceitação social da homossexualidade em todo o mundo, muitos homens não se sentem confortáveis com a atração pelo mesmo sexo. Psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e outros profissionais que lidam com as mazelas psíquicas do ser humano afirmam que muitas pessoas procuram tratamentos terapêuticos para se

livrar da homossexualidade. Embora esses profissionais reconheçam que o desejo homossexual não é um problema em si mesmo, eles entendem que esse desejo se torna um problema à medida que produz perplexidade e incômodo aos homossexuais.

Até mesmo os militantes homossexuais reconhecem que muitos gays gostariam de mudar a orientação sexual. O publicitário Júlio Wiziack, por exemplo, em seu livro *Abrindo o Armário*, afirma que **se houvesse uma chance de escolha, boa parte dos gays escolheria ser heterossexual.**

De acordo com a entrevista de Bruno Weismann à revista *Veja*, ele também desejava desesperadamente livrar-se da atração pelo mesmo sexo. De igual modo, o Dr. Luiz Mott declarou que rezou e chorou para se libertar do desejo homossexual.

Além da experiência dos terapeutas e das biografias de homossexuais famosos, a *Internet* é uma fonte inesgotável de evidências de que muitos gays desejam se livrar da atração pelo mesmo sexo.

Uma pesquisa rápida em qualquer site de busca da Rede Mundial de Computadores demonstra que o número de homens interessados em vencer a homossexualidade é enorme.

Se você digitar palavras como “não quero ser gay” “não quero ser homossexual” ou “não quero ser veado” encontrará inúmeras mensagens de homens desesperados que desejam mudar sua orientação sexual.

Eu mesmo realizei algumas pesquisas na *Internet* e veja o que pode ser encontrado no mundo virtual:

Acho que sou gay, mas não quero ser!

Desde pequeno sempre gostei de meninas, mas depois que fui crescendo, comecei a olhar fotos de homens na Internet e a me masturbar pensando neles. Eu [...] não me imagino beijando ou amando um homem. Fiz sexo com um amigo meu e ele me chupou, mas depois que eu gozei, senti uma coisa horrível e não queria mais. Depois de um tempo, eu quis repetir a experiência, mas não tive coragem.¹

Quero ser macho!

Descobri que sou gay, mas eu não quero ser! Quero ser heterossexual, macho! Alguém sabe como posso voltar a ser hétero?²

Não quero ser gay!

Tenho 19 anos, trabalho e faço faculdade. Quando eu era pequeno, sofri abuso sexual de vizinhos mais velhos, primos e tios. Nunca contei a ninguém sobre esses fatos... não sei se isso tem alguma ligação, mas eu sinto atração por homens... já tive experiências com alguns e me sinto atraído por meus amigos... não consigo ficar sem me masturbar, mas sempre depois que me masturbo, sinto um profundo arrependimento e ao mesmo tempo uma enorme sensação de impotência... falta de controle sobre mim mesmo. Não quero ser gay, pois me imagino com esposa e filhos. Não agüento mais viver assim! Alguém pode me ajudar? Conselhos, orações ou qualquer outra coisa que me faça livre... por favor!³

Não quero mais... ajudem-me!

... quando acabo, fico muito triste, porque eu não gosto e não quero ser viado... não quero ser gay, mas isso me excita e não consigo parar com essas coisas.⁴

Socorro!

*Gostaria de saber como faço pra acabar com isso, pois não quero ser um homossexual: quero casar e ter uma família. Como posso sair desse problema?*⁵

Conversa na varanda: Ser gay ainda não é fácil

Um médico de 34 anos está noivo de uma médica e o casamento já está marcado. Ele procurou um terapeuta e desabafou:

*Preciso decidir coisas fundamentais na minha vida. Eu e Celina estamos juntos há cinco anos e agora parece não haver outro jeito: vou me casar. O problema é que não tenho tesão por ela nem por mulher alguma. Fazemos pouquíssimo sexo, coisa que, por sorte, ela atribui ao meu jeito reservado de ser. Mas não é nada disso. Sempre que me masturbo, imagino estar transando com homens. Isso me acompanha desde a adolescência, mas nunca tive coragem de transar com um homem. Eu não aceito a homossexualidade e não quero ser gay! Há épocas em que fico deprimido, com uma profunda insatisfação.*⁶

Quero muito ser livre disso...

*Eu não me lembro como isso começou, desde que me lembro sempre gostei de meninos. Aos cinco anos eu achava um coleguinha lindo e sempre queria ficar perto dele, mas antes era uma coisa inocente e depois quando fiz 12 anos e descobri o que era sexo e coisa e tal é que vim, a saber, e conhecer o homossexualismo. Atualmente, sempre depois do orgasmo eu me sinto muito mal e, apesar de sentir desejo, eu não gosto da sensação depois do sexo e me sinto com um peso enorme. Sempre tenho vontade de morrer, sabe? Já tentei suicídio duas vezes. Também me sinto mal quando me masturbo, pois sempre penso em algum amigo meu ou vejo pornografia antes. O problema é que eu me sinto muito mal depois de tudo isso. Eu me vejo sem futuro ou pelo menos com um futuro só, pois não consigo me excitar com mulher, embora já tenha tentado. Eu nunca vou poder ter uma relação séria com outro homem porque tenho vontade de matar a nós dois depois que eu gozo. Quero muito ser livre disso... eu olho outros homossexuais que conheço e nenhum deles é feliz de verdade, enquanto meus amigos que são héteros, mesmo com as dificuldades da vida, estão sempre sorrindo e dizendo que tudo vai dar certo e essas coisas. Eu sinto tanta inveja, mas o pior mesmo é que eu desejo meus amigos e me sinto sujo, traidor e coisas do gênero. Nunca tive condições de manter minhas amizades e acabo sempre só.*⁷

Isso é como uma doença incurável

Tenho 32 anos e a vida toda eu lutei para me livrar desse vício, mas o máximo que consegui foi mortificá-lo pela prática da minha fé. Isso é como uma doença incurável, a qual tenho que carregar. Apesar disso, tenho a intenção de mudar. A minha vontade de ter uma vida normal não é apenas para provar aos outros que posso ser como todos os outros homens. Antes, eu simplesmente não quero viver e envelhecer sozinho. Além disso, estou convencido de que a família faz parte do plano divino para a felicidade humana e para a organização social. Eu quero aproveitar o melhor que existe nesta terra para mim e manter uma consciência tranqüila a respeito do futuro. Estou convencido de que por mais que isso me atormente, eu jamais darei um passo à frente. Se não fiz o que tinha de fazer no passado antes de me comprometer com meus princípios espirituais, como o faria agora depois de ter conhecido o princípio do Amor? Acho que não seria justo trair minha própria natureza e entregar-me a algo que na verdade eu não quero para mim mesmo. Além do mais, eu sinto uma tristeza imensa a ponto de morrer, só de pensar nesse assunto, por isso procuro evitá-lo sistematicamente, especialmente em

*conversas detalhadas. Embora eu não tenha coragem de me matar, peço aos céus que me levem antes que eu me entregue á esses desejos. Você disse que eu preciso entender melhor o que acontece comigo e que posso me livrar dessa atração. Estou disposto a saber mais sobre tudo isso. Obrigado por sua ajuda.*⁸

Em cada um dos casos listados neste livro, percebe-se que estamos diante de homens que se encontram frustrados com a perspectiva de uma vida homossexual. Talvez eles queiram mudar porque **75% dos homens acreditam que a homossexualidade seja anormal, doentia ou abominável.**⁹

Os homens que desejam se livrar da atração pelo mesmo sexo mostram grande interesse em saber como se livrar dos desejos homossexuais e estão dispostos a fazer o que for necessário para mudar sua orientação sexual. Você mesmo pode pesquisar na Internet e conhecer o drama desses homens. Será que eles estão apenas sonhando com algo impossível?

Notas

1 - <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070514173250AAjPKIP>, em 17/07/2008.

2 - <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070717144908AA3uKl>, em 17/07/2008.

3 - [http://www.rccbrasil.org.br/interativ/forum/show_mensagens.php?](http://www.rccbrasil.org.br/interativ/forum/show_mensagens.php?codigo=11158cmensagem=0&link=forum&aba=interativ)

codigo=11158cmensagem=0&link=forum&aba=interativ, em 17/07/2008.

4 - www.forum.clickgratis.com.br/archive/Psicologia/br/o_t___t_232__no-que-ro-mais-me-ajudem.html - 13k.

5 - sexo.uol.com.br/sexoadulto/sexoeaquestao/sqll042001.jhtm - 19k.

6 - <http://diaadia.dgabc.com.br/materia.asp?materia=478834>.

7 e 8 - Recebidos por e-mail.

9 - Sexualidade Masculina: Verdades e mentiras, pg.87.

É possível?

Só a vontade é que é o elemento permanente e imutável da consciência.

Arthur Schopenhauer

Antes de analisarmos os argumentos contrários e favoráveis à possibilidade de mudança da orientação sexual, é importante que fique claro que a homossexualidade não é tratada neste livro com algo “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”. Apesar disso, parece sensato acreditar que “tudo que preserva e aprimora a vida, é bom; tudo que a destrói ou a perturba, é mau”, como dizia o Dr. Albert Schweitzer, ganhador do Prêmio Nobel da Paz.

Um caminho sem volta

Muitos homossexuais reconhecem que os *gays* gostariam de mudar a orientação sexual. Apesar disso, como diz o publicitário Júlio Wiziack, “não se tem escolha num caso como esse”.

Além dos *gays* menos informados, alguns especialistas acreditam que um homossexual não pode se tornar heterossexual. O Antropólogo Sérgio Carrara, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por exemplo, acha que realmente não existe escolha nesses casos.

O Dr. Carrara afirma que é possível evitar a homossexualidade, mas “não se pode erradicar o desejo”.¹ De acordo com o especialista, é o desejo que define a homossexualidade.

Assim como o Dr. Carrara, existem outros especialistas brasileiros de renome internacional que estão de acordo com a idéia de que o desejo sexual é imutável. O médico Dráuzio Varella é um deles. Ele parece acreditar que a homossexualidade é um fato biológico inerente aos seres humanos e que faz parte da diversidade sexual da nossa espécie.

O Dr. Dráuzio Varella acredita que uma lésbica, por exemplo, pode até se casar com um homem e manter-se fiel no casamento, mas “jamais deixará de se interessar por mulheres”.²

Muitos homossexuais acreditam que o Dr. Dráuzio Varella sabe o que esta dizendo. A terapeuta Rinna Riesenfeld constatou esse fato. Em entrevista a um grupo de gays, ela ouviu um homossexual afirmar: “posso mudar meu comportamento sexual e me casar com uma mulher... porém isso nunca vai acabar com meus sentimentos homossexuais”.³

Os escritores Barbara e Allan Pease também estão convencidos de que a homossexualidade é mesmo um caminho sem volta. Em seu livro *Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?*, eles afirmam que os “cientistas” e a maioria dos “especialistas” em sexualidade humana concordam que o homossexualismo seja definitivo.⁴

A Dr^a. Suzana Herculano-Houze, Ph.D. em Neurociências pela *Universite de Paris*, França, com pós-doutorado na Max Planck Institut Fur Hirnforschung, de Frankfurt, Alemanha, afirma que “preferência sexual não se escolhe: descobre-se”.⁵

Para a Dr^a. Herculano-Houze, tentar mudar a preferência sexual “é como insistir que uma pessoa troque a cor da pele, torne-se menos alta ou mude a cor dos olhos. É inútil, inviável e injusto”.⁶

Perly Cipriano, subsecretário da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, parece concordar com a Dr^a. Herculano-Houze. Ele entende que a homossexualidade é uma questão biológica. Para o subsecretário, “as pessoas nascem assim”.⁷

A Dr^a. Lúcia Facco, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, homossexual assumida, em sua tese *Era uma vez um casal diferente*, reconhece que alguns homossexuais se casam com pessoas do sexo oposto. Apesar disso, a pesquisadora acredita que “essa situação gera, **invariavelmente**, sofrimento para todos os envolvidos no **engodo**”.

Ao que parece, alguns especialistas renomados estão convencidos erroneamente de que a homossexualidade é uma condição inata e imutável. Paradoxalmente, eles acreditam que uma pessoa heterossexual pode “virar” gay, mas não admitem que a situação inversa também possa acontecer.

Felizmente, apesar das contradições dos especialistas quanto à homossexualidade, existem estudiosos cujas biografias lhes autorizam falar com muita propriedade sobre esse tema e que por isso merecem a atenção de toda a sociedade.

A variação do desejo

O Dr. Luiz Mott, antropólogo e fundador do Grupo Gay da Bahia, afirma que as pesquisas científicas e sua experiência pessoal, convivendo com milhares de homossexuais, provam que “existem, sim, ex-homossexuais”.⁸

De acordo com o Dr. Luiz Mott, sua experiência e as pesquisas científicas confirmam que “ninguém está inexoravelmente preso a um destino sexual”.⁹ Ele destaca, ainda, que **existem inúmeros casos documentados de pessoas que mudaram a orientação sexual**. Assim, o antropólogo concluiu que qualquer pessoa pode “experimentar novas performances eróticas e abandoná-las ou persistir naquelas que produzem maior prazer”.¹⁰

A sexóloga Marta Suplicy também reconhece que a homossexualidade não é um caminho sem volta. Em seu livro *Sexo para Adolescentes*, ela afirma que os homossexuais podem se tornar heterossexuais se forem ajustados com tratamento psicológico. Ela afirma que essa mudança é ainda mais fácil se iniciada precocemente, “antes de a preferência sexual estar firmemente estabelecida”.¹¹

A tese de Marta Suplicy é confirmada pela opinião do psiquiatra estadunidense Jeffrey Satinover em seu livro *Homosexuality and the Politics of the Truth* (algo como A Homossexualidade e a Política da Verdade).

O psicólogo Robert Kronmeyer também corrobora a tese de que os homossexuais podem ser ajustados com o tratamento psicoterapêutico. Em seu livro *Overcoming Homosexuality* (algo como Superando a Homossexualidade), ele afirma que aproximadamente 80% dos gays que procuraram voluntariamente esse tratamento conseguiram se livrar da homossexualidade e alcançaram um nível satisfatório e saudável de ajustamento heterossexual.

É importante destacar que para a Psicologia, o termo ajustado não se refere a uma condição na qual a pessoa não sente nenhum tipo de tensão ou desarmonia. Desse modo, um homem ajustadamente heterossexual pode, eventualmente, sentir-se atraído por pessoas do mesmo sexo sem, contudo, “converter-se” em um homossexual. Da mesma maneira, um ex-homossexual que eventualmente se sinta atraído por outro homem não evidenciaria que seu ajuste heterossexual seja uma farsa.

Também é importante que se destaque serem raros os casos em que um indivíduo possui uma orientação sexual “firmemente estabelecida”. Essa tese é sustentada por muitos especialistas, entre eles, o Dr. Wunibald Muller. Em seu livro *Pessoas Homossexuais*, ele declarou que “só em poucos casos a homossexualidade possui raízes profundas na pessoa”.¹²

A Dr.^a Carmem Dora Guimarães, em seu livro *Os Homossexuais vistos por “Entendidos”*, constatou que os gays acham plausível a mudança de orientação sexual. Muitos admitem a possibilidade de se casar com uma mulher. A pesquisadora constatou que “no discurso de alguns, há referências à possibilidade de um casamento (heterossexual), ter filhos..”.¹³

Um dos entrevistados da Dr.^a Dora Guimarães declarou: “não me ponho o problema do futuro. A possibilidade de casar, ter filhos, não é excluída”.¹⁴

A Dr.^a Rinna Riesenfeld concorda com a idéia de que é mesmo possível mudar a orientação sexual. Em seu livro *Papai, Mamãe, Sou Gay!*, ela diz que “não somos rígidos e fixos, por isso, mesmo que em nos predominem a heterossexualidade ou a homossexualidade, temos a possibilidade de nos relacionar das duas maneiras”.¹⁵

Para Fabrício Viana, psicólogo e autor do livro *O Armário*, o desejo é maleável. Ele defende a idéia de que uma pessoa pode ter o desejo sexual orientado por alguém do mesmo sexo em um momento e depois passar a desejar alguém do sexo oposto.

Dr. Fabrício Viana entende que “em sexualidade humana, tudo é possível”.¹⁶ Ele destaca o caso de uma tribo primitiva na qual alguns meninos mudavam a identidade de gênero - de menino para menina - e eram imediatamente aceitos pelos membros da comunidade. Eles poderiam até se tornar amantes de outros homens ou viver junto com uma mulher, se assim desejassem. Nesse caso, como enfatiza o Dr. Fabrício Viana: “tudo era possível. E aceito”.¹⁷

Ainda de acordo com o Dr. Fabrício Viana, “a vida (sexual) seria muito melhor” se todos pensassem como um menino que ele diz ter conhecido na Internet. O garoto teria sido questionado quanto a sua orientação sexual e respondido da seguinte maneira: “Não tenho, fico com quem tenho vontade!”¹⁸

Existem ainda muitos estudos nas áreas da Psicologia, Sexologia e Antropologia que comprovam a possibilidade de mudança da orientação sexual. Essa possibilidade é reconhecida também por especialistas da Sociologia. A socióloga Marina Castaneda, por exemplo, autora do livro *A Experiência Homossexual*, entende que “a orientação sexual pode mudar em um dado momento”.¹⁹ De igual modo, Betty Fairchild e Nancy Hayward, em seu livro *Agora que Você Já Sabe*, declaram que “a identidade sexual normalmente fixa-se cedo na vida, mas algumas pessoas modificam-se de acordo com a situação vivida no momento”.²⁰

Como você pode ver, é possível mudar a orientação sexual. Além disso, essa idéia não é compartilhada apenas por fundamentalistas religiosos e pessoas “leigas”. Pelo contrário, os maiores especialistas do Brasil e do mundo atestam que **as pessoas podem e mudam a orientação sexual**.

Apesar de todas as evidências comprovarem a maleabilidade do desejo sexual, algumas pessoas se recusam a examinar cientificamente os fatos sobre esse assunto e preferem acreditar e divulgar de maneira dogmática que “não existe ex-gay”. Nesse caso, como diria o Dr. Fabrício Viana: “ignorar tudo isso é consentir com a mais pura ignorância”.

Quando o assunto é mudança da orientação sexual, a ignorância parece dominar o debate em todos os cantos do planeta. Wayne R. Besen, um dos maiores ativistas do *Movimento Gay* dos Estados Unidos, em seu livro *Anything But Straight* (algo como Qualquer Coisa, Exceto Heterossexual), explora em mais de 300 páginas o que ele chama de “o mito dos ex-gays”.

Embora tenha investigado com relativa profundidade os procedimentos terapêuticos que algumas entidades estadunidenses utilizam para ajudar quem deseja mudar a orientação sexual, Besen não apresenta nenhum estudo ou evidência científica que comprove a origem inata e o caráter imutável da homossexualidade. Apesar disso, o título do seu livro sugere de forma ideológica e dogmática que um homossexual pode se tornar “qualquer coisa” exceto um heterossexual!

Conforme demonstrado anteriormente, a Dr^a. Suzana Herculano-Houze acredita que é impossível mudar a orientação sexual de uma pessoa. Para defender seu ponto de vista, ela recorre à idéia metafórica de que não se pode insistir para que uma pessoa mude a cor da pele ou dos olhos. Entretanto, como diz o Dr. Bruce H. Lipton, “metáforas não combinam com verdades científicas”. Além disso, conforme destacou a revista *Mente e Cérebro*, “há sólidas evidências de que a orientação sexual não pode ser considerada uma variável discreta como a cor dos olhos (claros ou escuros) ou da pele (branca ou negra)”.²¹

A Dr.^a Herculano-Houze acha que é inútil, inviável e injusto insistir para que alguém mude a preferência sexual, entretanto, de acordo com as evidências apresentadas neste livro, a inutilidade e a injustiça estão ao lado de quem prega a origem genética e o caráter imutável da atração pelo mesmo sexo.

Lamentavelmente, as idéias contrárias à possibilidade de mudança da orientação sexual recebem muita credibilidade da mídia e até mesmo de Governos em todo o mundo. Por isso, quem realmente deseja conhecer os fatos sobre a homossexualidade e as alternativas de tratamento da atração pelo mesmo sexo é obrigado a pesquisar arduamente em busca da verdade a respeito desse tema.

Há 11 anos, pesquiso esse assunto e conheço a dificuldade da difusão dos fatos sobre a atração pelo mesmo sexo e as alternativas para mudança de orientação sexual. Embora exista uma vasta documentação científica sobre esse tratamento em várias partes do mundo, poucos sabem onde encontrá-la.

Você verá que a homossexualidade é tratada por meio de psicoterapias há mais de dois séculos. Talvez esse fato faça você refletir sobre o motivo pelo qual o tratamento da atração pelo mesmo sexo não é divulgado abertamente pelos meios de comunicação do mundo ocidental.

Notas

1-http://www.sxpolitics.org/mambo452/index.php?option=com_conterit&task=view&id=96Mtemid=120, em 17/07/2008.

2- <http://drauziovarella.ig.com.br/artigos/homossexualidade.asp>, em 17/07/2008.

3- Papai, Mamãe, Sou Gay!, pg. 53.

4- Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?, pg. 118.

5 e 6 - <http://www.atlanticaeditora.com.br/revistas/neurociencias/detalhe.asp?cdc=568>, em 17/07/2008.

7- <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=4180>, em 04/07/2008.

8- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 102. 9e 10- Idem, pg. 108.

11- Sexo para Adolescentes, pg. 114.

12- Pessoas Homossexuais, pg. 18.

13e 14- Os Homossexuais vistos por "Entendidos" pg. 97.

15- Papai, Mamãe, Sou Gay!, pg. 58.

16- O Armário, pg. 125. 17- Idem, pg. 64.

18- Idem, 125.

19- A Experiência Homossexual, pg. 27.

20- Agora que Você já Sabe, pg. 102.

21- Revista Mente e Cérebro nº 165, pg. 44.

A mudança de orientação sexual na história recente¹

A história é êmula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro.

Miguel de Cervantes

Como você viu neste livro, o antropólogo Luiz Molt, o mais importante líder do Movimento Gay no Brasil, reconhece que existe uma grande quantidade de pessoas que mudaram a orientação sexual. Da mesma forma, você verá a seguir que a sexóloga Marta Suplicy tem razão ao dizer que os homossexuais podem ser ajustados por meio de um tratamento psicológico. Desde o início do século 19, psiquiatras, psicólogos, endocrinologistas e pesquisadores de várias partes do mundo investigam os tratamentos para a homossexualidade. Algumas vezes, esses tratamentos envolviam procedimentos duvidosos. Apesar disso, muitas abordagens terapêuticas auxiliaram centenas de pessoas a se livrarem da homossexualidade. Veja a seguir um breve histórico do tratamento da homossexualidade durante os últimos séculos.

Em **1892**, um neurologista estadunidense chamado Graeme M. Hammond recomendou longos passeios de bicicleta para o tratamento da homossexualidade. O Dr. Hammond acreditava que o desejo homossexual era provocado por um esgotamento nervoso e que os exercícios físicos na bicicleta poderiam restaurar a saúde e a heterossexualidade.

Por volta do ano de **1897**, o Dr. Albert von Schrenck-Notzing, um terapeuta alemão, desenvolveu uma abordagem terapêutica para o tratamento da homossexualidade que envolvia muitas sessões de hipnose, ingestão de bebidas alcoólicas e visitas a bordéis.

Ainda no final do século 19, o Dr. Denslow Lewis, um médico estadunidense, entendia que a homossexualidade era desencadeada por fatores socioeconômicos. Ele acreditava na cura do homossexualismo por meio da aplicação de várias drogas. O tratamento desenvolvido pelo Dr. Lewis funcionou em muitos casos.

Em **1920**, Sigmund Freud, o “pai da psicanálise”, relatou o tratamento de uma mulher que havia sido encaminhada ao terapeuta pelos próprios pais. De acordo com o relato de Freud, a paciente não demonstrava nenhum incômodo com a própria homossexualidade. Embora acreditasse que a homossexualidade pudesse ser tratada, Freud estava seguro de que esse tratamento não seria nada fácil.

Em **1929**, um estudo anônimo publicado na Suíça afirmava que a castração poderia curar a homossexualidade. De acordo com esse estudo, oito prisioneiros haviam sido castrados com vistas de eliminar problemas com a libido. Dentre os prisioneiros mencionados no estudo suíço, pelo menos cinco haviam sido curados de “anomalias” como exibicionismo e homossexualismo.

Ainda em **1929**, o Dr. John F. W. Meagher afirmava que nem todos os homossexuais podem sair dessa condição e que a “homossexualidade congênita” não poderia ser tratada facilmente com drogas ou cirurgias. Apesar disso, o Dr. Meagher destacava que a homossexualidade “adquirida” poderia ser eliminada em alguns casos. Segundo o Dr. Meagher, o sucesso do tratamento dependia da força de vontade do paciente em mudar sua orientação sexual. O historiador Geoffrey Cocks afirmou que por volta de **1940** o regime nazista do Terceiro Reich realizou testes para curar a homossexualidade a partir da implantação de glândulas sexuais.

Em **1955**, a Associação Médica Britânica publicou um estudo referindo-se a homossexualidade como um problema essencialmente social e relevante. O estudo sugeria que a homossexualidade poderia ser tratada em alguns casos por meio de psicanálise, psicoterapias não-analíticas, terapia em grupo e medicamentos.

O psicanalista Clifford Allen divulgou em **1958** uma variedade de casos de cura da homossexualidade por meio da psicoterapia. Embora tenha reconhecido que em alguns casos as pessoas não tivessem alcançado a cura completa, o Dr. Allen afirmou que elas

prosseguiam no caminho da normalidade. De acordo com o psicanalista, os pacientes desenvolviam a atração pelo sexo oposto e pretendiam se casar e ter filhos. Para o Dr. Allen, o tratamento ideal da homossexualidade requer que o paciente se submeta a sessões de psicoterapia com duração de sessenta minutos, durante quatro anos.

Em **1962**, o Dr. I. Oswald, um psicólogo britânico, desenvolveu um procedimento terapêutico inusitado para curar a homossexualidade de seus pacientes. Ele injetou drogas indutoras do vômito em um homossexual enquanto cenas de filmes homoeróticos eram apresentadas em um televisor. O paciente estava rodeado por copos cheios de urina e algumas vezes manifestava alucinações. O objetivo da terapia do Dr. Oswald era saturar a mente do paciente com imagens homoeróticas e experiências desagradáveis. Desse modo, o psicólogo esperava que seu paciente desistisse da obtenção de prazer pela prática de atos homossexuais e, por conseguinte, procurasse aliviar seus impulsos sexuais com pessoas do sexo oposto.

Ainda em **1962**, o psicanalista estadunidense Irving Bieber e seus colegas publicaram um estudo com uma perspectiva psicanalítica da homossexualidade masculina. De acordo com esse estudo, **todas as teorias psicanalíticas afirmam que a homossexualidade adulta é uma psicopatologia**. Ainda de acordo com o estudo do Dr. Bieber e seus colegas, a homossexualidade é o resultado de um medo oculto e incapacitante quanto ao relacionamento com o sexo oposto. Para a equipe do Dr. Bieber, **qualquer pessoa pode mudar a orientação sexual**. Entretanto, os especialistas reconhecem que algumas pessoas conseguem realizar essa mudança com mais facilidade do que outras. Eles acreditam que a mudança para o padrão heterossexual esteja ao alcance de todos os homossexuais que demonstrem uma forte motivação para mudar. A equipe do Dr. Bieber analisou os casos de uma centena de homossexuais masculinos que procuraram ajuda terapêutica para desenvolver a heterossexualidade e constatou que **mais de 30 desses homens se tornaram exclusivamente heterossexuais**.

Em **1964**, R. J. McGuire e M. Vallance publicaram um artigo no *British Medical Journal* descrevendo o uso da terapia de eletrochoque para o tratamento da homossexualidade. Os autores afirmavam que pequenas descargas elétricas poderiam ser ministradas pelo paciente em sua própria casa. Assim, as pessoas poderiam aplicar nelas mesmas um pequeno choque todas as vezes que percebessem um impulso sexual indesejado.

O Dr. David Reuben publicou em **1969** seu famoso livro *Everything You Always Wanted to Know About Sex but Were Afraid to Ask* (algo como Tudo que Você Sempre Quis Saber sobre Sexo, mas Tinha Medo de Perguntar). Nesse livro, o Dr. Reuben descartou completamente a idéia de que a homossexualidade seja inata e lamentou o fato de que muitos homossexuais prefiram encarar a atração pelo mesmo sexo como uma característica genética com a qual eles devem conviver durante toda a vida, O Dr. Reuben afirmava que profissionais competentes poderiam ajudar as pessoas a vencer o desejo homossexual.

Por volta de **1970**, o psicólogo John N. Marquis afirmava que a orientação sexual poderia ser recondicionada, independente das suas causas ou origens. O Dr. Marquis recomendava a masturbação intensa estimulada por fantasias e imagens homoeróticas. Alguns instantes antes de atingir o orgasmo, porém, o indivíduo deveria mudar o conteúdo das suas fantasias para imagens heterossexuais.

Embora muitos afirmem insistentemente que em **1973** a Associação Americana de Psiquiatria (APA) tenha descartado completamente o caráter patológico da

homossexualidade, essa afirmação **não** é verdadeira. A APA ainda considera como uma patologia a *homossexualidade ego-distônica*, uma desordem psíquica na qual o indivíduo não se aceita como homossexual. De acordo com a APA, essa forma de homossexualidade pode ser tratada por qualquer profissional competente.

Em **1974**, o Dr. Lee Birk, Diretor do Laboratório de Psiquiatria do Centro de Saúde Mental de Massachussetts, nos Estados Unidos, noticiou casos de homossexuais que experimentaram uma mudança parcial para a heterossexualidade após freqüentar um grupo terapêutico por mais de um ano e meio. Em alguns casos, a mudança chegou a ser total.

O psicólogo Albert Ellis, o segundo maior expoente da Psicologia, destacou em **1975** que as perspectivas freudianas quanto ao tratamento da homossexualidade eram muito pessimistas. O Dr. Ellis observou que os psicanalistas modernos, que seguem uma linha menos freudiana, quase sempre demonstram mais otimismo no tratamento dos homossexuais. Ele estava convencido de que o tratamento da homossexualidade poderia ser bem-sucedido se o homossexual superasse a relutância em admitir os próprios distúrbios psicológicos. Assim como Freud, o Dr. Ellis reconhecia que o tratamento da homossexualidade não seria fácil. Em sua opinião, esse tratamento é difícil porque a maioria dos homossexuais tem baixa auto-estima, adota uma postura altamente defensiva, apresenta pouca persistência na consecução de objetivos, possui dificuldade de se divertir sem a ingestão de drogas e álcool, aborrece-se facilmente e cria crise após crise para si mesmo.

Ainda em **1975**, o Dr. Irving Bieber mantinha suas convicções a respeito da homossexualidade e dizia que o comportamento homossexual entre adultos era sempre patológico. O Dr. Bieber defendia esse ponto de vista desde 1962 e destacava que ninguém jamais havia apresentado qualquer evidência que comprovasse ser a homossexualidade uma variação normal da sexualidade humana. Ele entendia que era possível mudar a orientação sexual, mas acreditava que essa mudança não estava ao alcance de qualquer pessoa. Em sua opinião, apenas os indivíduos que possuíssem um ego bem desenvolvido e que estivessem sinceramente motivados poderiam superar os desejos homossexuais e desenvolver um ajuste heterossexual.

O psicanalista austríaco Edmund Bergler declarou em **1982** que os homossexuais masculinos eram homens que temiam o envolvimento afetivo e sexual com mulheres. Para o Dr. Bergler, a homossexualidade não decorria de nenhum fato fisiológico. Ele defendia o tratamento do desejo homossexual porque acreditava que “a personalidade do homossexual é completamente neurótica”, o Dr. Bergler chegou a essa conclusão após analisar mais de uma centena de homossexuais.

Em **1983**, o endocrinologista alemão Günther Dörner defendeu a idéia de que seria possível prevenir o surgimento da homossexualidade em crianças ainda mesmo antes de elas nascerem. Ele acreditava que a homossexualidade poderia ser evitada por meio da manipulação de hormônios durante a gestação.

O Dr. William H. Masters e a Dr^a. Virginia Johnson, dois dos maiores especialistas em sexualidade humana de todos os tempos, disseram em **1984** que eles não acreditavam no caráter patológico da homossexualidade. Apesar disso, a dupla de especialistas estava convencida de que algumas pessoas simplesmente não querem ser homossexuais. Eles entendiam que alguns homens se tornam homossexuais devido a problemas emocionais. Em uma experiência realizada com homossexuais masculinos que voluntariamente se ofereceram para receber tratamento psicológico, a dupla utilizou mulheres para ajudá-

los a vencer a homossexualidade. Em condições descontraídas, os homens aprenderam a abordar e manter relações sexuais com o sexo oposto.

Em **1991**, o psicólogo Joseph Nicolosi declarou que a homossexualidade masculina resulta de um desequilíbrio psicológico no relacionamento entre pais e filhos. O Dr. Nicolosi passou a recomendar aos seus pacientes que desenvolvessem melhor a masculinidade como uma maneira de superar os desejos homossexuais masculinos.

Em **2004**, o Dr. Norman Goldwasser, psicólogo clínico em Miami, Estados Unidos, apresentou na Conferência Internacional da EMDRIA, em Washington, a aplicação do EMDR no tratamento da homossexualidade.²

As evidências comprovam que há muito tempo os homossexuais são tratados por médicos e terapeutas. Na verdade, como demonstraremos neste livro, o que é recente é o reconhecimento da comunidade científica dos resultados positivos e permanentes alcançados pela psicoterapia no tratamento da atração pelo mesmo sexo.

Embora exista uma vasta documentação científica sobre o tratamento da homossexualidade nas últimas décadas, a maneira pela qual cada pessoa interpreta essa história varia de acordo com o interesse do intérprete. Alguns podem achar que estamos diante de um relato mórbido de um pesadelo repugnante. Outros, porém, acham que essa história confirma suas suposições de que não estavam apenas sonhando com a possibilidade de mudar a própria orientação sexual. Assim, o registro histórico da experiência clínica de muitos especialistas que trataram a homossexualidade de seus pacientes não constitui, em si mesmo, algo bom ou ruim. Cabe a cada pessoa analisar as evidências e chegar a sua própria conclusão sobre a maneira pela qual essa condição sexual é tratada em cada momento da história da humanidade.

Até agora (2008), nenhum estudo demonstrou que a mudança de orientação sexual causa qualquer prejuízo psicológico aos indivíduos que a experimentaram. Por outro lado, existem relatos de pessoas que abandonaram o tratamento ou não seguiram as orientações de seus respectivos terapeutas e, por isso, não conseguiram se livrar da atração por pessoas do mesmo sexo. Nesses casos, não parece razoável que se atribua o fracasso do tratamento a terapia ou ao terapeuta, afinal, como disse o escritor Roberto Shinyashiki, “desistir de mudar é mais fácil do que decidir mudar”³. Além disso, se a história julga apenas os resultados e não os propósitos, convém questionarmos o seguinte: devemos celebrar a perseverança e o êxito de alguns ou podemos nos contentar com a mesmice e o fracasso de outros?

Notas

1- Adaptado do artigo A Brief History of a Recruiting Nightmare e publicado neste livro com autorização do proprietário dos direitos autorais.

2- <http://www.narth.com/docs/emdr.html>, consultado em 19 de junho de 2008.

3- Tudo ou Nada, pg. 67.

PARTE III

Abordagens terapêuticas modernas e análises científicas

Conhecimento e ousadia

Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los.

Isaac Asimov

Você já sabe que para a sexóloga Marta Suplicy os homossexuais podem ser ajustados por meio do tratamento psicológico. Essa opinião é coerente com todas as teorias da Psicologia e da Psicanálise. Além disso, esse tratamento está respaldado por inúmeras pesquisas científicas e faz parte da experiência clínica de muitos terapeutas ao redor do mundo. Nesse contexto, é lamentável que a imensa maioria dos homossexuais desconheça completamente as abordagens terapêuticas nessa área.

A ignorância dos gays quanto ao tratamento da homossexualidade foi identificada pela professora Edith Modesto, Ph.D. em Semiótica Francesa pela Universidade de São Paulo (USP). Ela realizou uma pesquisa com dezenas de homossexuais e constatou que praticamente todos eles “negaram a possibilidade de existir um tratamento para deixar de ser gay”.^x

A pesquisa da Dr^a. Edith Modesto revelou que os homossexuais não ignoram apenas os resultados das psicoterapias para tratamento da homossexualidade. Na verdade, eles parecem ignorar até mesmo a existência desse tratamento. Essa constatação sugere que até mesmo os “entendidos” desconhecem completamente os fatos sobre a homossexualidade. Além disso, parece que o discurso ideológico contrário à possibilidade de mudança da orientação sexual alcançou uma dimensão alarmante na sociedade contemporânea e convenceu a maior parte da população de que a homossexualidade é inata e imutável.

Felizmente, alguns pesquisadores se dispõem a estudar em profundidade e com espírito científico as teorias e discursos a respeito da homossexualidade. Desse modo, as diversas abordagens terapêuticas para o tratamento da atração pelo mesmo sexo podem ser identificadas e compartilhadas livremente com todas as pessoas que se interessam por esse assunto. Além disso, até mesmo os homossexuais assumidos e partidários da causa gay defendem a difusão e o acesso das informações sobre a homossexualidade. Pedro Almeida, por exemplo, declarou que “cada pessoa deve ter acesso a todas as visões de mundo existentes, a tudo, mas ninguém pode ser obrigado a adotar esta ou aquela forma de encarar a vida”.²

Você conhecerá a partir de agora muitos procedimentos terapêuticos utilizados no tratamento da homossexualidade. As alternativas que serão apresentadas a seguir mostram claramente que **qualquer pessoa pode mudar a orientação sexual**, desde que ela siga o conselho de Paulinho Magalhães, um homossexual assumido que ficou

famoso ao divulgar na Internet uma mensagem apaixonada por seu parceiro. De acordo com o pensamento de Paulinho Magalhães, enquanto não ferirmos o direito de outras pessoas, devemos ter ousadia e perseverança. Sempre!³

Notas

1- Vidas em Arco-íris, pg. 107.

2- Desclandestinidade, pg. 75.

3-<http://mixbrasil.uol.com.br/farofadigital/exclusivopaulo.htm>., em 19/06/2008.

Abordagem Direta do Inconsciente

Identidade, sexo [...] não podem ser debatidos com argumentos lógicos porque os fundamentos destas dúvidas provêm do inconsciente e é lá que é preciso operar para removê-las.

Alberto Goldin, médico e psicanalista argentino.

A psicóloga Renate Jost sintetizou em seu livro *As chaves do Inconsciente* sua experiência clínica no atendimento de mais de trinta mil pacientes (1999). Ela desenvolveu um método próprio para auxiliar seus clientes na resolução de conflitos interiores profundos e complexos. Por meio do Método ADI (*Abordagem Direta do Inconsciente*), ela e sua equipe auxiliam milhares de pacientes com problemas de identificação de gênero.

A Dr.^a Jost garante que por meio do Método ADI muitos homossexuais são curados e mudam radicalmente seu comportamento.

A eficácia do Método ADI foi comprovada por meio de uma pesquisa com 558 pacientes. O estudo demonstrou que, no início do tratamento, 24% dos entrevistados sentiam alguma dificuldade em se aceitar como homem ou mulher. Após a aplicação da *Abordagem Direta do Inconsciente*, 84% dos pacientes disseram que melhoraram quanto a seus problemas de identificação de gênero. De acordo com os pesquisadores, os casos de “cura total” ultrapassaram o índice de 70%!

O método desenvolvido pela Dr.^a Jost parece estar de acordo com o pensamento de Freud. Para o “pai da psicanálise”, o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica. Desse modo, é no inconsciente que estão as raízes do desejo sexual e é nele que se deve buscar as respostas sobre a sexualidade humana.

Nota

A Abordagem Direta do Inconsciente e sua aplicação no tratamento da homossexualidade estão descritas no livro *As chaves do Inconsciente*, de autoria da psicóloga Renate Jost.

EMDR - Dessensibilização e Reprocessamento por meio de Movimentos Oculares

A mente é o seu próprio lugar, e dentro de si pode fazer um inferno do céu, do céu um inferno.

John Milton, poeta inglês

A psicóloga estadunidense Francine Shapiro desenvolveu uma abordagem terapêutica que auxilia no tratamento dos mais diversos traumas que uma pessoa pode experimentar ao longo da vida. Ela percebeu que a associação de movimentos oculares a imagens e pensamentos perturbadores reduzia a intensidade desses pensamentos ou os fazia desaparecer completamente. Essa observação permitiu que ela criasse o *Eye Movement Desensitization and Reprocessing* (EMDR).

A psicóloga Shirley Bittu, Terapeuta em EMDR pelo EMDR *Institute*, EUA, afirma que a Associação Americana de Psiquiatria recomenda o EMDR como um dos métodos mais eficazes para o tratamento de situações traumáticas. Ela destaca que esse procedimento terapêutico atua de uma forma revolucionária porque ajuda a libertar a mente e o corpo e permite que o paciente abra o coração

A abordagem terapêutica desenvolvida pela Dr. Francine Shapiro encontra respaldo nas mais recentes pesquisas científicas que examinam a capacidade de a mente humana alterar registros históricos desagradáveis. Nesse sentido, o pesquisador Arturo Romano, da Universidade de Buenos Aires, Argentina, entende que “trazer ao presente algo do passado é um processo ativo. Cada vez que é evocada, a memória pode ser modificada”.²

Você viu no histórico do tratamento da homossexualidade que o Dr. Norman Goldwasser apresentou a aplicação do EMDR no tratamento da atração pelo mesmo sexo durante a Conferência Internacional da EMDRIA (uma associação internacional de terapeutas que utilizam o EMDR), em Washington, Estados Unidos.

A apresentação do Dr. Goldwasser foi intitulada “*Utilizing EMDR to Heal Undesired Sexual Attractions and to Help Actualize Sexual Potential*” (algo como A Aplicação do EMDR na Cura da Atração Sexual Indesejada e na Ajuda para Efetivar a Potência Sexual).³

O Dr. Norman Goldwasser é psicólogo clínico em Miami, Estados Unidos. Ele atua de uma forma pioneira na utilização do EMDR para o tratamento da homossexualidade. Sua experiência clínica nessa área já havia sido apresentada em 2004 na Conferência da NARTH - National Association for Research and Therapy of Homosexuality - (Associação Nacional para a Pesquisa e Terapia da Homossexualidade).

Fontes:

1- Disponível em <http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/conteudo.asp?id=5742> j em 19/06/2008.

2- Disponível em <http://noticias.terra.com.br/ciencia/interna/0,,OI2858707-EI8148,00.html> j em 19/06/2008.

3- Disponível em <http://www.narth.com/docs/emdr.html>, em 19/06/2008.

REBT - Terapia Racional Emotiva do Comportamento

Nenhuma circunstância exterior substitui a experiência interna. E é só à luz dos acontecimentos internos que entendo a mim mesmo. São eles que constituem a singularidade de minha vida.

Carl Gustav Jung

A *Rational Emotive Behavior Therapy* (REBT) é uma forma de psicoterapia criada por Albert Ellis em 1950. Essa psicoterapia é baseada na idéia de que não são os acontecimentos que ocorrem em nossas vidas que realmente nos causam danos psíquicos, mas é a nossa forma de enxergar esses acontecimentos que nos faz sentir depressão, ansiedade, raiva, etc.

O Dr. Ellis foi um dos primeiros terapeutas a adotar uma abordagem completamente racionalista na análise do comportamento e das emoções humanas. Em sua análise racional do comportamento humano, ele percebeu que seus pacientes poderiam melhorar a qualidade de vida ao exercerem controle sobre os pensamentos autodestrutivos. Essa abordagem era contrária à idéia freudiana de que a compreensão das experiências da infância era fundamental para que se compreendesse as neuroses.

Para o Dr. Ellis, em todos os casos que ele havia observado, a homossexualidade era causada por medos e crenças irracionais.¹

Em seu livro *Homosexuality: Its Causes and Cures* (algo como Homossexualidade: Causas e Tratamentos), o Dr. Ellis destacou que a homossexualidade pode ser tratada com sucesso se o homossexual vencer a relutância em admitir os próprios distúrbios psicológicos. Ele afirmava que a homossexualidade se parece muito mais com uma prisão do que com alguma forma de desenvolvimento.

Segundo os princípios da REBT, os homossexuais podem mudar se vencerem o medo de fracassar durante o tratamento. Além disso, eles precisam acreditar que serão aceitos por uma mulher no futuro, mesmo que ela saiba do seu passado. Nesse sentido, o Dr. Ellis recomendava a seus clientes que se tornassem flexíveis, racionais e lógicos na maneira de pensar e agir. Essa recomendação vai ao encontro das idéias da filósofa alemã Hannah Arendt a respeito do potencial humano. Ela disse que **o homem adulto pode subverter a própria realidade usando a inteligência como instrumento.**

Especialistas que utilizam a REBT afirmam que ela é rápida e eficiente e promove uma mudança cognitiva, emocional e comportamental na vida dos pacientes. Existem mais de 2.000 estudos que comprovam a eficácia da REBT. Além disso, o Dr. Ellis escreveu mais de 60 livros e 700 artigos sobre a abordagem terapêutica que ele desenvolveu.

O Dr. Ellis não era uma pessoa “conservadora” nem “preconceituosa”. Seus esforços em defesa da liberdade e da individualidade da pessoa humana renderam-lhe o título de “Humanista do Ano”, em 1971, pela American Humanist Association. Além disso, em uma pesquisa realizada em 1982, aproximadamente 800 psicólogos elegeram o Dr. Albert Ellis a segunda maior referência para a Psicologia. Nessa pesquisa, Sigmund Freud foi apontado como o nome mais importante nessa área. Carl Rogers ficou em terceiro lugar.

Nota:

Adaptado do texto disponível em: <http://www.blessedcause.org/Indoctrination/Homosexuality%20Learned%20Behavior.htm>, em 29/02/2008.

As Constelações de Bert Hellinger

É sempre na relação com os membros da família que criamos nossos dramas particulares.

James Redfield, autor de A Profecia Celestina.

O Dr. Bert Hellinger é o criador do trabalho terapêutico através das *Constelações Familiares Sistêmicas*. Ele considera que a homossexualidade se origina de um emaranhamento sistêmico (ao invés de uma predisposição genética).

Enquanto realizava inúmeras Constelações em vários países, o Dr. Hellinger observou algumas condições do sistema familiar em que a homossexualidade estava sempre presente.

O Dr. Hellinger entende que uma relação homossexual gera um vínculo muito difícil de ser dissolvido.¹ Além disso, ele reconhece que a homossexualidade, via de regra, não é reversível, entretanto, ele afirma ter visto **uma série de exceções**.²

As exceções que o Dr. Hellinger encontrou em sua experiência clínica invalidam completamente a teoria de que “não existe ex-gay”, afinal, elas provam que essa tese está incorreta.

Uma terapeuta em *Constelações Familiares* explicou-me que elas ajudam a clarear situações, a abrir perspectivas e a encaminhar soluções. Ela disse-me que essa abordagem terapêutica ajuda a dissolver certos emaranhados e tramas que estão agindo no nível sutil do sistema familiar. Ainda de acordo com a terapeuta, as *Constelações* têm um poder muito grande de mover a energia pessoal, pois é um trabalho que acontece por meio do acesso a “consciência da alma do sistema familiar” que, por sua vez, atua na cura ou no equilíbrio da vida do paciente.

Notas

1- Ordens do Amor, pg. 338 a 342.

2- Para que o Amor de Certo, pg. 259 a 272.

Terapia de contexto específico (Context Specific Therapy-CST)

A felicidade é aquele estado de consciência que procede da realização de nossos valores.

Ayn Rand, filósofa russa.

O Dr. Robinson é psicoterapeuta em Orem, Utah, Estados Unidos. Ele se especializou no tratamento de indivíduos que lutam contra a homossexualidade ou outros problemas compulsivos. Ele é Ph.D. pela Brigham Young University, onde desenvolveu sua tese de doutorado a partir da análise do processo de mudança de homens que fazem parte da *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias* (Mórmons) e que conseguiram vencer a homossexualidade.

Segundo o Dr. Robinson, a *CST* é baseada em pesquisas clínicas que descrevem em detalhes os elementos da mudança que tem acontecido na vida de indivíduos que venceram a homossexualidade. Ele explica que essa psicoterapia difere em muitos aspectos da terapia psicodinâmica tradicional: ela é direta, inteligível e específica para aqueles que lutam com problemas homossexuais. A *CST* é centrada no presente e constitui uma abordagem pragmática e orientada para soluções. De acordo com Dr.

Robinson, essa terapia aborda as causas da homossexualidade como se elas ocorressem no momento presente, a partir dos pensamentos, sentimentos e atitudes do indivíduo. O psicanalista diz que a CST examina rapidamente o passado do indivíduo para que se possa fazer as mudanças no presente.

Além de ser individualizada e de promover a assertividade do paciente, a *CST* visa a aumentar a congruência entre os princípios morais e espirituais do indivíduo e o seu comportamento.

Apesar da eficácia da *CST*, o Dr. Robinson adverte que ela não é um processo que se realiza com facilidade e pode não servir para todas as pessoas. O terapeuta sugere que o indivíduo interessado na mudança de orientação sexual faça uma profunda reflexão quanto à sua motivação para mudar.

O Dr. Robinson enfatiza que é preciso que o indivíduo esteja decidido a se livrar da homossexualidade e tenha disposição para fazer o que for necessário para alcançar esse objetivo. Além disso, para que a *CST* seja eficaz, é necessário que os princípios morais e espirituais do indivíduo constituam um elemento importante na sua motivação para a mudança, pois ele deve romper imediatamente com padrões antigos de pensamento, arenas, comportamentos, hábitos e interações sociais.

Fonte: <http://www.theguardrail.com>, em 02/02/2008.

Logoterapia

Insanidade é fazer a mesma coisa, vez após outra, e esperar resultados diferentes.

Anônimo

A Logoterapia foi desenvolvida por Viktor Frankl, Ph.D, professor de Neurologia e Psiquiatria em Viena, Áustria. Ele sobreviveu aos horrores dos campos de extermínio nazistas durante a II Guerra Mundial e desenvolveu a partir dessa experiência dramática uma abordagem que revolucionou os estudos do comportamento humano.

De acordo com as pesquisas e a experiência clínica do Dr. Viktor Frankl, todo ser humano é livre para mudar a qualquer instante e capaz de se elevar acima das condições biológicas, psicológicas e sociológicas.

Em seu livro *Em Busca de Sentido*, o Dr. Frankl afirma que “o ser humano é capaz de mudar o mundo para melhor, se possível, e de mudar a si mesmo, se necessário”.¹

O psiquiatra Aldeniz Leite da Silva Jr. acredita que a Logoterapia possa auxiliar as pessoas que desejam mudar a orientação sexual. O Dr. Silva Jr. entende que essas pessoas precisam tomar uma posição frente a uma circunstância delicada. Ele destaca que a Logoterapia é uma psicoterapia que ajuda o indivíduo na busca de sentido e na tomada de posição perante a vida.

Para o Dr. Silva Jr., o tratamento da atração sexual requer a análise da dinâmica existencial do indivíduo. O psiquiatra considera que o simples fato de uma pessoa manifestar interesse em deixar a homossexualidade evidência que ela não é

homossexual. Ele entende que a homossexualidade não é uma escolha. Em sua opinião, a atração pelo mesmo sexo é uma inclinação, um “direcionamento vital”.

Para que você compreenda a aplicabilidade da Logoterapia no tratamento da homossexualidade, observe o que alguns gays pensam a respeito da possibilidade de mudança da orientação sexual.

O publicitário Júlio Wiziack, por exemplo, declarou em seu livro *Abrindo o Armário* que, no que se refere à homossexualidade, não existe opção.

Para o apresentador de TV Bruno Weissman, “o homossexual não tem a opção de não ser homossexual”. Bruno acredita que “a única opção que o homossexual tem é assumir seu desejo por outra pessoa do mesmo sexo ou levar uma vida paralela”.²

Toni Reis, Especialista em sexualidade humana e Presidente da Associação Brasileira de Gays, Homossexuais, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), declarou que “ser” *gay* não é uma opção.³

Laci Marinho de Araújo, homossexual assumido e sargento do Exército, declarou à revista *Época*: “eu tenho certeza de que a pessoa não vira gay, ela já nasce gay”. Embora tenha declarado à revista que mantém uma relação estável há mais de dez anos com outro militar das Forças Armadas, o sargento Araújo se diz “bissexual”.

No que se refere à homossexualidade, as convicções de Júlio Wiziack, Bruno Weissman, Toni Reis e Laci Araújo são fundamentadas em mitos e contrariam um princípio fundamental da Logoterapia: é inconcebível a existência de “algo que condicione o ser humano a ponto de deixá-lo sem a menor liberdade”.⁴

Alguns terapeutas incentivam seus pacientes a viver simplesmente de acordo com os desejos e inclinações sexuais. A Logoterapia é contrária a essa idéia. Para o Dr. Frankl, o ser humano “é um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos”.⁵

De acordo com os princípios da Logoterapia, um homem que deseja se casar e ter filhos com sua mulher jamais deveria desistir desse objetivo. Ainda que seus desejos sexuais estejam orientados para pessoas do mesmo sexo, esse homem pode mudar completamente sua forma de pensar, sentir e agir. Desse modo, **ao invés de desistir dos seus sonhos, ele deveria investir todas as suas energias para realizá-los integralmente.**

A concepção filosófica da Logoterapia anula e invalida completamente qualquer abordagem pseudoterapêutica (ou ideológica) que vise a convencer uma pessoa a “aceitar-se” como homossexual se ela estiver em busca de ajuda para se livrar dos pensamentos, desejos e fantasias homossexuais e demonstrar interesse em desenvolver a atração pelo sexo oposto.

A idéia do Dr. Frankl de que o ser humano pode mudar a si mesmo já estava presente no pensamento do biólogo francês Alexis Carrel, em 1935. Em seu livro *L’Homme, Cet Inconnu* (O Homem, esse Desconhecido), ele afirmou que toda pessoa pode modificar seu modo de vida e criar em volta de si um ambiente ligeiramente diferente.

Carrel acreditava que cada pessoa é capaz de isolar-se e submeter-se voluntariamente, impondo a si mesma uma disciplina física e mental que possibilite a aquisição do domínio do corpo e da mente.⁶

Notas

1- Em Busca de Sentido, pg. 112.

- 2“revista Veja nº 2045, de 30/01/2008.
3“revista Veja nº 2046, de 30/01/2008.
4~Em Busca de Sentido, pg. 113.
5~Em Busca de Sentido, pg. 95.
6-Citado por Arlindo Padilha, em Homossexualismo tem Cura!

Terapia Reparativa

Fazer de um menino um homem é trabalho de homem. Desde o início dos tempos, cabe ao pai fazer de seu filho um sujeito responsável, bom, corajoso e digno.

Harry Harrison, autor do livro *De Pai para Filho*.

A Terapia Reparativa (TR) é um tipo específico de psicoterapia que se aplica aos indivíduos que desejam vencer a atração por pessoas do mesmo sexo. O Dr. Joseph Nicolosi - criador da Terapia Reparativa - classifica esses indivíduos como “homossexuais não-gays”.

De acordo com o Dr. Nicolosi, a TR aborda as origens e causas da homossexualidade e ajuda o indivíduo a compreender a si próprio e a entender o que ocorreu em sua infância que o levou a desenvolver a atração pelo mesmo sexo.

A TR está fundamentada na teoria de que existem forças subconscientes que atuam sobre o comportamento de cada pessoa e que as necessidades emocionais dos indivíduos - se não forem satisfeitas - podem se expressar indiretamente sob a forma de sintomas e, no caso da homossexualidade, como uma forte atração sexual.

O Dr. Nicolosi afirma que a TR pode ajudar um indivíduo a se livrar da atração pelo mesmo sexo e a desenvolver a atração pelo sexo oposto. O terapeuta garante que para os *homossexuais não-gays* que desejam mudar, a psicoterapia reparativa pode ajudá-los a explorar as origens dos seus problemas e a desenvolver relacionamentos *não-eróticos* que diminuem a atração sexual pelo mesmo sexo. Além disso, essa psicoterapia ajuda o paciente a aumentar a confiança em si próprio e a se sentir seguro quanto à sua identidade de gênero, além de fazê-lo sentir prazer nas relações heterossexuais. Os profissionais que atuam na Terapia Reparativa seguem a mesma linha de Freud e trabalham com a família de origem do indivíduo, auxiliando-o a entender suas relações familiares e como o lugar ocupado por ele na estrutura familiar o conduziu ao fracasso na aquisição da noção de gênero apropriada ao seu sexo biológico.

Para o Dr. Nicolosi, a homossexualidade não é um problema sexual, mas uma confusão de identidade de gênero. Ele afirma que sua experiência clínica demonstra que **as pessoas que dizem ter nascido gays estão, de fato, dizendo que não querem reconhecer que as experiências da infância tenham contribuído para a formação de sua orientação sexual.**

Fonte:

Adaptado do texto disponível em <http://www.blessedcause.org/Indoctrination/Homosexuality%20Learned%20Behavior.htm>

Nota

Os fundamentos teóricos e os procedimentos terapêuticos utilizados pelo Dr. Joseph Nicolosi no tratamento da homossexualidade estão descritos no livro *Reparative Therapy of Male Homosexuality: A New Clinical Approach*, (sem tradução para o Português).

Análise Transacional

O destino baralha as cartas, e nos jogamos.

Arthur Schopenhauer, filósofo alemão.

Em seu livro *Eu Estou OK - Você Está OK*, o psiquiatra Thomas A. Harris afirma que a Análise Transacional (AT) tem ajudado os indivíduos que não se ajustam nem se conformam com as limitações e barreiras psicológicas da condição humana. A minha experiência e as pesquisas que realizei sugerem que essa abordagem terapêutica é adequada para o tratamento da homossexualidade.

O Dr. Harris explica que a AT confronta o paciente com o fato de ele ser o único e exclusivo responsável por seu futuro, independentemente do que tenha ocorrido no seu passado. Além disso, o terapeuta afirma que o indivíduo é colocado diante da possibilidade de se modificar, autocontrolar e autodirigir, fazendo-o descobrir a realidade da liberdade de escolha.

O objetivo da Análise Transacional é “capacitar uma pessoa a ter liberdade de escolha, a **se modificar quando quiser, a mudar suas reações a estímulos repetidos e novos**”.¹

O Dr. Harris lembra que a maior parte da liberdade de escolha é perdida ainda na primeira infância e que isso marca o início do *processo neurótico*, que se inicia com a perda da liberdade de mudar. Minha história e os relatos biográficos de muitos homossexuais demonstram que essa “perda” está presente na vida de praticamente todos os rapazes que em alguma fase da vida não conseguiram se desvencilhar da atração pelo mesmo sexo.

Minhas pesquisas sugerem que a AT pode ajudar as pessoas a mudar de orientação sexual em pelo menos três situações distintas. Em todas elas, é a vontade da pessoa que determina sua coragem para mudar; ou seja, não é o caso de alguém que pretende se ajustar à religião ou agradar à família e à sociedade em geral.

A primeira situação se refere ao caso de uma pessoa que acredita que **já sofreu demais** com as “especificidades” do comportamento homossexual e do *estilo de vida gay*. Ela precisa estar se sentindo sufocada, angustiada e atormentada pela atração por pessoas do mesmo sexo. Além disso, esta pessoa deve estar em busca de alívio para sua vida e precisa de muita disposição para mudar seus padrões mentais e comportamentos rotineiros. Nesse caso, ela pode encontrar na AT uma alternativa para modificar sua forma de pensar, sentir e agir.

Outra situação na qual a AT pode facilitar o processo de reorientação sexual acontece quando uma pessoa que não sofre nenhum conflito com a prática do homossexualismo começa a se sentir completamente **entediada da mesmice do mundo gay**. Essa pessoa já experimentou por algum tempo o que o estilo de vida gay oferece aos seus adeptos. Ela se sente plenamente satisfeita com as facilidades do comportamento homossexual. De repente, ela começa questionar o sentido desse estilo de vida e, subitamente, decide que quer mudar. Assim, sem nenhuma pressão externa e livre de qualquer conflito interior, ela busca alternativas para se livrar da atração pelo mesmo sexo porque não

suporta mais o **tédio** de sua condição homossexual. Nesse caso, a AT ajuda essa pessoa a modificar o que a está perturbando e desse modo ela pode mudar completamente sua forma de agir e reagir no mundo que a rodeia.

A terceira situação na qual a AT pode auxiliar na mudança de orientação sexual diz respeito ao caso em que uma pessoa psicologicamente ajustada e completamente satisfeita com a homossexualidade **descobre de maneira inesperada que é possível mudar sua orientação sexual**. Essa pessoa não vive sob nenhuma pressão para mudar sua condição sexual e se declara “bem resolvida” quanto à sua sexualidade, porém desconhece a existência de uma abordagem terapêutica segura para o tratamento da homossexualidade. Ao descobrir que existem alternativas viáveis para quem deseja deixar a homossexualidade, ela decide experimentar algumas dessas alternativas e tornar-se heterossexual.

As três situações que acabei de descrever acontecem com frequência nos consultórios de muitos terapeutas ao redor do mundo. Eu tenho muitas experiências para compartilhar com você sobre esse assunto, afinal, desde 2005, ajudo dezenas de homens a se livrarem da homossexualidade. Na maioria das vezes, eles se encaixam exatamente na terceira situação que eu descrevi. Minha experiência com esses homens será compartilhada com os leitores no meu próximo livro. Aguardem.

Nota

1 -Eu Estou OK- Você Está OK, pg. 71 e 72.

Terapia Centrada no Cliente

É melhor conhecer o paciente que tem a doença do que a doença que o paciente tem.

Hipocrates.

O psicólogo Carl Rogers é o criador da Terapia Centrada no Cliente. Ele diz que sua experiência na prática da psicoterapia e em grupos tornou-lhe impossível negar a realidade e significância do livre arbítrio humano. O terapeuta apresentou provas de que o nível de autoconhecimento de um indivíduo talvez seja o fator mais importante na previsão do seu comportamento. Nesse sentido, Hannah Arendt, filósofa alemã, dizia que “um primeiro passo do processo compreensivo consiste na desrealização das coisas que se apresentam aos nossos sentidos”.¹

O Dr. Rogers elaborou e experimentou uma teoria altamente rigorosa sobre o processo de mudança da personalidade e do comportamento. Ele mesmo declarou que sua descoberta revolucionou a maneira como ele via a si próprio e os homens ao seu redor. O Dr. Rogers acreditava que havia não apenas se tornado um homem inteiro, mas compreendido o que ele é. Ele dizia que havia descoberto que “um homem inteiro se compõe de cérebro, coração, alma, muque e testículos”.

A Terapia Centrada no Cliente atribui à percepção um papel central na formação do autoconceito e na escolha de alternativas de comportamento. Assim, essa psicoterapia se mostra adequada ao tratamento da homossexualidade, afinal, a atração pelo mesmo sexo e o comportamento homossexual parecem mesmo decorrer em grande parte da percepção que o indivíduo tem de si mesmo durante os anos críticos da puberdade.

O criador da Terapia Centrada no Cliente já desconfiava que sua abordagem terapêutica pudesse ser duramente atacada por alguns grupos políticos. Ele advertiu que é muito perigoso permitir que visões tiranas dominem a sociedade, porque em um governo autoritário, “os psicólogos humanistas, por colocar em foco a liberdade e a dignidade essenciais da pessoa humana e sua capacidade de autodeterminação, estariam entre os primeiros a serem encarcerados”.

Referência bibliográfica

- 1- As Duas Vozes, pg. 100.
- 2- O trabalho do Dr. Rogers está registrado em seu livro A Pessoa como Centro.

Tratamento da Neurose Homossexual

Parece que, quando você começa a ter desejos por pessoas do mesmo sexo, você tem várias atitudes, vários medos e várias neuroses.

Fabrizio Viana, psicólogo, homossexual assumido, militante gay e autor do livro *O Armário*.

O médico brasileiro Magnus Amaral Campos, formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), garante que pode tratar o que ele chama de *neurose homossexual* em apenas três encontros não-consecutivos.

Para o Dr. Magnus Amaral, a *neurose homossexual* é um conflito entre moral e desejo. Ele garante que é possível eliminar o desejo homossexual a partir da equalização entre razão e emoção

O Dr. Magnus atende a pessoas homossexuais há quase duas décadas e teve seu trabalho publicado pela Associação Paulista de Medicina (APM).

A APM publicou sem ressalvas o tratamento que o Dr. Magnus realizou na cura de pacientes homossexuais.

O Dr. Magnus lamenta a inexistência de propaganda “*boca-a-boca*” a respeito do seu tratamento. Apesar disso, ele entende que uma pessoa que se livrou da atração pelo mesmo sexo não tem motivo para se vangloriar do fato de não sentir mais desejos homossexuais.

O médico e psicanalista argentino Alberto Goldin também reconhece que, em muitos casos, a atração pelo mesmo sexo demonstra um desejo homossexual neurótico. Em seu livro “*Freud Explica*”, ele afirma, que “aquele que tem medo, que se angustia com a possibilidade de ser homossexual, é precisamente porque não é”.¹

Para o Dr. Alberto Goldin, o desejo neurótico tem mais probabilidade de levar o indivíduo ao suicídio do que a um ato homossexual. Desse modo, não há dúvida de que o portador de uma neurose homossexual deve ser tratado adequadamente por um profissional competente e merece toda a atenção dos órgãos oficiais de saúde. Afinal, o Dr. Luiz Mott afirmou com sabedoria que “impedir alguém de realizar sua verdadeira orientação sexual é tirania, crueldade, abuso de poder e desrespeito aos direitos humanos”.

Nota

1 -Freud Explica, pg. 96.

O Processo de Cura (The Process of Healing)

Ninguém pode ver nem compreender nos outros o que ele próprio não tiver vivido.
Hermann Hesse , poeta suíço.

Richard Cohen é mestre em Psicologia pela Antioch University e bacharel pela Universidade de Boston, EUA. Ele é psicoterapeuta e está entre os maiores especialistas mundiais no atendimento daqueles que desejam mudar a orientação sexual.

Há 17 anos o Dr. Cohen realiza atendimentos em consultório e conduz seminários nos Estados Unidos e na Europa. Ele é o autor dos livros *Coming Out Straight: Understanding and Healing Homosexuality* (algo como Tornando-se Heterossexual: Compreensão e Cura da Homossexualidade) e *Gay Children, Straight Parents: A Plan for Family Healing* (algo como Filhos Gays, Pais Heterossexuais: Um Plano para a Cura em Família).

Após quase duas décadas de experiência no atendimento a pessoas interessadas em mudar a orientação sexual, o Dr. Cohen desenvolveu uma abordagem compreensiva para a cura dos traumas que existem na personalidade do indivíduo, no que se refere à forma de se relacionar com os membros de ambos os sexos.

O processo terapêutico desenvolvido pelo Dr. Cohen está estruturado em princípios das terapias cognitiva e comportamental e consiste em uma seqüência de estágios que o indivíduo deve seguir com determinação e comprometimento pessoal.

O Dr. Cohen viveu na homossexualidade por muitos anos, mas mudou radicalmente sua orientação sexual. Ele ajuda centenas de pessoas a vencer a atração pelo mesmo sexo e garante que as pessoas podem e realmente se livram da homossexualidade e desenvolvem pensamentos, fantasias e desejos heterossexuais.

Fonte:

Adaptado do texto disponível em <http://www.gaytostraight.org/> em 19/06/2008

Nota

Os referenciais teóricos e os procedimentos terapêuticos do Processo de Cura estão registrados no livro *Coming Out Straight*, do Dr. Richard Cohen.

Filosofia Oriental

Tudo o que somos é resultado do que pensamos.

BUDA.

Para o filósofo e terapeuta Rildo Moraes, uma pessoa descontente com os pensamentos e desejos homossexuais demonstra que está em desarmonia consigo mesma. O terapeuta afirma que nesses casos a Terapia Oriental pode ajudar o indivíduo a realinhar sua energia sexual e alcançar uma condição psicológica harmônica e equilibrada.

De acordo com Rildo Moraes, os procedimentos terapêuticos da Filosofia Oriental possibilitam o acesso ao inconsciente do indivíduo, verificando os motivos que contribuíram para o desenvolvimento da atração pelo mesmo sexo. Ele explica que “é o acesso ao inconsciente que permite ao terapeuta identificar a possibilidade de reversão do quadro homossexual”.

Ainda de acordo com o terapeuta, as forças inconscientes da mente determinam quase 90% dos pensamentos, desejos e sensações humanas, e o acesso aos registros dessa parte da nossa mente permite, na maioria das vezes, que eles sejam analisados e reorganizados. Assim, extinguem-se idéias, sentimentos, comportamentos e atitudes que o próprio paciente acredita serem nocivas a seu bem-estar.

Rildo Moraes entende que a simples intenção de mudar a própria orientação sexual sugere que a homossexualidade seja causada por fatores exógenos que atuaram de maneira conflituosa com o psiquismo do indivíduo durante os anos cruciais do desenvolvimento da personalidade. O terapeuta recomenda que nesses casos seja analisada a história intrapsíquica do cliente para que ele possa escolher livremente o melhor caminho a seguir.

Fonte: Recebido por e-mail.

O Eneagrama

A estratégia de ontem foi o que nos possibilitou sobreviver até agora, mas uma nova estratégia deve ser criada se quisermos garantir nossa sobrevivência no futuro.

Paul Levesque, lutador estadunidense.

O Eneagrama (do grego *Ennea*, nove, e *grammos*, figura ou desenho) é um poderoso método de autoconhecimento desenvolvido há milhares de anos. Esse método considera que os seres humanos podem perder suas virtudes a partir do desenvolvimento de nove padrões distintos de comportamentos.

De acordo com os especialistas, o Eneagrama parte do princípio de que todos nós, em algum momento da vida, provavelmente na infância, desenvolvemos estratégias de sobrevivência que dificultaram ou até evitaram a experiência com sentimentos desconfortáveis, como a dor e a rejeição. Entretanto, na idade adulta, quando tais estratégias não eram mais necessárias, tornou-se difícil abandonar o antigo padrão de comportamento. Assim, os vícios emocionais desenvolvidos na infância passaram a contaminar vários aspectos da personalidade, tais como atitudes, crenças, relações sociais e até **comportamentos sexuais**.

O sociólogo Alaor Passos, professor do Departamento de Educação da Universidade de Brasília (UnB), e especialista no uso do Eneagrama. Ele afirma que não se trata de um sistema de adivinhação, não é um sistema de crença, nem uma doutrina. De acordo

com o professor, esse método é rigorosamente científico, pelo menos dentro dos padrões filosóficos orientais.¹

Muitos especialistas consideram que a homossexualidade seja um tipo de fixação do indivíduo em alguma fase infantil ou adolescente do desenvolvimento da personalidade. Além disso, inúmeros homossexuais confessam que durante a infância ou adolescência permaneceram afastados de seus companheiros do mesmo sexo e do universo masculino. Medo, vergonha, insegurança, desprezo e complexos mantiveram essas pessoas afastadas dos outros e isoladas em si mesmas. Isso sugere que o Eneagrama possa ser útil para ajudá-las a se libertarem da fixação e da paixão homossexual que elas desenvolveram como uma maneira de se defenderem das ameaças do ambiente em que foram criadas.

O Dr. Alair Passos garante que o Eneagrama descreve com precisão os comportamentos humanos e aponta caminhos alternativos para que uma pessoa possa superar atitudes indesejadas. Nesse contexto, um indivíduo insatisfeito com sua homossexualidade pode lançar mão do Eneagrama para se livrar de modo rápido e prático da atração pelo mesmo sexo. Além disso, como dizia Gurdjieff², “é um grande erro acreditar que o ser humano se mantém uma unidade constante. Ele muda continuamente”.³

Notas

1-Recebido por e-mail.

2- George Ivanovich Gurdjieff, místico armênio especialista em Eneagrama.

3- Quem é Você? 101 Maneiras de Ver a Si Mesmo, pg. 76.

Movimento de Apoio

Muito débil é a razão se não chega a entender que há muitas coisas que a ultrapassam.

Blaise Pascal

O Movimento de Apoio é formado por instituições religiosas e ajuda qualquer pessoa que se identifique com os princípios espirituais que elas apregoam. Existem centenas de organizações ao redor do mundo que integram o Movimento de Apoio e contribuem para que milhares de pessoas se livrem da atração pelo mesmo sexo. Dentre essas organizações, a Exodus Internacional é a que mais se destaca na mídia mundial.

Conforme noticiou a revista *Veja* em 2001, a Exodus Internacional já teria atendido 300.000 pessoas. Ainda de acordo com a revista, o tratamento da homossexualidade por meio dos procedimentos terapêuticos utilizados pela Exodus Internacional apresenta um “índice de sucesso (isto é, sem recaídas) de 30%, com aconselhamento teológico e instrumentos de auto-ajuda baseados em grupos como os Alcoólatras Anônimos”.¹

No Brasil, as instituições mais atuantes nessa área são: Exodus Brasil, Grupo de Amigos (GA), Luz na Noite, Ágape e Associação de Apoio ao Ser Humano e à Família (Abraceh).

Ao contrário do que se costuma imaginar, os líderes das entidades que fazem parte do Movimento de Apoio não são fundamentalistas nem radicais. Eles admitem que existem muitas alternativas para quem deseja vencer a atração pelo mesmo sexo. Alan Cham-

bers, por exemplo, líder da Exodus Internacional, acredita que a mudança de orientação sexual esteja disponível para todos aqueles que a desejarem e que isso não depende necessariamente da religião de cada pessoa. Apesar disso, lamentavelmente, o Movimento de Apoio encontra sérias restrições para atuar em nosso país.

Algumas Organizações Não-Governamentais (ONGs) perseguem, ameaçam e difamam as instituições que integram o Movimento de Apoio no Brasil e no mundo. Os líderes dessas ONGs não admitem que alguém possa mudar de orientação sexual. Eles acusam o Movimento de Apoio de enganar os homossexuais mediante a promessa de “cura” para a homossexualidade.

A atuação dessas ONGs não se restringe apenas a combater o Movimento de Apoio. Na verdade, qualquer iniciativa pública ou privada que vise a divulgar a possibilidade de mudança da orientação sexual recebe, imediatamente, a repulsa e o escárnio dessas organizações.

Até mesmo os roteiristas de telenovelas são vítimas da ignorância dessas ONGs. Recentemente, Agnaldo Silva, da Rede Globo, foi severamente criticado pela militância gay por inserir em sua novela um personagem gay que se apaixonou por uma mulher. Para Marco Trajano, do Movimento Gay de Minas Gerais (MGM), o personagem de Agnaldo Silva poderia reforçar a idéia “equivocada” de que seja possível reverter a homossexualidade.²

Felizmente, Agnaldo Silva é homossexual assumido, mas não é ignorante. Ele rebateu as críticas do MGM com a seguinte frase: “As pessoas se apaixonam por pessoas, sejam elas de que sexo for... Não acredito nessa coisa de comportamentos estanques”.³

O escritor Nelson Luiz de Carvalho parece concordar que sexualidade não é algo estático e definitivo. Em seu livro *O Terceiro Travessero*, ele conta a história de Renato e Marcus, dois rapazes que experimentaram um frenético relacionamento homossexual. Eles enfrentaram o preconceito e a discriminação de seus familiares e decidiram viver juntos para sempre. Apesar disso, assim que a jovem Beatriz, ex-namorada de Renato, entra em cena, Marcus se envolve sexualmente com ela e juntos tem um filho. Subitamente, o jovem que se dizia homossexual passa a acreditar que é bissexual e declara: “Por que será que não consigo resistir aos carinhos dessa garota?”⁴ Além disso, ele assume que, sexualmente, a ex-namorada do seu parceiro lhe dava muito prazer.

A autobiografia de Pedro Almeida, um homossexual assumido, também confirma a flexibilidade da orientação sexual. Em seu livro *Desclandestinidade*, ele diz que teve sua primeira experiência sexual aos dezenove anos, com a empregada. Algum tempo depois, o escritor encontrou uma mulher e levou-a para um motel. Em suas palavras, ele declarou: “foi uma noite e tanto. Nunca pensei que sexo fosse tão bom. Todos os meus receios de virilidade e masculinidade haviam caído por terra. Estava bastante seguro, não era para menos: chegávamos a ter seis relações numa noite”.⁵

O fato de que nem todas as pessoas conseguem se livrar da homossexualidade por meio dos procedimentos terapêuticos utilizados pelo Movimento de Apoio constitui o argumento preferido daqueles que acreditam que a homossexualidade seja imodificável. Geralmente, eles fundamentam suas conclusões a partir das histórias de “ex-gays” que voltaram as práticas homossexuais mesmo depois de participar de alguma instituição do Movimento de Apoio.

Além da patente irracionalidade do argumento das ONGs que duvidam da possibilidade de mudança da orientação sexual, existem estudos científicos que

comprovam a eficácia da abordagem terapêutica utilizada pelas instituições do Movimento de Apoio no tratamento da homossexualidade. Você conhecera alguns desses estudos neste livro e verá que a ciência reconhece que a homossexualidade não é irreversível. Além disso, você já sabe que especialistas como o Dr. Luiz Mott e a Dr^a. Marta Suplicy reconhecem que é possível mudar a orientação sexual.

Notas

1-Disponível em http://veja.abril.com.br/160501/p_122.html, em 06/06/08.

2 e 3 - Revista Veja nº 2033, de 7/11/2007.

4-O Terceiro Travesseiro, pg. 142 e 143.

5- Desclandestinidade, pg. 33.

Mudança espontânea

Se não pudermos ter certeza de realizar tudo aquilo que nossos pensamentos e ações aspiram, subentende-se também que não podemos ter certeza de que não conseguiremos realizá-lo.

Steve Fuller, Escritor Estadunidense

Em outubro de 2007, a revista *Mente e Cérebro* dedicou 26 páginas de sua edição nº 165 ao seguinte tema: *Homossexualidade: existe escolha?*. Os aspectos que a revista destacou nessa reportagem estão presentes neste livro. Além disso, *Mente e Cérebro* noticiou o caso de um jovem que, mesmo depois de alguns anos vivendo “maritalmente” com um companheiro do mesmo sexo, mudou radicalmente a orientação sexual. E a mudança não foi provocada por terapias ou experiências religiosas. Aconteceu espontaneamente.

Esse tipo de mudança da orientação sexual acontece há muito tempo. O Dr. Joseph Wolpe, professor de Psiquiatria da Escola de Medicina da Universidade de Temple e do Instituto Psiquiátrico da Pensilvânia, Estados Unidos, em seu livro *Prática da Terapia Comportamental*, descreveu o caso de um cabeleireiro de 32 anos que mudou espontaneamente seu desejo sexual. O Dr. Wolpe denominou seu paciente como “Sr. R”¹

De acordo com o relato do Dr. Wolpe, o paciente procurou ajuda psiquiátrica depois de sucessivos fracassos na tentativa de se livrar dos impulsos e práticas homossexuais corriqueiras. Ele havia tentado, sem sucesso, vencer a homossexualidade por meio de conselhos e práticas religiosas. Não funcionou. O Sr. R queria mudar a orientação sexual porque a homossexualidade lhe causava vergonha mas, até aquele momento, ele jamais havia experimentado qualquer relacionamento heterossexual.

O Dr. Wolpe não aceitou ajudar seu paciente a vencer a atração pelo mesmo sexo. O psiquiatra estava convencido pelos estudos de Kallman (1952) de que a homossexualidade era uma condição genética, portanto, inalterável por meio da sua Terapia Comportamental. Apesar disso, o Dr. Wolpe se dispôs a ajudar o Sr. R a vencer problemas de relacionamento interpessoal.

Pouco depois de vencer seus problemas de relacionamento com as outras pessoas, o Sr. R procurou o Dr. Wolpe e lhe disse haver encontrado um homem com o qual estava

mantendo um relacionamento sexual e afetivo de maneira estável e equilibrada, porém, há algum tempo, estava com dificuldades para satisfazer sexualmente seu parceiro. Embora tivesse experimentado relações homossexuais com outros parceiros, ele falhou da mesma maneira que havia falhado com seu namorado. O cabeleireiro disse ainda que, depois de muitas tentativas frustradas, já não mais suportava sequer ser tocado por outro homem. Assim, espontaneamente, ele percebeu que seu interesse por pessoas do mesmo sexo havia desaparecido completamente.

O Dr. Wolpe acompanhou a mudança do Sr. R durante três anos (1955-1957) e destacou que ele “continuava livre de relações neuróticas, permaneceu totalmente heterossexual e começou a estudar Administração de Empresas”.

Em 1959, o Sr. R escreveu uma carta ao Dr. Wolpe e lhe disse que estava casado com uma mulher e em breve seria pai.

Para o Dr. Wolpe, uma análise completa da história do Sr. R demonstra que sua experiência antes, durante e depois da homossexualidade, aconteceu da seguinte maneira:

A instigação do comportamento afirmativo, abrangendo amplamente indivíduos [de ambos os sexos], levou a uma extinção de seu temor pelas pessoas. Quando isto foi conseguido, ele foi capaz de avaliar o mundo de homens e mulheres sem ansiedade e a preferência pelas mulheres surgiu espontaneamente - uma preferência talvez estabelecida por fatores sociais em sua infância.

O Dr. DJ. West, da Universidade de Minnesota, em seu livro *Homosexuality Re-examined*² (A Homossexualidade Reexaminada), expõe uma revisão criteriosa de literatura sobre o homossexualismo e afirma que existem estudos sérios e formalmente documentados que demonstram os casos de homossexuais que mudaram sua orientação sexual de maneira espontânea.

Lamentavelmente, a mudança espontânea da orientação sexual é um fenômeno pouco examinado por cientistas e terapeutas. Ao que parece, a maioria desses estudiosos preferem ignorar um fenômeno para o qual eles não têm explicação. Assim, os casos extraordinários de pessoas que mudaram da homossexualidade para a heterossexualidade permanecem quase inexplorados porque fogem ao “padrão” das abordagens terapêuticas tradicionais. É realmente lamentável que muitos pesquisadores prefiram ignorar esses casos ao invés de estudá-los.

Você pôde ver que é possível mudar a orientação sexual até mesmo sem a ajuda de qualquer terapia ou experiência transcendental. Assim, é razoável acreditar que se a pessoa interessada em se livrar da homossexualidade receber ajuda de terapeutas competentes, sua chance de sucesso aumentara consideravelmente. Afinal, o fato empírico de quem venceu a homossexualidade deve merecer muito mais credibilidade do que qualquer abjeção teórica de quem se acha “especialista” em sexualidade humana e nega que as pessoas podem mudar a orientação sexual.

Notas

- 1- Prática da Terapia Comportamental, pg. 292 a 300.
- 2- University of Minnesota Press, 1977.

Análise Multifocal

Muito mais grave que uma enfermidade incurável é um pensamento imodificável.

Helena Blavatsky

A Análise Multifocal é uma abordagem profunda e completa da homossexualidade masculina. Ela é indicada apenas para indivíduos que estejam **absolutamente** decididos a vencer a atração pelo mesmo sexo e a desenvolver a atração pelo sexo oposto.

Essa abordagem terapêutica foi desenvolvida a partir da minha experiência pessoal antes, durante e depois da homossexualidade. Além disso, estão inseridas nesse método de tratamento as concepções teóricas apresentadas neste livro.

O pressuposto fundamental da Análise Multifocal consiste na idéia de que a atração pelo mesmo sexo decorre exclusivamente da percepção equivocada do indivíduo quanto à própria sexualidade. Desse modo, esse método racional e objetivo visa primeiramente a capacitar o cliente a desenvolver uma percepção adequada de si mesmo e dos atributos masculinos existentes em sua própria personalidade. Em seguida, os procedimentos terapêuticos recomendados pelo Analista Multifocal contribuem para que o indivíduo desenvolva os pensamentos, habilidades, comportamentos e atitudes masculinas que ele mesmo deseja possuir.

A característica principal da Análise Multifocal consiste no seu caráter altamente diretivo, ou seja, o analista **determina** o que o indivíduo deve fazer para mudar a orientação sexual. Além disso, o analista monitora e gerencia o progresso do cliente. As recomendações do terapeuta devem ser seguidas integralmente. Afinal, o terapeuta apenas indica o “caminho das pedras” ao cliente. Portanto, o sucesso da travessia da homossexualidade para a heterossexualidade depende da inteligência, humildade, assertividade e perseverança do indivíduo que decide mudar a orientação sexual.

Embora pareça pouco ortodoxa, a Análise Multifocal parte do pressuposto de que as pessoas adultas são livres para estabelecerem acordos e concessões mútuas. Desse modo, os únicos princípios éticos que influenciam na aplicação da Análise Multifocal são aqueles definidos pelo Analista e seu cliente. Além disso, há consenso entre os especialistas que a vontade do cliente, a habilidade do terapeuta e a relação entre ambos são mais importantes para o sucesso da terapia do que os valores morais reconhecidos e aceitos pela sociedade.

A melhor alternativa para a mudança

A única coisa que se coloca entre um homem e o que ele quer na vida é simplesmente a vontade de tentar e a fé para acreditar que aquilo é possível.

Richard Devos

Especialistas estudaram a eficácia de centenas de escolas de psicoterapias diferentes e chegaram à conclusão de que todas elas são igualmente úteis aos pacientes. Esse estudo é mencionado por Alan Deutschman em seu livro *Mude ou Morra*. Os especialistas descobriram que em todos os casos analisados havia um denominador comum: “a crença e a expectativa de que conseguiriam superar suas dificuldades”.¹

Para Alan Deutschman, a descoberta dos pesquisadores demonstrou que abordagens terapêuticas alternativas podem ser tão eficazes quanto as psicoterapias “tradicionais”. Ele acredita que “um pastor e uma congregação, um xamã e a tribo reunida em uma aldeia amazônica, ou um terapeuta e uma sessão de terapia em grupo - todos poderiam animar igualmente uma pessoa angustiada”.²

A idéia do escritor Allan Deutschman quanto à eficiência dos terapeutas encontra respaldo no pensamento do psicólogo clínico estadunidense Scott Miller. Para o Dr. Miller, ainda que a atuação do terapeuta seja ineficiente, “depende do cliente, e de suas habilidades heróicas, levantar-se contra as coisas horríveis que lhe aconteceram”³

Como você pôde ver, existem muitas abordagens terapêuticas para facilitar o tratamento da homossexualidade. Algumas abordagens podem parecer “estranhas” ou demasiadamente “alternativas”. Apesar disso, estudos científicos comprovam que qualquer uma delas pode ajudar as pessoas a mudarem com sucesso a orientação sexual.

Segundo noticiou a revista *Superinteressante*, pesquisadores da Universidade de Leeds, na Inglaterra, estudaram quase 6.000 pacientes que passaram por 3 tipos de terapia: cognitiva-comportamental, psicodinâmica e centrada na pessoa. O resultado desse estudo foi publicado em 2007 e a conclusão dos pesquisadores é de que, em eficácia, as 3 abordagens terapêuticas são equivalentes.⁴

Em pronunciamento recente, o Dr. Reuben Fine, Diretor do Centro de Treinamento Psicanalítico de Nova Iorque, afirmou que **o homossexualismo pode ser tratado por virtualmente todos os tipos de terapias**. Ele acredita que se os pacientes forem motivados, seja qual for o procedimento adotado, uma grande porcentagem abandonará a homossexualidade.

Para o Dr. Fine, **a comunidade científica deveria divulgar as abordagens terapêuticas para tratamento da homossexualidade e, assim, contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que sofrem com a atração pelo mesmo sexo**. Ele adverte que os equívocos espalhados por certos grupos de que “o homossexualismo é intratável pela psicoterapia” provocam prejuízos incalculáveis a milhares de homens e mulheres.

A advertência do Dr. Fine quanto à inexatidão das informações que se propagam a respeito da homossexualidade demonstra que o tema deste livro é relevante e atual. Assim, espero que um número cada vez maior de estudiosos se disponha a pesquisá-lo e a divulgar os resultados de suas pesquisas.

Embora a maioria das pessoas ainda acredite no mito de que a homossexualidade seja inata e imutável, você não pode mais fazer parte do grupo que pensa dessa maneira. Você já sabe a verdade sobre a homossexualidade e as alternativas disponíveis para quem deseja mudar a orientação sexual. Se você está interessado em vencer a atração pelo mesmo sexo, ouça a este conselho: “siga corajosamente seu caminho, pois agora se afastou a dúvida que o assaltava nas horas de fraqueza e o levava a perguntar-se se não estava querendo o impossível”.⁵

Notas

1 e 2 - *Mude ou Morra*, pg. 30.

Análises científicas dos casos de mudança

Não há oposição entre Ciência e Religião. Apenas há cientistas atrasados, que professam idéias que datam de 1880.

Albert Einstein

O número de pessoas que se declaram ex-gays cresceu muito desde o início da década de 70. Esse fenômeno está sendo estudado por especialistas em todo o mundo e, ao que parece, os resultados desses estudos demonstram que a mudança de orientação sexual é um fato que não pode mais ser ignorado por ninguém.

Lamentavelmente, os casos de pessoas que mudaram a orientação sexual recebem pouquíssima atenção da mídia, e por isso os mitos sobre a homossexualidade dominam o imaginário da sociedade em geral. Apesar disso, alguns estudos científicos estão disponíveis para quem deseja conhecer os fatos sobre esse tema.

Pesquisas internacionais

Em seu livro *Ex-gays? A Longitudinal Study of Religiously Mediated Change in Sexual Orientation* (algo como Ex-gays? Um Estudo Longitudinal da Mudança de Orientação Sexual por meio da Religião), os psicólogos Stanton Jones e Mark Yarhouse, ambos da Wheaton College, EUA, examinaram dezenas de casos de pessoas que se declaram *ex-gays* e que atribuem essa mudança a algum tipo de experiência transcendental.

Os pesquisadores da Wheaton College analisaram uma amostra significativa de indivíduos que se submeteram a processos para mudança da orientação sexual na Exodus International, uma organização com sede nos Estados Unidos e filiais em centenas de países ao redor do mundo.

Os psicólogos confessaram estar surpresos com o fato de que um grupo de pessoas “realmente gays” apresentou os casos mais nítidos de mudança de identidade e de atração sexual. Eles afirmam que seus estudos apresentam **sólidas evidências de que a orientação sexual é mutável** para alguns indivíduos e que **esse fato deveria provocar um novo exame por parte dos especialistas no que se refere às idéias a respeito da orientação sexual e da identidade sexual das pessoas.**

Os pesquisadores da Wheaton constataram que os indicadores de eficácia dos métodos da *Exodus* para a mudança de orientação sexual são equivalentes aos índices alcançados por terapias para a recuperação de dependentes de drogas e para a resolução de problemas conjugais.

A pesquisadora estadunidense Tanya Erzen, da Universidade de Ohio, estudou por 18 meses muitos casos de pessoas que se declaram “curados” do homossexualismo a partir da experiência vivida no New Hope Ministry, um programa de reorientação sexual sediado em San Rafael, Estados Unidos.

A Dr^a. Tanya Erzen destaca que os *ex-gays* que se submetem a um processo de conversão não têm uma linha de chegada específica. Eles estão conscientes de que a mudança envolve os desejos, comportamentos e identidades que nem sempre se alinham perfeitamente ou permanecem estáticas. Além disso, eles consideram que estão reconstituídos sexualmente e acreditam que, ainda que alguns desejos homossexuais permaneçam por anos, não podem afetá-los. Os *ex-gays* afirmam possuir uma nova identidade espiritual e acreditam na promessa de que o relacionamento adequado com o Ser Superior e com os outros homens os transformará completamente.¹

Embora não sejam tão conhecidos quanto as histórias das pessoas que não conseguiram mudar a orientação sexual, muitos casos de sucesso são noticiados pela imprensa internacional. Há algum tempo, a revista *Psychology Today* publicou a história de Steve Simmons, um homem de 38 anos que venceu a atração pelo mesmo sexo e hoje desfruta de uma vida heterossexual equilibrada.

Casos como o de Steve Simmons não são exceções quando se trata das experiências de pessoas que conseguem efetivamente se livrar da homossexualidade. Um estudo científico publicado há poucos anos pela mídia do mundo inteiro pode ser a maior prova da autenticidade dessas experiências. Nesse estudo, o psiquiatra Robert Spitzer, da Universidade de Columbia, Estados Unidos, constatou que as pessoas podem e mudam a orientação sexual.

Ao comentar o estudo do Dr. Spitzer, a revista *Veja* destacou que o psiquiatra contrariou a tradição e eletrizou o congresso da Associação Americana de Psiquiatria ao apresentar sua pesquisa sobre os *ex-gays*. De acordo com *Veja*, a apresentação do Dr. Spitzer causou grande repercussão ao demonstrar evidências de que os homossexuais podem tornar-se heterossexuais se estiverem suficientemente motivados para isso.²

De acordo com *Veja*, a conclusão do Dr. Spitzer está fundamentada no resultado de uma pesquisa realizada com 200 homossexuais que procuraram ajuda para mudar de orientação sexual. Ainda de acordo com a revista, os dados da pesquisa confirmam que 66% dos homens e 44% das mulheres conseguiram de fato.³

Antes que alguém imagine que o Dr. Spitzer faça parte de alguma organização *homofóbica*, é importante ressaltar que para a revista *Veja* ele é um cientista “acima de qualquer suspeita de animosidade anti-gay”. A revista destacou que o Dr. Spitzer leciona em uma das maiores universidades dos Estados Unidos e foi presidente da comissão de especialistas que retirou o homossexualismo da lista de doenças mentais da Associação Americana de Psiquiatria, no início dos anos 70.

Veja destacou ainda que os psiquiatras ficaram impressionados com a pesquisa do Dr. Spitzer porque “desde os anos 70 a Psiquiatria americana aceitou como **dogma** a tese de que terapias para mudar a orientação sexual carecem de bases científicas”.⁴

É importante atentar para o fato de que os psiquiatras aceitaram o “dogma” de que a homossexualidade era imutável e, assim, retiraram-na da lista de doenças mentais. Nesse caso, é importante que se tenha em mente que a postura intelectual daqueles profissionais não pode ser chamada de “cética”, afinal, como diz o professor Jaimir Conte, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), o ceticismo “não duvida dos fenômenos, daquilo que aparece, mas apenas daquilo que se afirma dogmaticamente para além dos fenômenos”. Assim, um verdadeiro cético jamais duvidaria que muitas pessoas podem e mudam a orientação sexual.

Em entrevista à BBC de Londres, o Dr. Spitzer reconheceu que nos últimos 30 anos, os psiquiatras acreditaram que “todos os esforços para mudar a orientação sexual

fracassariam”. Apesar disso, ao participar de um encontro em que havia alguns ex-gays, ele ouviu o relato de pessoas que mudaram a orientação sexual e decidiu que aquilo deveria ser investigado.

Depois de investigar a experiência de centenas de ex-gays, o Dr. Spitzer constatou que **essas pessoas não mudaram apenas de comportamento, mas se livraram do desejo homossexual.**

A conclusão da pesquisa realizada pelo Dr. Spitzer está de acordo com as análises do Dr. Stanton Jones, professor de Psicologia da Wheaton College, nos Estados Unidos. Ele constatou que todos os estudos científicos sobre a experiência dos ex-gays comprovaram que muitos indivíduos mudam a orientação sexual completamente.

Estudos brasileiros

Cientistas brasileiros também têm pesquisado os casos de mudança de orientação sexual intermediada por experiências transcendentais.

Em sua tese de doutorado *Conversão ao Pentecostalismo e Alterações Cognitivas e de Identidade*, a Dr^a. Hulda Stadler afirma que após a conversão, as pessoas percebem a si mesmas mudadas em pelo menos dois diferentes aspectos.

O primeiro aspecto observado pela Dr^a. Stadler são os traços de personalidade, tais como o temperamento, por exemplo. Em segundo lugar, ela constatou que os *novos convertidos* mudam o senso de identidade social. Nesse segundo aspecto, ainda de acordo com a Dr^a. Stadler, incluem-se os vínculos comunitários, sentimentos de pertinência, papéis desempenhados, percepções do mundo para fora do grupo religioso.

A Dr^a. Hulda Stadler constatou que “o ponto inicial das alterações é estar convencido por um novo ‘sistema cognitivo’ de que além de promover uma identidade forte é mais poderoso para explicar as adversidades da vida cotidiana”.

A pesquisadora lamenta o fato de que **as mudanças cognitivas que os movimentos religiosos promovem são pouco exploradas.** Ela cita o caso do *Pentecostalismo* e destaca que essa prática religiosa “trabalha para transformar as mentes das pessoas pela reconstrução, com elas, da realidade (raciocínio), e isto provoca, por sua vez, mudanças nas formas de interação dos seguidores com o mundo ao redor”.

A Dr^a. Hulda Stadler concluiu que, na experiência religiosa dos evangélicos pentecostais, uma distinção metodológica entre crença e razão marca o modelo intelectual das pessoas que experimentam esse tipo de transformação espiritual. Ela destaca que esse modelo é marcado também por experiências controladas, as quais se preocupam com a exclusão do “inapropriado” e da influência pessoal na construção do conhecimento.

A constatação da Dr^a. Hulda Stadler quanto aos *ex-gays* brasileiros é similar ao que a Dr^a. Tanya Erzen observou entre os estadunidenses que venceram a homossexualidade.

O professor Marcelo Natividade também analisou a história de muitos *ex-homossexuais* brasileiros. Ele publicou na Revista Brasileira de Ciências Sociais um artigo intitulado *Homossexualidade, Gênero e Cura em Perspectivas Pastorais Evangélicas*. Ele destacou em seu artigo que “no sentido pentecostal, ser livre não significa seguir os impulsos e desejos individuais, mas, ao contrário, viver a Palavra, segundo a ética e as determinações de Deus”.

Ao analisar especificamente a questão da *restauração sexual*, Marcelo Natividade observou que esse aspecto da conversão religiosa “circunscreve um ideal a ser atingido:

a adequação a um modelo de gênero condizente com o ideal de homem e mulher de Deus”.

Ainda de acordo com Marcelo Natividade, os líderes espirituais aconselham as pessoas interessadas na restauração sexual a empreender quatro atitudes distintas: livrar-se de padrões mentais negativos, reprogramar a mente, buscar a renovação mental e substituir as informações erradas.

As considerações finais do professor Marcelo Natividade são surpreendentes para quem pensa que a ciência esteja fechada para a possibilidade da reorientação sexual. Ele concluiu que “seja como for, a homossexualidade não se localiza fundamentalmente no orgânico, mas nas memórias e nas experiências vividas, o que sugere a interpenetração entre Psicologia e religião”.

Existem ainda outros casos noticiados pela imprensa brasileira de pessoas que mudaram sua orientação sexual. A edição de outubro de 2006 da revista *Mente e Cérebro* descreve um desses casos e contribui para desmistificar esse tema. Além disso, a experiência do militante gay mais importante do Brasil confirma os casos de mudança da orientação sexual.

Em seu livro *Crônicas de um Gay Assumido*, o Dr. Luiz Moott afirma:

*Nossa convivência com milhares de homossexuais, por mais de 22 anos seguidos, demonstra que, embora raros, há casos documentados e conhecidos de rapazes que após muitos anos praticando o homoerotismo, mudaram radicalmente de vida; optaram exclusivamente pela heterossexualidade.*⁵

Espiritualidade e transformação pessoal

A análise conjunta da Psicologia e da religião tem sido sugerida por muitos pensadores ao longo dos séculos. Teilhard de Chardin, por exemplo, propôs que a tensão entre a ciência e a fé não deveria ser resolvida em termos de eliminação ou dualidade. Ele acreditava que essa tensão poderia se resolver por meio de uma síntese.

Até mesmo o biólogo americano Richard Dawkins reconhece que a fé pode ajudar as pessoas a resolverem problemas pessoais complexos. Embora seja o líder intelectual do movimento *pró-atéismo*, ele afirma que “as curas pela fé podem funcionar em alguns casos”.⁶

De igual modo, André Comte-Sponville, filósofo francês declaradamente ateu, reconhece a importância da espiritualidade na vida das pessoas. Em seu livro *O Espírito do Ateísmo*, ele declara: “a espiritualidade é importante demais para que a entreguemos aos fundamentalistas”.⁷

As declarações de Dawkins e Comte-Sponville demonstram que ignorar completamente a espiritualidade não é uma idéia racional. Como afirmou a escritora espírita Elizabeth Carvalho, “duvidar da existência do espírito é duvidar da existência de si próprio”.

Para que não reste nenhuma dúvida quanto à importância da espiritualidade na compreensão do comportamento humano, basta lembrar que até mesmo o cientista Albert Einstein acreditava que o sentimento religioso cósmico seja o mais forte e o mais nobre estímulo a pesquisa científica.

Além de estimular a pesquisa científica, o sentimento religioso ajuda as pessoas a vencer suas próprias limitações. Esse fato é conhecido há muito tempo por sábios e pensadores de varias partes do mundo. O filósofo Spinoza, por exemplo, sabia que os

fatos perturbadores do cotidiano ficam menos complicados se forem vistos sob a perspectiva da eternidade.

Se alguém ainda tiver alguma dúvida quanto à influência da espiritualidade na maneira pela qual as pessoas enfrentam e superam suas dificuldades psíquicas, só tem um jeito de descobrir a verdade: pela experiência. E por isso que o psiquiatra Thomas A. Harris afirmava que uma experiência transcendental pode não ser facilmente descrita em palavras. Apesar disso, ele acreditava que ela poderia ser objetivamente validada pelo efeito produzido na vida de uma pessoa

Notas

1 - Straight to Jesus: Sexual and Christian Conversions in the Ex-gay Movement-Universidade da Califórnia.

2, 3 e 4 - Revista Veja, de 16/05/2001.

5- Crônicas de um Gay Assumido, pg. 106.

6- Deus: Um Delírio, pg. 220.

7- Revista Mente e Cérebro n° 183.

Armários revirados

Apenas quando somos instruídos pela realidade é que podemos mudá-la.

Bertold Brecht

Existe uma extensa literatura que comprova a existência de inúmeros casos de mudança da orientação sexual. Esse fato é reconhecido e destacado pelo Dr. Luiz Mott em seu livro *Crônicas de um Gay Assumido*. Veja a seguir uma pequena amostra das evidências que descrevem detalhadamente a maneira pela qual muitos homens conseguiram se livrar da homossexualidade e desenvolveram a atração pelo sexo oposto.

O jornal *O Globo* publicou recentemente: “Ex-travestis se tornam pastores de igrejas evangélicas”.¹ Nessa reportagem, o jornal destacou a experiência de homens que não apenas assumiram a homossexualidade, mas alteraram seus corpos por meio de hormônios e injeções de silicone. Apesar disso, a história desses indivíduos demonstra que a homossexualidade não é uma condição inalterável.

Pedro Santana, um dos ex-travestis entrevistados pelo jornal, era conhecido na noite paulistana como “Natasha”. Ele diz que tomava uma cartela de anticoncepcional por dia e injetava silicone líquido no próprio corpo, mas sua “exuberância feminina” sumiu apenas com exercícios físicos e dieta. Assim, ele “voltou a ser homem” e, atualmente, aos 48 anos, vive com sua esposa Antonia e seus três filhos: Daniel, de 20; Debora, de 18; e Samuel, de 15.

O Globo destacou que Pedro compartilha sua história no Brasil e em outros países, inclusive o Japão. O jornal ressaltou que hoje “ele é gordinho e usa bigode, mas continua dando show”.

O ex-travesti Luiz Emílio da Silva também não conseguiu guardar para si mesmo sua experiência no homossexualismo. Em seu livro *Uma Vida Transformada: Confissões de*

um ex-travesti, ele descreve em detalhes o processo pelo qual atravessou até que sua identidade de gênero fosse completamente transformada.²

Mauro Marchiori, outro ex-travesti, revelou recentemente o drama que ele viveu na homossexualidade. De acordo com o seu relato, ele vivia para satisfazer seus impulsos. Sentia-se livre, deixava fluir os desejos do seu coração e, em nome da “independência homossexual”, abandonou a família, os estudos e a vida social. Ele diz ainda que passou a ser um “escravo do temporal fascínio do prazer” e esse fascínio o consumia um dia após o outro. Quando lhe ofereceram uma oportunidade para mudar, ele duvidou. “Como poderia dar um novo rumo à minha vida aquela altura?”, ponderou. Ele confessou que já havia tentado mudar, mas não conseguia se livrar do que acreditava ser uma “tendência”. Apesar de tudo isso, ele conseguiu. Atualmente, ele entende que o homossexualismo era um “grande buraco” em sua vida, mas reconhece que não se tratava de algo insolúvel. Em suas próprias palavras, ele declara: “hoje não preciso mais de máscaras para aparentar nada que eu não seja realmente”.²

De acordo com o relato de Mauro Marchiori, as mudanças interiores tem sido maiores e de maior impacto para os que me cercam. Ele diz que ainda se surpreende ao comparar sua vida presente com a identidade que possuía no passado.

O conferencista Paulo de Andrade é um exemplo interessante de mudança de orientação sexual. Ele também foi travesti e durante alguns anos atuou como “madrinha” da bateria de uma escola de samba. Há 8 anos a “*Paulinha*” deixou de existir e o público observa atualmente um homem másculo de muito vigor e assertividade que divulga sua experiência para platéias atentas do Brasil e do exterior. Paulo de Andrade, 36 anos, é noivo de uma bela mulher e hoje garante: “É impossível, para mim, voltar a ser o que eu era antes”.³

João Carlos Xavier, outro ex-travesti, em seu livro *O Dia em que Nasci de Novo*, descreve seu envolvimento com o homossexualismo e a maneira pela qual ele conseguiu mudar o rumo da própria vida. Hoje, casado e pai do jovem João Felipe, ele vive com sua família no Rio de Janeiro. A história de João Carlos Xavier e de muitos ex-homossexuais foram destacadas pela revista *IstoÉ*⁴

A experiência de vida de João Luiz Santolin, coordenador do Movimento pela Sexualidade Sadia (Moses), é destaque na imprensa brasileira há décadas. Ele abandonou a homossexualidade aos 18 anos e declara que vive há mais de vinte anos sem nenhuma recaída! Santolin fez a seguinte declaração à revista *Veja*: “Não penso mais naquilo, sou uma pessoa normal. Afinal, quando era criança, eu gostava de pipa e futebol como qualquer outro homem”.⁵

Na Inglaterra, um homem divorciou-se depois de ter “mudado de sexo”. Apesar disso, 36 anos mais tarde, casou-se com sua ex-mulher. Essa história, vivida pelo casal Jan Morris e Elizabeth, prova que a sexualidade humana é realmente dinâmica e mutável.⁶

Recentemente, a mídia internacional noticiou o caso de uma mulher que havia *mudado de sexo* e resolveu “voltar a ser mulher” para gerar um filho. Ela interrompeu a ingestão de hormônios masculinos, voltou a menstruar, engravidou e deu a luz uma criança. Apesar disso, ela pretende continuar o seu relacionamento homossexual com sua parceira. Em declaração à imprensa, a mulher que já “foi” mulher, “virou” homem e “voltou” a ser mulher disse que será o “pai” da criança.

Mais uma vez, está provado que a sexualidade humana não é uma condição determinada biologicamente. Assim, podemos realmente acreditar que as pessoas são livres para mudar a orientação sexual, afinal, como disse o psicólogo Flávio Gikovate,

um homem verdadeiramente livre não pode ser escravo de nenhuma emoção, situação ou condição.⁷

O Dr. Richard Cohen é o que podemos chamar de um homem livre. Além disso, ele não se contentou em desfrutar sozinho da descoberta a respeito da possibilidade de mudança da orientação sexual. Em seu livro *Coming Out Straight* (algo como Assumindo a Heterossexualidade), ele conta sua experiência espetacular de saída da homossexualidade e descreve de maneira didática os procedimentos que qualquer pessoa pode realizar para se livrar voluntariamente dos pensamentos e desejos homossexuais.⁸

O americano Sy Rogers também conquistou a liberdade sexual. Ele impressiona platéias em todo o mundo com seu discurso extraordinário de transformação pessoal.

Sy Rogers é um ex-transexual. Ele abandonou a homossexualidade há muito tempo, casou-se em 1982 e hoje vive com sua esposa e seus filhos nos Estados Unidos.

Atualmente, Sy Rogers é um terapeuta reconhecido internacionalmente pela sua experiência de luta e transformação. A história de Sy Rogers e sua abordagem terapêutica para tratamento da homossexualidade estão disponíveis no site do conferencista.

Existem ainda muitos casos de *ex-gays* que podem ser facilmente encontrados na *Internet*. Muitos deles eram militantes da causa homossexual, mas decidiram mudar de lado.

Michael Glatzer, por exemplo, descobriu que era gay aos 13 anos de idade. Ele fundou uma ONG para defender os direitos dos homossexuais nos Estados Unidos, a Young Gay America. Apesar disso, depois de muitos incidentes pessoais, ele percebeu que a homossexualidade não era algo inerente à sua natureza. Assim, ele rejeitou a identidade gay e iniciou uma nova Jornada. Inicialmente, por meio da meditação budista, ele mudou completamente sua maneira de enxergar a si mesmo e sua própria sexualidade. Em entrevista recente ao Dr. Nicolosi, Michael Glatzer declarou que se não tivesse alimentado a idéia de uma identidade gay e se existisse em nossa sociedade uma abordagem moral clara a respeito desse tema, a atração pelo mesmo sexo seria algo que ele simplesmente teria resolvido ainda na adolescência. Para Michael Glatzer, a homossexualidade imprime na pessoa um falso eu. Ele acredita que a homossexualidade seja um estado mental e que a meditação o ajudou a compreender esse fato.⁹

Em seu livro *Amor Restaurado*, Mario Berger conta sua trajetória dentro e fora da homossexualidade. O autor relata sua experiência de modo preciso e convincente. Esse livro é recomendado pelo psiquiatra estadunidense Jeffrey Satinover, da seguinte maneira:

*De todas as paixões, talvez nenhuma exerça pressão tão grande sobre a alma e a psique humanas quanto á sexualidade. Mas nenhuma compulsão é tão poderosa que não possa ser rompida pela fé e curada. Como demonstra Mario Berger em sua fascinante autobiografia, o moderno pressuposto de que a sexualidade, em especial a homossexualidade, é imutável, é uma mentira destrutiva.*¹⁰

O livro *Growth into Manhood* (algo como Crescendo na Masculinidade), escrito por Allan Medinger, um ex-homossexual estadunidense, descreve uma empolgante história real, equilibrada e repleta de evidências empíricas e conceitos verdadeiros a respeito da mudança de rumo que um gay pode dar à sua vida.

Allan Medinger encoraja seus leitores a reassumirem a Jornada do desenvolvimento da masculinidade e deixar que as experiências homossexuais do passado se percam diante da proposta de uma vida audaciosa e completa.

A vida de Allan Medinger é um exemplo de auto-superação e sabedoria aplicadas na conquista daquilo que muitas pessoas acham impossível. Seu livro descreve os passos que um homem pode dar na direção de realização plena do seu potencial humano.

Joseph Nicolosi é Doutor em Psicologia e recomenda aos seus pacientes a leitura de *Growth Into Manhood*. Ele afirma que nesse livro o leitor tem a chance de aprender a respeito das qualidades que definem um homem maduro.

O americano Jeff Konrad é o autor do livro *You Don 't Have to Be Gay* (algo como Você não Precisa Ser Gay). Ele demonstra de modo prático e sem clichês da Psicologia sua própria experiência de ex-gay e a maneira pela qual ele ajuda outras pessoas a desenvolverem a heterossexualidade.

Jeff Konrad afirma que se tornou o homem que sempre quis ser. Ele menciona que jamais chegou a sonhar que pudesse ser tão livre e desfrutar de tanta paz consigo mesmo, com os outros homens ao seu redor e com Deus. Além disso, ele garante que não tem desejos homossexuais e afirma não sofrer as mesmas aflições do tempo em que vivia na homossexualidade. Ele está convencido de que o Ser Superior realizou “uma profunda transformação psicodinâmica” em sua vida.

Em seu livro *The Returns of Love* (algo como O Retorno do Amor), Alex Davidson compartilha sua autobiografia e expõe suas experiências antes, durante e depois da homossexualidade. Essas experiências receberam o reconhecimento do Dr. Armand M. Nicholi, psiquiatra da Harvard Medical School. Para o Dr. Nicholi, o livro de Alex Davidson é “uma ferramenta importante para que muitos leitores compreendam o assunto e se sintam encorajados”.

Em *Imagens Partidas*, a escritora Leanne Payne descreve a história de centenas de pessoas que se livraram da homossexualidade e adquiriram uma nova identidade sexual a partir de experiências transcendentais.

Os relatos de Leanne Payne são muitas vezes dramáticos, mas seus casos de sucesso não deixam nenhuma dúvida quanto à possibilidade de mudança da orientação sexual. Há mais de trinta anos, a escritora auxilia pessoas que voluntariamente se dispõem a vencer a homossexualidade.

Assim como Leanne Payne, o escritor Clinton R. Jones apresenta em seu livro *Homossexual and Counseling* valiosas experiências de pessoas que se livraram da homossexualidade. Ele contribui para divulgar os fatos sobre a homossexualidade e a possibilidade de mudança da orientação sexual.

Como você pôde ver, existe uma vasta literatura sobre a vida das pessoas que mudaram a orientação sexual. Se você se dispuser a conhecer a vida dessas pessoas e a realizar uma leitura sem preconceito das experiências que elas descrevem em suas respectivas autobiografias, verá que não há nada de mitológico, miraculoso ou fraudulento nessas histórias.

Paradoxalmente, entre as pessoas que mais duvidam da sinceridade dos *ex-gays*, estão os homossexuais que conheceram essas pessoas enquanto elas viviam na homossexualidade. São exatamente esses “ex-amigos” que aparecem vez ou outra na imprensa para fazer alguma declaração “bombástica” contra o que eles chamam de “o mito ex-gay”.

Ao que parece, Nietzsche estava certo quando disse: “quando nos transformamos radicalmente, nossos amigos, aqueles que não se transformaram, se tornam os fantasmas de nosso próprio passado”.

Para o filósofo alemão, a voz daqueles que não se transformam ressoa “como se viesse da região das sombras - como se nos ouvíssemos a nós mesmos, mais jovens, contudo, mais duros e menos maduros”.¹²

Ainda que alguém insista em ignorar os fatos a respeito da mudança de orientação sexual, é importante destacar que a experiência vivida por um ex-homossexual é um fenômeno que fala por si só. Assim, um cético verdadeiro não emitiria nenhum juízo de valor a respeito da veracidade dessa transformação sem antes estudá-la minuciosamente.

Vale lembrar que o fato de a maioria dos *ex-gays* possuir em comum uma experiência transcendental não invalida de modo algum a possibilidade de mudança. Pelo contrário: isso comprova que, pelo menos para as pessoas que acreditam em um Ser Superior, a mudança é uma possibilidade.

Você verá mais adiante que existe uma relação interessante entre a homossexualidade e a espiritualidade de algumas pessoas. Assim, você compreenderá o motivo pelo qual um número cada vez maior de “ex-homossexuais” se declara transformado a partir de alguma experiência transcendental.

Ao contrário do que alguns “especialistas” acreditam, a mudança de orientação sexual a partir de uma experiência espiritual não é nenhuma forma de “lavagem cerebral”. Na verdade, essa mudança ocorre naturalmente e de maneira consciente, de acordo com um processo que molda o inconsciente da pessoa a “reagir” segundo aquilo que ela mesma define como “normal” e “desejável” para sua vida. Além disso, a Ciência comprovou que o ser humano pode suprimir conscientemente suas memórias, se assim o desejar (revista *Mente e Cérebro* nº 183).

Notas

1-<http://oglobo.globo.com/sp/mat/2007/12/02/327410075.asp>, em 19/06/2008.

2-<http://www.arcadenoe.org.br/AIDS/adolescencia.htm>, em 9/05/08.

3-noticiascristas.blogspot.com/2007/12/impossivel-para-mim-voltar-ser-o-que-era.html, em 19/06/2008.

4” Revista Isto É, edição de 15/10/1997.

5- Disponível em http://veja.abrilxom.br/160501/p_122.html, em 17/07/2008.

6- Disponível em <http://diario.iol.pt/acredite-se-quiser/acredite-se-quiser-escritora-britanica-insolito-transexual-casamento-jan-morris/959553-4088.html>, em 10/07/2008.

7-A Liberdade Possível, pg. 298.

8- Coming Out Straight, ainda sem tradução para o Português.

9- Disponível em <http://narth.com/docs/glatze.pdf>, em 12/06/08.

10- Amor Restaurado, Palavra Editora.

11 e 12 -Miscelânea de Opiniões e Sentenças, pg. 109.

Uma mudança radical: a experiência do autor

As pessoas que mudaram drasticamente sua vida tiveram a coragem de fazer escolhas radicais.

Roberto Shinyashiki.

Este livro não é uma autobiografia. Ainda assim, acho importante compartilhar um pouco da minha experiência para que você compreenda o que me levou a escrever esta obra e a divulgar os fatos sobre a homossexualidade e a mudança de orientação sexual. Espero que essa síntese da minha experiência faça você refletir ainda mais sobre o poder e a liberdade de que todos os homens devem dispor para alcançar a felicidade nesta vida.

Sou o filho mais novo de uma família de doze irmãos. Desde criança, acostumei-me a ouvir meus irmãos me chamarem de “*fresco*” e “*mulherzinha*”. Aos 7 anos de idade, um rapaz de 17 ensinou-me a masturbá-lo. Por volta dos 10 anos, dois adolescentes de 12 mantinham relações sexuais comigo, simultânea e sistematicamente. Depois dos 11 anos, eu mesmo procurava outros meninos para fazer sexo. Até os 16 anos, tive dezenas de encontros homossexuais com muitos rapazes. Entre os 16 e 18 anos, envolvi-me com poucos homens, mas, aos 19, conheci um rapaz de 25 que, de algum modo, mostrou-me que a homossexualidade era minha “verdadeira” orientação sexual. Ainda aos 19, tive meu primeiro “caso” e morei na mesma casa com outro homem. Esse relacionamento durou poucos meses. Algum tempo depois, envolvi-me com outro parceiro. Esse novo relacionamento também durou alguns meses. Em seguida, conheci outra pessoa e, mais uma vez, dividimos o mesmo teto por algum tempo. Assim, de caso em caso, antes dos 22 anos eu já havia experimentado “relações estáveis” com meia dúzia de homens.

Entre um relacionamento e outro, eu mantinha muitos encontros casuais com homens desconhecidos. Desse modo, em pouco tempo, eu havia conhecido centenas de homens que fazem sexo entre si. Na verdade, minha vida se transformou numa seqüência frenética de sexo, drogas e devassidão. Ainda aos 22 anos, eu passei a me sentir completamente entediado de tudo que o mundo gay oferece aos homossexuais.

Os bares, boates e orgias já não satisfaziam um vazio que a cada dia aumentava dentro de mim. Assim, eu comecei a questionar os devaneios do *estilo de vida gay* e as especificidades do comportamento homossexual.

Eu compreendia que não havia escolhido nada daquilo, mas me sentia impotente para mudar qualquer coisa na minha vida. Há muito tempo eu estava acostumado aos prazeres e facilidades do relacionamento sexual entre homens, mas, depois do sexo, o vazio no meu peito sempre aumentava.

As drogas e o comportamento de risco eram os elementos que eu usava para preencher a lacuna que existia dentro do meu ser. Apesar disso, em pouco tempo, os efeitos colaterais desses vícios começaram a aparecer. Uma doença sexualmente transmissível e alguns incidentes violentos levaram-me a refletir sobre o estilo de vida que eu estava levando.

Em meio a inúmeras reflexões, acidentalmente, ouvi um sacerdote dizendo que a única maneira de se encontrarem a paz e o equilíbrio emocional seria por meio do conhecimento dos desígnios do Criador. Além disso, o sacerdote dizia que esses desígnios estavam expressos nas Sagradas Escrituras.

Eu não gostava de pessoas religiosas e detestava as igrejas de um modo geral. Apesar disso, as palavras daquele pregador soaram forte na minha mente e eu decidi fazer uma experiência. Mesmo sem acreditar nos líderes religiosos e nas religiões oficialmente estabelecidas, propus ao Universo um desafio: se existisse um Ser Superior que mudasse minha maneira de pensar, andar e falar, eu o seguiria pelo resto da minha vida. Além disso, falei ao Cosmos que se existisse alguma verdade nas Escrituras Sagradas eu a descobriria.

Na manhã seguinte à minha conversa com o Além, comecei a estudar, sozinho, a Bíblia na minha casa. Subitamente, encontrei no *Livro dos livros* todas as respostas para as inquietações da minha mente e libertei-me completamente das neuroses que há muito tempo perturbavam minha vida. Além disso, por meio do conhecimento e da prática dos ensinamentos bíblicos, libertei-me do domínio da atração pelo mesmo sexo, deixei o comportamento homossexual de lado e desisti completamente da *identidade gay*.

Felizmente, depois de experimentar o delírio e a insanidade do *mundo gay*, minha vida mudou radicalmente. Eu encontrei um novo estilo de vida e mudei minha maneira de pensar, sentir e agir.

Assim, livre do peso de um passado de confusão, devaneios e amarguras, comecei uma vida nova. Em pouco tempo, minha voz e o meu andar perderam completamente a afetação. Algum tempo depois, percebi que já não existia na minha personalidade nenhum traço do comportamento homossexual e que a heterossexualidade havia finalmente se instalado em mim de modo completo e definitivo.

Eu não mudei o conteúdo das minhas fantasias nem os meus desejos sexuais “da noite para o dia”. Apesar disso, meu comportamento sexual mudou gradualmente e hoje eu posso garantir que uma vez que o comportamento é iniciado, a tendência é de que ele continue e se torne um hábito.

Contente com minha nova identidade heterossexual, eu encontrei uma mulher fascinante e apaixonei-me perdidamente. Em menos de um ano, estávamos casados e desfrutávamos das delícias e desafios de uma união natural e harmônica.

Em mais de uma década de transformações pessoais profundas e permanentes, não tive nenhuma *recaída*. Além disso, sinto-me completamente viril e sexualmente ajustado. Minha esposa e minha filha fazem de mim um homem completamente feliz. Meus amigos reconhecem que mudei e não me comparam com o homossexual que eu era há alguns anos.

Durante todo esse tempo, alcancei muito mais do que a heterossexualidade. À medida que desenvolvi hábitos heterossexuais saudáveis, meu destino foi radicalmente modificado e hoje desfruto de uma vida muito mais prazerosa do que eu sequer poderia imaginar. Sinto-me um homem realizado e feliz e não invejo os homens que não tiveram nenhuma experiência homossexual. Para mim, não há nada que eles façam que eu não possa fazer. Assim, sinto-me, finalmente, um homem de verdade!

Minha história permite que eu acredite que Marion Lawense estava com a razão quando disse que, se semearmos um pensamento, colheremos um ato, se semearmos um ato, colheremos um hábito, se semearmos um hábito, colheremos um caráter e, se semearmos um caráter, colheremos um destino.

A mudança iniciada em março de 1997 livrou-me do homossexualismo que desde a infância fazia parte da minha vida. Essa revolução induziu-me ao comportamento heterossexual e novos hábitos passaram a fazer parte do meu dia-a-dia. Além disso, o meu caráter foi transformado radicalmente. Em pouco tempo, esse novo caráter mudou o meu destino.

Hoje eu sei que a homossexualidade masculina não é um caminho sem volta. Eu descobri de uma maneira completamente prática e pessoal que o destino de cada pessoa é construído por ela mesma. Aprendi que qualquer pessoa pode mudar o rumo de sua vida, desde que comece a mudar o conteúdo dos pensamentos recorrentes.

Muitos dirão que meu futuro é incerto. Isso não me incomoda. Quem sabe a respeito do próprio futuro? Quais são as garantias de que dispomos para confiarmos que o amanhã não trará surpresas desagradáveis? Como podemos saber que a história não se repetirá?

Tantas perguntas podem fazer uma pessoa duvidar da mudança que ocorreu em minha vida, mas não perturbam o meu juízo. Eu sei que todas as coisas estão sujeitas a revoluções e transformações neste mundo, afinal, nele, tudo se move.

Ignorância, preconceito e discriminação.

A ignorância não fica tão distante da verdade quanto o preconceito.

Denis Diderot

Embora centenas de experiências de *ex-gays* tenham sido examinadas por vários pesquisadores em todo o mundo e sejam atestadas por terapeutas e confirmadas pelos próprios cônjuges dos ex-homossexuais, alguns profissionais da Psicologia e das outras áreas que estudam o comportamento humano insistem em ignorar os fatos sobre esse tema. Como eles podem agir dessa maneira? A resposta é muito simples: preconceito!

De acordo com o Dicionário Houaiss, um *preconceito* é uma “atitude, sentimento ou parecer insensato, de natureza hostil, assumido em consequência da generalização apressada de uma experiência pessoal ou imposta pelo meio”.

O preconceito daqueles que duvidam da possibilidade de mudança da orientação sexual torna-se evidente pelo fato de que nenhum deles jamais analisou cientificamente as experiências dos ex-homossexuais e nem mesmo examinou atentamente as pesquisas realizadas nessa área. Alguém poderia chamar essa atitude de “científica”? Claro que não!

Alguns cientistas chegam até a realizar pesquisas em busca de alguma evidência da origem genética da homossexualidade, mas se recusam a examinar os fatos empíricos da vida de quem efetivamente mudou a própria orientação sexual.

A preferência dos cientistas por pesquisas que contribuam para “normalizar” a homossexualidade é uma evidência clara do desprezo a que estão sujeitos os *ex-homossexuais*. Ao mesmo tempo em que muitos cientistas afirmam que a sexualidade humana não é estática, eles negam que alguém possa deixar de sentir atração pelo mesmo sexo. Em geral, eles dizem assumir uma posição contrária aos *ex-gays* para não contribuir com o aumento do preconceito contra os gays. O que isso sugere? Discriminação!

Ainda de acordo com o Dicionário Houaiss, a palavra *discriminação* significa “ato que quebra o princípio da igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo [...] credo religioso ou convicções políticas”.

Há muitos terapeutas que não admitem a possibilidade de mudança da orientação sexual e negam que as experiências relatadas pelos *ex-gays* sejam verdadeiras pelo simples fato de que as evidências dessa mudança são apresentadas, em sua maioria, por pessoas religiosas.

Curiosamente, quando algum pesquisador sério se dispõe a analisar os fatos sobre a vida dos ex-gays, invariavelmente, os resultados de sua análise comprovam que muitas pessoas vencem a atração pelo mesmo sexo, até mesmo sem a intervenção de terapeutas ou sacerdotes.

Apesar de todas as evidências, há cientistas que se comportam como “o verdadeiro realista”, descrito por Fiodor Dostoievski.

O pensador russo dizia que:

O verdadeiro realista, se incrédulo, vai sempre encontrar força e capacidade para descrever do milagroso, e se for confrontado com um milagre como fato irrefutável, vai de preferência descrever de seus próprios sentidos em vez de admitir o fato.

Parece realmente curioso que, apesar de todas as provas em favor da mutabilidade da orientação sexual, alguns “especialistas” declarem que ex-gays não existem. Se a realidade concreta de muitos indivíduos confirma essa possibilidade, como pode um “estudioso” negar esse fato com base apenas em especulações sociológicas e raciocínios abstratos?

A atitude de alguns estudiosos em relação à homossexualidade e a mudança de orientação sexual é, no mínimo, irresponsável. Além disso, eles não podem sequer ser chamados de “céticos”, afinal, essa palavra deriva do grego “skepsis” e significa “investigação, exame, observação atenta, reflexão”. Desse modo, o verdadeiro cético e “aquele que investiga”.

Considerando que o discurso daqueles que duvidam da mudança não resulta de nenhuma investigação científica nem de nenhuma observação atenta, percebe-se que suas idéias não passam de crenças irracionais, ou seja, puro preconceito!

Lamentavelmente, ainda há intelectuais que preferem reproduzir mitos a examinar fatos, embora justifiquem sua incredulidade ao afirmar que a ciência “não comprova” os casos de mudança. Na verdade, esses intelectuais não conseguem compreender a mudança porque ela contraria seus sistemas de crenças e, por isso, a história de quem mudou parece irracional, ridícula ou mitológica aos olhos daqueles que não compreendem nem admitem esse fenômeno.

Ao que parece, algumas “autoridades acadêmicas” acham muito mais confortável atribuir um rótulo de “irracional” ou “fantasioso” aos casos documentados de mudança da orientação sexual, afinal, se eles reconhecessem esses casos como verdadeiros, estariam obrigados a reconhecer, também, que seu modo antigo de encarar a homossexualidade era irracional e fantasioso. Esse fato não seria embaraçoso, incômodo e perturbador para essas autoridades?

Além dos cientistas, a maioria das pessoas também não acredita que um homossexual consiga se livrar da atração pelo mesmo sexo. Uma pesquisa destacada por Perry Garfinkel em seu livro *No Mundo dos Homens* demonstrou que os heterossexuais preferem morar longe de gays e usuários de drogas e, ainda mais longe, de *ex-gays*. De acordo com o resultado dessa pesquisa, os homens que se dizem *ex-gays* são “menos dignos de confiança” do que os homossexuais assumidos.¹

Infelizmente, a ignorância de especialistas e leigos os leva a rotular as histórias do *ex-gays* como “absurdas” e “irreais”. Desse modo, sem nenhum exame prévio, eles expressam o preconceito e a insensatez que são próprios de quem não se importa com a verdade. Assim, eles preferem conservar suas crenças, mitos e preconceitos ao invés de examinar as evidências.

A fé pode ajudar?

A fé vai onde quer que eu vá. A fé não costuma falhar.

Gilberto Gil

Um mundo de pessoas que crêem

Você já sabe que a homossexualidade não é inata nem imutável. Além disso, agora você conhece muitas abordagens terapêuticas que facilitam a mudança da orientação sexual. Entretanto, é importante que você conheça a atuação de algo que pode ajudar ainda mais aqueles de desejarem vencer a atração pelo mesmo sexo e desenvolver o desejo pelo sexo oposto.

Algumas pessoas duvidam das experiências relatadas pelos ex-gays apenas pelo fato de que na maioria desses relatos existe um componente espiritual. Embora não se disponham a analisar com atenção espírito científico a biografia desses homens que venceram a homossexualidade, algumas pessoas gostariam de entender o motivo pelo qual muitos homossexuais se livram da atração pelo mesmo sexo e desenvolvem a heterossexualidade a partir de uma experiência transcendental.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que a espiritualidade é uma dimensão importante na vida da maioria das pessoas. Um exemplo disso pode ser verificado no livro *O Gene de Deus* do geneticista Dean Hamer. Ele constatou que 95% dos estadunidenses acreditam em Deus, 90% meditam ou rezam, 82% acreditam em milagre divino e mais de 70% em vida após a morte.

O Dr. Hamer destacou que até mesmo na China e na ex-União Soviética - países em que ditadores poderosos tentaram forçar seus cidadãos a desistirem da fé - mais da metade das pessoas conservou suas crenças espirituais.¹

A espiritualidade dos homossexuais

A crença é mesmo um fenômeno mundial. Pesquisas realizadas no Brasil demonstram que mais de 90% dos brasileiros crêem em Deus. Isso pode ser observado no livro *A Força da Fé*, no qual Iva Oliveira mostra que a apresentadora de TV Ana Maria Braga, os cantores Daniel e Ivete Sangalo e mais 27 *celebridades* superaram seus problemas com o poder da fé. Desse modo, é razoável admitir que a fé também desempenhe um papel relevante na vida dos homossexuais. Afinal, eles têm as mesmas emoções e necessidades que o restante da população.

Alguns estudiosos constataram que, na verdade, os homossexuais são mais “espiritualizados” do que as pessoas em geral. Carl Gustav Jung, por exemplo, constatou que “as pessoas homossexuais dispõem de uma riqueza de sentimentos religiosos [...] e de uma receptividade espiritual que as torna receptiva à revelação”.²

Para o psicólogo Wunibald Müller, Jung pode ter exagerado na sua generalização quanto à espiritualidade dos homossexuais. Apesar disso, o Dr. Miiller reconhece que as biografias de gays famosos permitem depreender claramente que os homossexuais manifestam grande abertura para a dimensão espiritual.³

Sem direito ao paraíso

As constatações de Jung e Miiller podem ser verificadas facilmente entre o público gay. De acordo com uma pesquisa realizada pelos organizadores da *Parada Gay de São Paulo*, mais da metade dos homossexuais brasileiros freqüentam regularmente as atividades religiosas de alguma denominação cristã (32% são católicos, 16% espíritas e 6% evangélicos).

Há consenso entre militantes gays e teólogos de que as maiores correntes filosóficas do cristianismo não admitem a prática homossexual como uma variação normal da sexualidade humana. Assim, é razoável acreditar que os homossexuais cristãos sofram um conflito psicológico entre seus desejos sexuais e os valores morais da religião.

Uma análise sucinta do pensamento das principais lideranças do cristianismo no Brasil mostra que os gays brasileiros que se declaram católicos, protestantes ou espíritas não podem esperar conforto espiritual em nenhuma dessas religiões, enquanto não abandonarem a prática homossexual e renunciarem à *identidade gay*.

O Papa não abençoa

O Papa João Paulo II deixou clara sua opinião sobre o homossexualismo. O pontífice declarou que o homossexualismo “vai contra as leis da natureza”.

Bento XVI, o sucessor de João Paulo II, declarou recentemente:

Não existe nenhum fundamento para assimilar ou estabelecer analogias, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o intuito de Deus sobre o matrimônio e a família. [...] as relações homossexuais contrastam com a lei moral natural.

Os evangélicos amaldiçoam

Os líderes evangélicos divergem dos Papas em muitos aspectos doutrinários. Entretanto, quando se referem ao homossexualismo, os protestantes são ainda mais radicais.

Em seu livro *O Bispo*, Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, deixa clara sua posição a respeito da homossexualidade. O bispo Macedo declarou que é contra a prática do homossexualismo.⁴

Para o pastor Silas Malafaia, um dos maiores expoentes entre os evangélicos pentecostais, a homossexualidade é uma rebelião consciente contra a Criação estabelecida por Deus. Ele diz que a relação sexual entre pessoas do mesmo sexo é “uma distorção do que Deus criou”. Além disso, o pastor destaca que o Antigo e o Novo testamentos classificam a homossexualidade como abominação, paixão infame, perversão moral.⁵

O Bispo Robson Rodovalho, além de fundador e líder da igreja Sara Nossa Terra, exerce atualmente seu primeiro mandato como Deputado Federal. Ao discursar sobre o tema Vida e Família num Ambiente Saudável, o parlamentar afirmou que uma família é formada exclusivamente por um homem e uma mulher e seus filhos e que “qualquer tipo de relação sexual fora da família é problema, é confusão”.⁶

Rodvalho assumiu explicitamente sua opinião a respeito da homossexualidade ao declarar que “não tem como ter paz em um relacionamento homossexual porque as pessoas sempre percebem que tem algo faltando, algo que não encaixa direito”.⁷

O Espiritismo condena

Apesar de muitos afirmarem o contrário, o espiritismo também condena a prática homossexual.

Em seu livro *Sexo: Sublime Tesouro*, Eurípedes Kuhl declara que os homossexuais são “criaturas em expurgo de faltas passadas, merecedoras de compreensão e, sobretudo esclarecimento”. O autor afirma que os médiuns Divaldo Franco e Chico Xavier consideram a homossexualidade uma fonte geradora de angústia.⁸

Vladimir Aras, em seu artigo “*Homossexualismo - O que nos aconselha a Doutrina?*” expõe de maneira abrangente e completa a visão dos maiores doutrinadores espíritas sobre a homossexualidade. Ele destacou que os homossexuais são “indivíduos em distonias de variada ordem, que procuram atender aos sentidos com o parceiro do mesmo sexo, em práticas deformantes e desarmonizadas”.⁹

O artigo de Vladimir Aras destacou que, para João Herculano, “o homossexualismo, nos dois sexos, por sua intensidade nas civilizações antigas e sua revivescência brutal em nosso tempo, é a mais grave dessas anormalidades que hoje se pretende declarar normais”.¹⁰

A pesquisadora Edith Modesto constatou que a maior parte dos gays rechaça completamente a idéia de que a homossexualidade seja um ato divino. Em seu livro *Vidas em Arco-Íris*, a autora afirma que a maioria dos homossexuais “repudiou a possibilidade de Deus tê-los criado gays”.¹¹

Um dos entrevistados da Dr^a. Edith Modesto chegou a debochar dessa hipótese e respondeu à pesquisadora: “se Deus quis que eu fosse gay? Sem comentários. Essa frase é ridícula”.¹²

Se considerarmos que os homossexuais também crêem em Deus e que para a maioria deles a atração pelo mesmo sexo não é divina, é razoável concluir que a maior parte dos *ex-gays* dirá que mudaram a orientação sexual com a ajuda do Criador.

Ao que parece, o fato de que muitos ex-homossexuais atribuem sua mudança a intervenção de uma força misteriosa não invalida a possibilidade de um homossexual se tornar heterossexual. Ao contrário, isso comprova que, pelo menos para as pessoas que acreditam em um Ser Superior, essa mudança é plenamente possível. Nesse sentido, o Dr. Frankl, criador da Logoterapia, parecia estar certo quando disse que “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar, permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido”.¹³

O Dr. Frankl não foi o único a reconhecer a relevância da dimensão espiritual no trabalho do terapeuta. Na verdade, até mesmo os estudiosos de maior destaque na atualidade afirmam que as “ciências do comportamento” têm sua origem em princípios “espirituais” (não confundir com princípios religiosos).

Para o psiquiatra Irvin Yalom, autor do livro *A Cura de Schopenhauer*, a Psiquiatria, a Psicologia, a Psicanálise e áreas afins não remontam apenas a Sigmund Freud e Carl Jung. O Dr. Yalom destaca que até mesmo Freud e Jung inspiraram-se em filósofos como Nietzsche e Schopenhauer e líderes religiosos como Buda e outros pensadores que se ocuparam do cuidado com o desespero do ser humano.¹⁴

Notas

1- O Gene de Deus, pg. 18.

2 e 3 -Pessoas Homossexuais, pg. 72.

4-0 Bispo, pg. 224.

5 -Editorial Sobre o Homossexualismo, disponível em:

Fonte: http://www.prsilasmalafaia.com.br/_gutenweb/_site/pg_mensagens.cfm?cod_materia=33, em 19/06/2008.

6- Disponível em <http://congressoemfoco.ig.com.br/Noticia.aspx?id=17130>, em 23/04/2008.

7- Disponível em <http://www.bisporodovalho.com.br/visualizar.asp?cat=273&cod=2486>, em 05/03/2008.

8-<http://www.espirito.org.br/portal/artigos/diversos/sexualidade/a-homose-xualidade.html>.

9 e 10 - “Homossexualismo - O que nos aconselha a Doutrina?” in Boletim GEAE Numero 260 de 30/09/1997.

11 e 12 -Vidas em Arco-iris, pg. 98.

13- Em Busca de Sentido, pg. 67.

14- Revista Superinteressante, n° 254, julho de 2008.

Está resolvido?

Não se curam os homossexuais, a despeito de serem absolutamente curáveis.

Jacques Lacan, psicanalista Francês.

De acordo com o psicólogo Fabrício Viana, a atração pelo mesmo sexo não faz parte do currículo dos cursos de Psicologia no Brasil. Em seu livro *O Armário*, o Dr. Fabrício Viana afirma que, durante todos os anos de faculdade, seus professores jamais mencionaram sequer a existência da homossexualidade e dos homossexuais.¹

Outros profissionais da Psicologia atestam a afirmação do Dr. Fabrício Viana. O professor Fernando Silva Teixeira Filho, Ph.D em Psicologia Clínica pela UNESP, por exemplo, reconhece que “a homossexualidade, ainda hoje, é abordada com pudor, medo, silêncio”.² Nesse mesmo sentido, a sexóloga e terapeuta Rinna Riesenfeld, em seu livro *Papai, Mamãe, Sou Gay!* afirma que médicos, psicólogos e psiquiatras conhecem muito pouco sobre a homossexualidade.³

Ao que parece, muitos especialistas assumem que os profissionais da saúde mental desconhecem a atração pelo mesmo sexo e as vicissitudes do comportamento homossexual. Apesar disso, muitos psicólogos, psiquiatras, psicanalistas e sexólogos aparecem regularmente na mídia afirmando que algumas pessoas nascem homossexuais e que não existe nenhuma droga, cirurgia ou psicoterapia que possa auxiliar aqueles que pretendem se livrar da homossexualidade.

De acordo com o que você leu até agora, a homossexualidade - tal como a conhecemos nos dias de hoje - nunca existiu em nenhum momento da história da humanidade nem em qualquer região geográfica deste planeta. Além disso, as evidências científicas não permitem afirmar com a mínima racionalidade que a atração pelo mesmo sexo decorre de fatores genéticos, hereditários ou hormonais. Entretanto, existem estudos científicos que atestam a importância do ambiente na formação da identidade de gênero e da personalidade. Esses estudos comprovam, ainda, que é possível mudar a orientação sexual e que essa mudança não traz nenhum efeito colateral para quem a realiza com sucesso. Apesar de tudo isso, lamentavelmente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) atrapalha a vida de quem deseja simplesmente se livrar da atração pelo mesmo sexo e viver de acordo com seu próprio sexo biológico.

O CFP, por meio da Resolução n° 01/99, estabelece que:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão, notadamente aqueles que disciplinam a não-discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relações homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Ao que parece, o CFP **decretou** que os profissionais da Psicologia não podem estudar o fenômeno da mudança de orientação sexual, nem podem teorizar sobre esses fenômenos. Essa decisão corresponde ao que muitos chamariam de “estabelecer a verdade por decreto”.

Um Conselho contra a Psicologia

Você viu neste livro que Freud, Adler, Ellis, Jung, Lacan e muitos outros nomes importantes para a Psicologia consideravam o homossexualismo uma condição patológica e que merecia ser tratada por meio de psicoterapia, sempre que o próprio paciente solicitasse esse tratamento. Além disso, agora você sabe que a homossexualidade é tratada por meio da psicoterapia desde o final do século 19. Nesse sentido, está claro que muitos psicólogos, sexólogos, sociólogos e antropólogos reconhecem que é possível mudar a orientação sexual com o auxílio de um terapeuta competente. Diante disso, como pode o Conselho Federal de Psicologia adotar um posicionamento contrário ao tratamento da homossexualidade?

Em 1973, **independentemente de qualquer estudo científico e mediante forte pressão política de grupos que defendem os interesses dos homossexuais**, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou o homossexualismo da sua lista de doenças mentais. Essa decisão não recebeu o apoio de todos os psiquiatras estadunidenses. Na verdade, quase 40% dos psiquiatras reprovaram a idéia de serem sacrificados princípios científicos em favor dos direitos civis.

Embora um consenso entre cientistas requeira muitos anos de estudos e experimentos, as pesquisas sobre a origem biológica e o caráter imutável da homossexualidade começaram muitos anos depois de a APA decidir essa questão. Desse modo, parece inegável que a APA tenha decidido “normalizar” a homossexualidade por motivos que nada tem a ver com a Ciência. Na verdade, a decisão da APA foi repudiada por quase metade dos psiquiatras.⁴

Para Joseph Nicolosi, Ph.D em Psicologia, a decisão de “normalizar” a homossexualidade realmente não decorre do fato de que algum especialista tenha descoberto que a atração pelo mesmo sexo é uma variação normal da sexualidade humana. Ele acredita que muitos psiquiatras e psicólogos ignoram as causas da

homossexualidade e desconhecem as abordagens terapêuticas para tratamento desse problema. Assim, para o Dr. Nicolosi, existem terapeutas que não corroboram a “normalidade” do comportamento homossexual, mas, por desconhecerem qualquer tratamento eficaz para a homossexualidade, preferem dizer que, nesse caso, não há nada a ser tratado. Parece que esses terapeutas acreditam no ditado que diz: “o que não tem remédio, já está remediado”

Assim como o Dr. Nicolosi, o Dr. Gerard van Aardweg é Ph.D em Psicologia. Ele entende que a afirmação de que a homossexualidade não pode ser tratada com sucesso é uma atitude fatalista e desencorajadora que decorre da falta de investigação seria sobre essa matéria.

Ao que parece, o CFP apenas “copiou” o que a Associação Americana de Psiquiatria APA “decretou” a respeito da homossexualidade no início da década de 70.

Embora saibam muito pouco sobre a homossexualidade, alguns especialistas dizem que o tratamento da atração pelo mesmo sexo não funciona e provoca “distúrbios psicológicos” nos pacientes que tentam mudar a sua orientação sexual. Esse fato, no entanto, jamais foi comprovado. Na verdade, como destaca o Dr. Warren Throckmorton, Ph.D em Psicologia, a única “prova” de que o tratamento psicoterápico do comportamento homossexual é prejudicial aos pacientes está no discurso daqueles que ignoram os fatos sobre a mudança. Portanto, percebe-se que essa descrença dos especialistas revela apenas sua ideologia dogmática.

As pessoas que me conhecem e os ex-homossexuais que eu conheço comprovam que mudar a orientação sexual é saudável, prazeroso e emocionante. Assim, de acordo com a minha experiência e segundo a opinião das pessoas que são ou conhecem ex-homossexuais, não há dúvida de que o pensamento do Dr. Throckmorton está correto no que concerne à falta de evidências sobre os prejuízos que a mudança causaria na psique daqueles que a experimentam. Além disso, os estudos sobre a vida dos *ex-gays* demonstraram que eles não são portadores de nenhuma patologia.

Dr. Robert Spitzer, professor do departamento de Psiquiatria da Universidade Columbia, de Nova York, atuou de modo determinante na retirada do homossexualismo da lista de distúrbios mentais da Associação Americana de Psiquiatria em 1973. Apesar disso, ele não tem dúvidas de que os homossexuais podem mudar. Conforme noticiou a revista *Veja*, o Dr. Spitzer acredita que “é possível que esteja errada a idéia de que a orientação sexual pode ser combatida, mas não mudada”.⁵

O descompasso entre a resolução do CFP e o entendimento dos especialistas pode ser facilmente observado em uma reportagem recente da revista *Época*. A revista questionou se pode ser considerado “bem de cabeça” um homem casado que paga para fazer sexo com um homem que parece ser mulher.

Ainda de acordo com a revista *Época*, os especialistas não têm uma resposta unânime para essa questão. Apesar disso, *Época* destacou a opinião do psicanalista Oswaldo Rodrigues, do Instituto Paulista de Sexualidade. Conforme declarou a revista, ele entende que alguns homens que procuram sexo com outros homens são portadores de uma patologia. O psicanalista afirmou ainda que “muitos fazem isso num impulso de autodestruição”.⁶

Por que seria possível mudar o sexo, mas não a orientação sexual?

Você pode estar se perguntando: “se não há embasamento científico que prove a origem genética e a condição imutável da atração pelo mesmo sexo nem qualquer

estudo que demonstre os malefícios causados por qualquer terapia que vise a ajustar sexualmente um homossexual que deseja mudar, como pode o Conselho Federal de Psicologia proibir que se tratem os homossexuais que manifestam interesse nesse tratamento?”

Embora eu tenha pesquisado exaustivamente esse tema, não encontrei nenhuma explicação lógica, científica, profissional ou racional para que o CFP tenha expedido uma resolução que proíbe até mesmo que os psicólogos se pronunciem publicamente sobre a homossexualidade. Apesar disso, fiquei perplexo ao saber que existem leis, programas governamentais e profissionais da Psiquiatria e da Psicologia preparados para ajudar qualquer homem a mudar de sexo, tornar-se uma “mulher”.

Recentemente, o Governo Federal determinou que o Sistema Único de Saúde (SUS) realize a cirurgia de mudança de sexo, a custa dos impostos arrecadados de todos os cidadãos. Assim, todos contribuem para que uma pessoa mude de sexo, mas um homem que deseja apenas “ser homem”, além de não receber nenhuma atenção específica do SUS, está “legalmente” impedido de receber qualquer ajuda profissional para realizar o sonho de ter uma esposa e filhos. Apesar disso, durante a realização da *Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude* realizada em Brasília, entre os dias 27 e 30 de abril de 2008, o governo brasileiro decidiu promover o reconhecimento e a valorização da LIVRE orientação sexual e de identidade de gênero.

Para a psicóloga Rozângela Justino, a decisão do CFP atenta contra os direitos a liberdade, igualdade, expressão de pensamento, livre atividade científica e de comunicação, assegurados no art. 5º da Constituição Federal de 1988.

O Dr. Paul Medeiros Krause, procurador do Banco Central em Belo Horizonte (MG), bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, entende que o Estado brasileiro está agindo de maneira totalitária no que se refere ao tratamento da homossexualidade. Ele acredita que a naturalidade do homossexualismo seja um *dogma falacioso* que está sendo imposto ao povo brasileiro e denuncia que oposições filosóficas ou científicas (psicológicas) a esse dogma estão proibidas.⁷

Alguns especialistas do Direito discordam da interpretação da Dr.^a Rozângela Justino e entendem que os psicólogos podem, sim, atender aos gays que solicitam ajuda para adquirir comportamentos heterossexuais.

Uma interpretação sistêmica da Resolução nº 01/99 revela que os profissionais da Psicologia **só não podem garantir cura**, mas são livres para exercer sua profissão de acordo com a solicitação do paciente, sem coerções.

Alguns juristas alertam que não se pode confundir o exercício regular da profissão com posições pessoais dos psicólogos, afinal, a ética da Psicologia é laica e, portanto, neutra de crenças religiosas e ideologias *politicamente corretas*.

Ao que parece, a Resolução nº 01/99 está de acordo com a Constituição Federal, porém, é problemática sua interpretação por parte daqueles que, sem fazer uma análise sistêmica, pegam expressões ou dispositivos isolados dessa Resolução e fazem interpretações parciais para atender a conveniências e interesses pessoais.

Segundo noticiou a BBC Brasil, “O Conselho Federal de Medicina proíbe que psicólogos prometam “curar” a homossexualidade, mas diz que quem estiver infeliz com sua condição pode procurar ajuda”.⁸

Em suma, à luz do Direito e do bom senso, está claro que **um psicólogo não pode obrigar o paciente a mudar a orientação sexual nem persuadi-lo a desistir dessa**

idéia, esquivando-se de lhe prestar auxílio nos limites da ciência e da experiência clínica.

Antígonas do século 21

Dr. Luiz Mott, antropólogo e fundador do Grupo Gay da Bahia (GGB), em seu livro *Crônicas de Um Gay Assumido*, declarou que a Ciência e as leis estão ao lado dos homossexuais.

De acordo com as evidências demonstradas neste livro, nenhum cientista encontrou qualquer indício da origem genética ou do caráter imutável da homossexualidade. Desse modo, parece ingênua a afirmação de que a Ciência seja partidária do homossexualismo.

Embora não se possa afirmar racionalmente que a Ciência corrobora as idéias sobre a origem biológica e a condição inalterável da homossexualidade, o mesmo não se pode dizer da legislação brasileira. A Resolução o nº 01/99 do CFP, por exemplo, parece mesmo estar *ao lado dos homossexuais*.

Felizmente, muitos terapeutas no Brasil estão de acordo com o psicanalista Oswaldo Rodrigues e acreditam que há pessoas que buscam na prática homossexual sua autodestruição. Assim, esses terapeutas não se omitem frente ao desafio de evitar que alguns indivíduos sejam destruídos pelo desejo sexual. Esses profissionais não apenas tratam a homossexualidade mas também publicam livros e descrevem minuciosamente os procedimentos terapêuticos utilizados no tratamento da atração pelo mesmo sexo.

A psicóloga Solange Cigagna, por exemplo, auxilia seus pacientes homossexuais a mudar a orientação sexual por meio da *Terapia de Vidas Passadas*. Além de possuir formação acadêmica em Psicologia, ela é Bacharel em Direito e não parece constrangida pela Resolução do CFP que proíbe o tratamento da homossexualidade.

A Dr^a. Renate Jost também parece não enxergar nenhuma limitação no que o CFP recomenda aos profissionais da Psicologia quanto à *patologização* da homossexualidade. Ela afirma que em muitos casos a homossexualidade provoca sofrimento psicológico ao indivíduo e por isso defende que essas pessoas têm direito a ajuda de um terapeuta profissional.

Além dos psicólogos que não se deixam intimidar pela decisão do Conselho Federal de Psicologia quanto ao tratamento da homossexualidade, existem muitos terapeutas cuja atuação profissional não pode ser impedida pelo CFP.

O Dr. Magnus Amaral, por exemplo, é psiquiatra formado pela Universidade de São Paulo (USP) e oferece livremente na Internet um tratamento inédito e revolucionário para cura do que ele chama de *neurose homossexual*. Além desse médico paulista, a terapeuta holística Valéria Bastos, o hipnoterapeuta Luiz C. Crozera, o terapeuta oriental Rildo Moraes e muitos outros profissionais espalhados pelo Brasil utilizam abordagens terapêuticas alternativas no tratamento da homossexualidade.

Ao que parece, existe um grupo de terapeutas “rebeldes” que entende que a saúde de uma pessoa não está vinculada apenas à satisfação de desejos e fantasias sexuais. Esse grupo acredita que a saúde humana envolva o bem-estar físico, psíquico, emocional e social e, como Antígona*, não se omitem frente à tirania de ninguém. Na verdade, esses terapeutas parecem discordar da ideologia do politicamente correto e não pretendem assistir passivamente as pessoas sucumbirem aos desejos e comportamentos autodestrutivos.

Até os psicólogos mudam!

Diante da ausência brutal de evidências sobre a origem genética e o caráter imutável da homossexualidade e sem poder negar séculos de experiência clínica de muitos psicólogos, a Associação Americana de Psicologia reconheceu em pronunciamento recente que cabe ao cliente a escolha do tratamento mais adequado a seus objetivos. Assim, nos Estados Unidos, qualquer pessoa pode solicitar e receber livremente auxílio psicológico para se livrar da atração pelo mesmo sexo e desenvolver a heterossexualidade, se assim o desejar. De acordo com esse entendimento, os profissionais da Psicologia devem respeitar o direito de escolha do paciente e não podem convencê-lo a aceitar a homossexualidade como uma variação normal da sexualidade humana.

Notas

- 1- O Armário, pg. 122.
- 2- “Homossexualidades, gênero e direitos humanos: questões que dizem respeito a todos (as) nos”. Disponível em: www.assis.unesp.br/perfilvertentes/in-clude/getdoc.php?id=31&article=10&mode=pdf, 19/06/08.
- 3- Papai, Mamãe, Sou Gay! pg. 35.
- 4- Revista Mente & Cérebro, nº 165, pg. 42 e 43.
- 5- http://veja.abril.com.br/160501/p_122.html, em 17/07/08.
- 6- http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT4421-1_5228-4421-3934,00.html, em 19/06/08.
- 7 - Disponível em <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=9306> em 13/06/2008.
- 8 - Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/ciencia/story/2003/10/031007_gayrepercutlmt.shtml, em 19/06/08.

Personagem de Sófocles (495.C - 406 a.C) que desafiou o decreto do rei Creonte e, mesmo em face da morte, não traiu a própria consciência.

Pense por si mesmo!

Faça o que você quiser fazer.

E vá onde você precisa ir

Pense por si mesmo

Porque eu não estarei lá com você.

Think For Yourself, Beatles.

Apesar de todas as evidências sobre a mudança de orientação sexual, há quem afirme que esse fato “não existiu nem jamais existira”. Até mesmo autores de livros que se tornaram fenômenos de venda repetem esse dogma. Eles afirmam erroneamente que as abordagens terapêuticas para o tratamento da homossexualidade falharam em todos os casos. Assim, fica evidente o totalitarismo ideológico desses autores.

De acordo com as evidências apresentadas neste livro, é razoável acreditar que esses autores estejam pouco informados sobre os resultados das terapias para tratamento da atração pelo mesmo sexo. Apesar disso, é preciso reconhecer que algumas pessoas gostam de pensar que não se pode mudar, afinal, elas estão acostumadas a pensar “eu sou assim... sempre fui assim e é assim que eu continuarei sendo para sempre”.

Felizmente, nem todos os especialistas que estudam o comportamento humano sucumbem ao discurso ideológico contrário à possibilidade da mudança de orientação

sexual. Há profissionais renomados que não se filiam a nenhuma corrente do pensamento psicológico e que mantêm a sua autonomia intelectual e política. O psiquiatra Thomas A. Harris, por exemplo, defendia a idéia de que algumas experiências só podem ser validadas a partir dos seus efeitos na vida de uma pessoa. De igual modo, o psicólogo Flávio Gikovate parece acreditar que as possibilidades de mudança do comportamento humano não podem se limitar a teorias e “correntes” de pensamento. Em seu livro *A Liberdade Possível* o Dr. Gikovate declarou que é “muito pouco científico defender pontos de vista em um setor de atividade em que os fatos devem falar mais alto”.¹

Como dizia o pensador e escritor C.S. Lewis, não é possível saber simplesmente por meio das idéias se há um gato escondido no armário: é preciso abrir a porta e descobrir por meio dos sentidos se ele está lá.

Acredito que a melhor maneira de sabermos a verdade sobre a possibilidade de mudança da orientação sexual seja mesmo revirando o nosso armário e descobrindo-a por meio de uma experiência pessoal. Assim, pensando por si mesma, qualquer pessoa pode descobrir os fatos sobre a homossexualidade.

Se você ou alguém que você conhece tem dúvidas quanto ao direito que todos têm de procurar e receber ajuda para mudar voluntariamente a própria orientação sexual, procure um Advogado e informe-se sobre esse assunto. Lembre-se de que vivemos em um Estado de Direito, em que ninguém é obrigado a fazer ou deixar de fazer coisa alguma senão em virtude de lei.

Agora que você já sabe que qualquer pessoa pode mudar a orientação sexual, exija o seu direito de ser o que você quiser. Se alguém fizer alguma coisa para impedi-lo de usufruir desse direito ou se algum profissional tentar convencê-lo de que a homossexualidade é inata e imutável, recusando-se a prestar-lhe um atendimento terapêutico fundamentado em evidências científicas, denuncie-o as autoridades competentes.

As leis brasileiras permitem que qualquer pessoa mude de sexo. Por isso, não permita que ninguém decida o que é melhor para sua vida. Além disso, especialistas denunciam que existe no Brasil uma espécie de “feudalismo científico” e que os integrantes desses feudos não admitem que se realizem pesquisas sérias a respeito do comportamento humano. É preciso banir essa corrente retrógrada que deseja manter as coisas como elas estão. Isso requer atitude!

Caso sua denúncia não seja apurada nos termos da lei ou se você não conseguir a ajuda de que necessita para livrar-se da homossexualidade, procure a imprensa, organize uma passeata, crie uma comunidade na *Internet*... Faça muito barulho, mas não desista dos seus sonhos. Afinal, como disse o poeta, se você for sincero e desejar profundo, será capaz de sacudir o mundo.²

Notas

1- *A Liberdade Possível*, pg. 63.

2- *Tente Outra Vez*, Raul Seixas.

Conclusão

As evidências comprovam que a homossexualidade não é uma opção consciente. Apesar disso, está comprovado também que a crença na origem genética do desejo homossexual é fundamentada apenas em mitos. Da mesma forma, a idéia de que não se pode mudar a orientação sexual é fruto da ignorância daqueles que não se interessam pelos fatos sobre a homossexualidade ou que vêem na divulgação desses fatos uma ameaça às suas ideológicas políticas e interesses econômicos.

Ainda que possa parecer “politicamente incorreta” a mudança de orientação sexual está documentada por cientistas de várias partes do mundo e constitui uma evidência de que as pessoas realmente mudam da homossexualidade para a heterossexualidade. Assim, torna-se inadmissível qualquer atitude preconceituosa e discriminatória contra aqueles que se livraram da atração pelo mesmo sexo, interromperam o comportamento homossexual e abandonaram a *identidade gay*.

A legislação brasileira e as normas internacionais que orientam o exercício dos direitos humanos condenam o preconceito e a discriminação em todas as suas formas. Desse modo, nenhuma instituição pública ou privada pode impedir a pesquisa e a divulgação das alternativas para quem deseja mudar a orientação sexual. Além disso, nos termos da lei, impedir que as pessoas tenham acesso às abordagens terapêuticas para tratamento da homossexualidade é uma atitude criminosa e contrária aos fundamentos de uma sociedade justa, fraterna e pluralista.

APÊNDICE

RESOLUÇÃO CFP N° 001/99

*Estabelece normas de atuação
para os psicólogos em relação
à questão da Orientação Sexual*

O CONSELHO FEDERAL DE Psicologia, no uso de suas atribuições legais e regimentais,

CONSIDERANDO que o psicólogo é um profissional da saúde;

CONSIDERANDO que na prática profissional, independentemente da área em que esteja atuando, o psicólogo é freqüentemente interpelado por questões ligadas à sexualidade;

CONSIDERANDO que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade;

CONSIDERANDO que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão;

CONSIDERANDO que há, na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida socioculturalmente;

CONSIDERANDO que a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações;

RESOLVE:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão, notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 02º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Art. 5º - Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se todas as disposições em contrário.

Brasília, 22 de março de 1999.

ANA MERCÊS BAHIA BOCK

Conselheira Presidente

Nota do autor sobre os Direitos Humanos e a Sexualidade

Quem atende a uma parte dos cidadãos, deixando a outra sem assistência, injeta no corpo social algo de muito pernicioso, fomentando discórdia e divisão.¹

CICERO, 106 A.C

Fundamentadas em idéias antidemocráticas, algumas Organizações Não-Governamentais, ONGs, lideradas por homossexuais assumidos, repudiam completamente qualquer iniciativa pública ou privada que aborde a homossexualidade fora dos princípios e valores ideológicos do Movimento Homossexual.

De acordo com a ideologia do Movimento Homossexual, a atração pelo mesmo sexo é uma variação normal e inalterável da sexualidade humana. Os líderes desse movimento combatem com veemência qualquer idéia que não esteja de acordo com suas crenças.

Geralmente, essas organizações travestem sua ideologia com o manto da defesa dos Direitos Humanos, porém uma análise atenta das normas internacionais dos direitos da pessoa humana mostra que algumas idéias e atitudes dessas ONGs afrontam os princípios da liberdade e da igualdade entre todos os homens.

Em 1948, a Organização das Nações Unidas, ONU, publicou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. De acordo com essa declaração, todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos e são dotadas de razão e consciência. Todos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Além disso, todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito à igual proteção contra qualquer discriminação. Desse modo, percebe-se que todas as pessoas têm direito de sentir, expressar ou modificar sua sexualidade como quiserem.

O Estado Brasileiro é signatário da *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e a Constituição Federal de 1988³ reconhece no seu preâmbulo que a República Federativa do Brasil é um Estado Democrático que assegura o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça. Nos termos da Constituição, esses direitos são “valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional”.

Segundo a Constituição, todas as pessoas são livres e iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Assim, ninguém pode impedir que uma pessoa utilize todos os meios lícitos para exercer seu direito de viver como quiser. Além disso, a *Carta Magna* estabelece que **ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa, senão em virtude de lei**. Por isso, ninguém pode ser legalmente impedido de mudar sua orientação sexual, afinal, essa mudança não é proibida por nenhuma lei brasileira.

Ainda de acordo com a Carta Magna, todos podem manifestar livremente o pensamento e o pluralismo de suas idéias, sem nenhuma restrição. **A Constituição veda expressamente toda e qualquer censura de natureza política ou ideológica**. Nesse sentido, em pronunciamento recente, o Ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal (STF), ressaltou que **a liberdade da atividade intelectual e científica é um dos primados a que toda a lei se submete**.

De acordo com os *valores supremos* reconhecidos pela *Assembléia Nacional Constituinte de 1988*, todas as pessoas têm o direito de desenvolver integralmente seu potencial humano e nenhuma entidade pública ou privada pode limitar, coibir ou impedir que um homem solicite e receba ajuda para compreender e mudar sua preferência sexual.

Embora a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* e a *Constituição* não mencionem expressamente os direitos referentes à sexualidade humana, existem normas internacionais que orientam a ação dos Estados nessa área.

Durante o XV Congresso Mundial de Sexologia realizado na China em 1997, a Assembléia Geral da World Association for Sexology (WAS) aprovou emendas para a Declaração dos Direitos Sexuais (DDS) que havia sido elaborada em Valência, no XIII Congresso Mundial de Sexologia.

A *Declaração dos Direitos Sexuais*² visa a assegurar que as pessoas desenvolvam uma sexualidade saudável. Esses direitos incluem, entre outros:

- a) a **liberdade sexual**, que assegura a possibilidade de os indivíduos expressarem seu potencial sexual;
- b) a **autonomia sexual**, a **integridade sexual** e a **segurança do corpo sexual**, que se referem à habilidade de uma pessoa em tomar decisões autônomas sobre a própria vida sexual;
- c) o acesso à **informação baseada no conhecimento científico**, que deve ser gerada por meio de um processo racional, pessoal e ético; e
- d) a **saúde sexual**, que envolve a **prevenção** e o **tratamento** de todos os **problemas sexuais, precauções e desordens**.

Os direitos listados na *DDS* garantem que qualquer pessoa pode seguir a orientação sexual que desejar ou abandoná-la quando quiser. Além disso, essa declaração evidencia que nenhuma instituição pode impedir que alguém procure e encontre auxílio para melhorar sua qualidade de vida, ainda que isso implique na alteração da orientação sexual ou até mesmo do sexo biológico.

Além da *Declaração de Direitos Sexuais*, existe outra norma internacional que se refere à aplicação dos *Direitos Humanos* na área da sexualidade.

Especialistas em Direitos Humanos se reuniram na Universidade Gadjah Mada, em Yogyakarta, Indonésia, em 2006, e estabeleceram os *Princípios de Yogyakarta*³ - orientações específicas sobre a aplicação da legislação internacional de Direitos Humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero.

De acordo com os *Princípios de Yogyakarta*, **toda pessoa tem direito a liberdade de opinião e expressão**, não importando sua orientação sexual ou identidade de gênero, e à **liberdade para buscar, receber e transmitir informações e idéias de todos os tipos**, incluindo idéias relacionadas aos direitos humanos, orientação sexual e identidade de gênero, por meio de qualquer mídia, e independentemente das fronteiras nacionais.

Segundo os *Princípios de Yogyakarta*, todas as pessoas, independentemente de orientação sexual ou identidade de gênero, têm direito à participação no **debate público** sobre a sexualidade humana.

Ainda de acordo *Princípios de Yogyakarta*, ninguém pode ser impedido de pensar, sentir e agir, segundo as normas do Direito. Assim, nenhuma organização ou grupo social pode impedir que as pessoas obtenham informações sobre a sexualidade humana e a diversidade de orientações sexuais e experimentem caminhos alternativos para a melhoria da sua qualidade de vida.

Face à legislação e de acordo com as experiências, pesquisas e teorias apresentadas neste livro, percebe-se que não existe nenhuma racionalidade nos argumentos das entidades que perseguem, intimidam, combatem e impedem a divulgação dos fatos sobre a homossexualidade e a possibilidade de os gays mudarem seu desejo sexual.

Espero que a leitura deste livro tenha contribuído para que você se torne um defensor dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

Notas

1- Cicero, Os Deveres .

2- “Declaração dos Direitos Sexuais” In: O Amor Entre Iguais, de Humberto Rodrigues.

3- A versão dos Princípios de Yogyakarta mencionados neste livro foi traduzida da versão original em inglês por Jones de Freitas e foi obtida em 12/03/2008, no site: http://www.sxpoltics.org/mambo452/_index.php?option=com_content&task=view&id=118&Itemid=143 -

Bibliografia

- AARDWEG, Gerard J. M. Van Den. A Batalha pela Normalidade Sexual e Homossexualismo. Santuário. 2000.
- ABERASTURY & SALAS. A Paternidade: Um Enfoque Psicanalítico. Artes Médicas do Sul. 1978.
- ALMEIDA, Pedro. Desclandestinidade: Um Homossexual Religioso Conta sua História. Summus. 2001.
- ARIES, R e BEJIN, A. (Org.) Sexualidades Ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Brasiliense, 1985.
- BERGER, Mário. Amor Restaurado. Palavra. 2000.
- BESSEN, Wayne R. Anything but Straight: Unmasking the Scandals and Lies behind the Ex-gays Myth. Harrington Park Press. 2003.
- BIDDULPH, Steve. Criando Meninos. Editora Fundamento. 2002.
- CABRAL, Alvaro e NICK, Eva. Dicionário Técnico de Psicologia. 14ª ed. revista e ampliada. Cultrix. 2006.
- CAPRIO, Frank S. Homossexualidade Feminina: Estudo Psicodinâmico do Lesbianismo. 3ª ed. Ibrasa. 1968.
- CARVALHO, Nelson Luiz. O Terceiro Travesseiro. 9ª Edição. ARX. 2005
- CASTANEDA, Marina. A Experiência Homossexual: Explicações e Conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. A Girafa. 2007.
- CICERO. Os Deveres. Tomo I. Escala. 2007.
- CIGAGNA, Solange Hilsdorf. Homossexualidade: A Terapia de Vidas Passadas... explica? Corps. 2003.
- CHARAM, Isaac. O Estupro e o Assédio Sexual. Rosa dos Tempos. 1997
- COHIP, Richard. Coming Out Straight: Understanding and Healing Homosexuality. Oakhill Press. 2000.
- CORNEAU, Guy. Pai Ausente, Filho Carente. Brasiliense. 1991.
- D'ANDREA, Flávio Fortes. Desenvolvimento da Personalidade. 6ª ed. Difel. 1984.
- DAVIDSON, Alex. The Return of Love. Inter-Varsity. 1977.
- DAWKINS, Richard. Deus: Um Delírio. Companhia das Letras. 2007.
- DEUTSCHMAN, Alan. Mude ou Morra: As Três Chaves da Mudança no Trabalho e na Vida. Best Seller. 2007.
- DOVER, K.J. Homossexualidade na Grécia Antiga. Nova Alexandria. 2007.
- FAIRCHILD, Betty e HAYWARD, Nancy. Agora que Você Já Sabe. Record. 1996
- FERREIRA, Renata Costa. O Gay no ambiente de trabalho: Análises dos Efeitos de Ser Gay nas Organizações Contemporâneas. Universidade de Brasília. 2007.
- FRANKL, Viktor. Em Busca de Sentido. Sinodal. 24ª ed. 2007

- GARFINKEL, Perry. No Mundo dos Homens. Melhoramentos. 1988.
- GABEL, Marceline. Crianças Vítimas de Abuso Sexual Summus Editora. 1997.
- GAGNON, John. Uma Interpretação do Desejo: Ensaio sobre o Estudo da Sexualidade. Garamond. 2006.
- GIKOVATE, Flavio. A Liberdade Possível. 3ª ed. revista. MG Editores. 2006
- GIKOVATE, Flavio. Homem: Sexo Frágil? 8ª ed. revista. MG Editores. 1989
- GOLDBERG, Herb. O Macho Secreto. Rosa dos Tempos. 1994.
- GOLDIN, Alberto. “Freud Explica”. 6ª ed. Nova Fronteira. 1989.
- GOLDWIN, Malcom. Quem é Você? 101 Maneiras de Ver a Si Mesmo. Pensamento. 2002.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional. 60ª ed. Objetiva. 1995.
- GUIDE, Andre. Corydon: Tratado de Homossexualismo. Gráfica Record Editora. 1969.
- GUIMARAES, Carmem Dora. Os Homossexuais Vistos por “Entendidos”. Garamond. 2004.
- HAMER, Dean. O Gene de Deus: Como a Herança Genética Pode Determinar Sua Fé. Mercury. 2008.
- HARRIS, Thomas A. Eu Estou OK- Você Está OK: Um Guia Prático para sua Auto-análise. 2ª ed. Record.
- HELLINGER, Bert. Or dens do Amor. Cultrix. 2001.
- HELLINGER, Bert. Para que o Amor Dê Certo. Cultrix. 2006.
- HITE, Shere. Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina. Difusão editora S.A. 1978.
- JARDIM, Eduardo. As Duas Vozes. Editora Civilização Brasileira. 2007
- JERSILD, Arthur. Psicologia da Criança. Itatiaia. 1977.
- JONES, Clinton R. Homosexuality and Counseling. Fortress Press. 1979.
- KONRAD, Jeff. You Don't Have to Be Gay. Pacific Publishing House. 1992.
- KRONEMEYER, Robert. Overcoming Homosexuality. Macmillan, 1980.
- LACOUÉ-LABARTH, Phillipe e NANCY, Jean-Luc. O Mito Nazista. Iluminuras. 2002.
- LIPTON, Bruce H. A Biologia da Crença. Butterfly. 2007.
- MARMOR, Judd (org). A Inversão Sexual: As Múltiplas Raízes da Homossexualidade. Imago. 1973.
- MCWHIRTER, David e MATTISON, Andrew. The Male Couple. Prentice Hall Direct. 1985.
- MEDINGER, Alan. Growth into Manhood. Waterbrook Press. 2006.
- MODESTO, Edith. Vidas em Arco-íris: Depoimentos sobre a Homossexualidade. Record. 2006.
- MORAES, Renate Jost de. As Chaves do Inconsciente. 23ª ed. Vozes. 2006.
- MORAES, Renate Jost de. O Inconsciente Sem Fronteiras. Vale Livros. 1995.
- MORRIS, Charles G. e MAISTO, Albert A. Introdução a Psicologia. 6ª Edição. Person Education do Brasil. 2004.
- NETHERTON, Morris. Vidas Passadas: Uma Abordagem Psicoterápica.

- Summus. 1997
- MOTT, Luiz. Crônicas de um Gay Assumido. Record. 2003.
- NICOLOSI, Joseph. Reparative Therapy of Male Homosexuality: A New Clinical Approach. Jason Aronson Inc. 1991.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Da Utilidade e do Inconveniente da História para a Vida. Escala.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Miscelânea de Opiniões e Sentenças: Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal, n°. 84. Escala.
- NYE, Robert D. As Três Psicologias. Pioneira Thomson Learning. 2002.
- OLIVEIRA, Iva. A Força da Fé: 30 Celebidades Revelam Histórias de Superação nos Momentos mais Difíceis da Vida. Original. 2007.
- PADILHA, Arlindo. Homossexualismo tem Cura Edição do autor.
- PAYNE, Leanne. Imagens Partidas. Sepal.2001.
- PEASE, Allan e Barbara. Por que os Homens Fazem Sexo e as Mulheres Fazem Amor?. Sextante. 22ª ed. 2000.
- RIESENFELD, Rinna. Papai, Mamãe, Sou Gay! Summus. 2002.
- RODRIGUES, Humberto. O Amor entre Iguais. Mythos. 2004.
- ROGERS, Carl Rogers. A Pessoa como Centro. Editora EPU. 1977.
- SANTOS, Mario Pedro dos. Sexualidade Masculina: Verdades e Mentiras. Thesaurus, 2ª ed. 2008.
- SATINOVER, Jeffrey Homosexuality and the Politics of Truth. Baker books. 1996.
- SHINYASHIKI, Roberto. Tudo ou Nada. Gente. 2006.
- SILVA, Helio R. S. Travestis, entre o Espelho e a Rua. Rocco. 2007.
- SILVA, Luiz Emilio da. Uma Vida Transformada - Confissões de um Ex-travesti, Editora Lio. 2007.
- SUPLICY, Maria. Sexo para adolescentes. FTD. 1995.
- SUTTER, Matilde Josefina. Determinação e Mudança de Sexo. Revista dos Tribunais. 1993.
- TAVOLARO, Douglas. O Bispo. Larousse do Brasil. 2008.
- VIANNA, Fabricio. O Armário: Vida e Pensamento do Desejo Proibido. 2ª ed. Edição do autor. 2007.
- VIEIRA, Galdino Nunes. Amor, Sexo e Erotismo. Casa Publicadora Brasileira. 1980.
- WEST, D.J. Homosexuality Re-examined Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.
- XAVIER, João Carlos. O Dia em que Nasci de Novo. 9ª ed. ampliada. CPAD.2001.
- WHITEHEAD, Neil e Briar. My Genes Made me Do It: A Scientific Look at Sexual Orientation. Hunting House Publishers. 1999.
- WILSON, Robert Anton. Psicologia Quântica. Madras. 2007.
- WINIBALD, Muller. Pessoas Homossexuais. Vozes. 2000.
- WINSTON, Robert. Instinto Humano: Como os nossos Impulsos Primitivos Moldam o que Somos Hoje. Editora Globo. 2006.
- WISTHQF, Roberto. Descobrir o Sexo. Ática. IIª edicao. 1999.
- WIZIACK, Julio. Abrindo o Armário. Jaboticaba. 2005.

Quem acredita que é possível mudar a orientação sexual?

Luiz Mott, professor de Antropologia, decano do Movimento Homossexual no Brasil e fundador do Grupo Gay da Bahia, GGB.

Marta Suplicy, psicóloga, sexóloga, ex-deputada federal e responsável pelo Projeto de Lei que cria a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo.

John Gagnon, sociólogo, sexólogo e mestre de Michel Foucault. Autor do livro *Uma Interpretação do Desejo*.

Michel Foucault, historiador e filósofo francês. Homossexual assumido e autor de dezenas de livros.

Marina Castañeda, psicóloga. Estudou em Harvard, Stanford e na École Normale Supérieure de Paris. Lésbica assumida e autora do livro *A Experiência Homossexual*.

Rinna Riesenfeld, sexóloga, terapeuta e autora do livro *Papai, Mamãe, sou Gay!*

Fabrizio Viana, psicólogo, homossexual assumido, militante gay e autor do livro *O Armário*.

Quem duvida?

Dráuzio Varella, médico cancerologista, formado pela Universidade Federal de São Paulo, USP.

Suzana Herculano-Houze, neurocientista da *Universite de Paris*, França, com pós-doutorado pela Max Planck Institut Für Hirnforschung, de Frankfurt, Alemanha.

Sérgio Luis Carrara, antropólogo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ.

Bruno Weismann, apresentador de TV. Homossexual assumido.

Júlio Wiziack, publicitário. Homossexual assumido, militante gay e autor do livro *Abrindo o Armário*.

Quem está com a razão?

Leia e descubra você mesmo!



9 788570 627711